

RAÍZES E RUMOS

ISSN: 2317-7705 online



**Encontros possíveis: arte, cultura e
extensão universitária**

v.9, n.2, julho / dezembro 2021





REITOR

Prof. Dr. Ricardo Silva Cardoso

VICE-REITOR

Prof. Dr. Benedito Fonseca e Souza Adeodato

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E CULTURA

Prof. Dr. Jorge de Paula Costa Avila

DIRETOR DE EXTENSÃO

Prof. Me. Julio Cesar Silva Macedo

COORDENADORA DE CULTURA

Ana Carolina Carpintéro

EDITORES

Prof. Me. Julio Cesar Silva Macedo
Fernanda Coutinho Sabino Scoralick

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Fernanda Coutinho Sabino Scoralick

BOLSISTA PRADIG

Mike Cavalcante

RAÍZES E RUMOS

v.9 n.2 julho/ dezembro 2021

Rio de Janeiro

ISSN 2317-7705 (online)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Raízes e rumos. — Vol. 1, n. 1 (2013-). — Rio de Janeiro :
UNIRIO, 2013- .
v. : il.

Semestral.

Revista oficial da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Inicialmente publicada em formato impresso pelo Departamento de Extensão, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, ISSN 0104-7035 (impresso).

ISSN 2317-7705 (online)

1. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. 2. ENSINO. I. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

Ficha catalográfica elaborada por Naira Silveira – CRB-7 6250

SUMÁRIO

Editorial

- Encontros possíveis: arte, cultura e extensão universitária.....07 a 08**
Jorge de Paula Costa Avila

Artigos Originais

- A educação das sensibilidades na extensão universitária: uma proposta lúdica e dialógica na ONG Atuação.....09 a 24**
Laura de Paula Resende, Cláudio Guilarduci, Winnie Minucci

- Pensar o futuro, lidar com o presente: UFRJ 2020, projeto experimental de curadoria.....25 a 43**
Michele Sales, Madalena Grimaldi, Felipe Amancio

- Arte e extensão no campo da saúde - elos em educação.....44 a 63**
Fernando Eduardo Zikan, Anielly Bastos Vaz de Jesus, Carina Costa Cândido de Souza, Clara Judithe de Jesus Nascimento, Daniela Raposo Dantas, Isabela Prado Malta, Maria Rita Simões Torres, Tabata Varzea Salles, Tiago Bastos Taboada

Depoimentos de Ação Extensionista

- Núcleo de Criação: ações formativas e culturais durante a pandemia de Covid-19. Encontros de Caracterização na Quarentena e série de videoartes "O importante é o que interessa" - Edição Quarentena.....64 a 77**
Mona Magalhães

- Rádio web palafita: comunicação cidadã no Dique da Vila Gilda, Santos (SP).....78 a 91**
Maria da Conceição Golobovante

- Projeto Rádio Zói d'Água: memória, música e poesia dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.....92 a 103**
José Carlos Freire, Nathália Petrocelio Fonseca, Herena Reis Barcelos, Gheidlla Jheynnata Mendes Nogueira, Rafael Lucas Santos Avelino

- Arquivos e decolonialidade: breves considerações acerca de uma abordagem necessária em pesquisa e extensão.....104 a 113**
Igor Gak, Nycole Toseli, Andressa Sousa da Costa, Anna Carolina Araujo Chipoco

- Cinema e arquivologia: uma relação interdisciplinar nas redes sociais de ensino, pesquisa e extensão.....114 a 124**
Rosale de Mattos Souza, Amanda Heloisa Souza Custódio, Pedro Velho de Sá

“Em estado de criação”: a arte de Habitar-se durante a pandemia..... 125 a 135
Michelle Dantas Ferreira, Vitória da Silva Bemvenuto Bonifacio, Wallace Araujo de Oliveira, Juliana de Souza Ferreira

Licenciaturas e Formação de Educadores/as Museais em Debate: relatos da experiência de uma atividade interdisciplinar.....136 a 146
Andréa Fernandes Costa, Jonatan Silva, Thatiana Antunes Vieira da Silva, Ana Cristina Prado de Oliveira

“O corpo expressa”: Rodas de Movimento Vital Expressivo por meio da Extensão Universitária para promoção da saúde e cultura.....147 a 157
Stephanie de Carvalho Maia, Paula Luciene Joaquim Pereira, Renata Flavia Abreu da Silva, Liliana Angel Vargas, Vanessa de Almeida Ferreira Corrêa, Andressa Teoli Nunciaroni



Editorial

As relações entre a produção artística das comunidades universitárias, a programação cultural das universidades e as atividades extensionistas no campo das artes e da cultura nem sempre são claras e perfeitamente compreendidas. O primeiro termo se refere à produção artística de docentes, discentes e técnicos, membros da comunidade acadêmica, vinculados ou não às unidades acadêmicas dedicadas a esses campos do saber acadêmico. Essa produção poderá ser exibida interna ou externamente à universidade. A programação cultural das universidades é a agenda de eventos culturais organizada e produzida por agentes internos ou externos à universidade, contratada para exibição nos campi, exclusivamente para a comunidade acadêmica ou aberta também para a comunidade externa. Assim, esses dois conjuntos de atividades possuem uma interseção, mas não são em geral idênticos. Já a extensão na área artística e cultural se configura como um espaço de intercâmbio e articulação de práticas, linguagens e saberes, onde se encontram criadores internos e externos à universidade. No encontro entre extensão, arte e cultura, o diálogo e a colaboração transmuros no fazer artístico e cultural põem em contato diferentes tradições, práticas e saberes, abrem possibilidades de experimentação e podem fazer emergirem novas linguagens e formas de expressão. A produção artística e cultural que é fruto desse tipo de colaboração é entendida, nesta edição, como um dos impactos maiores da prática extensionista sobre a experiência universitária, pois ela permite o enriquecimento epistemológico, ao valorizar a diversidade dos meios de gerar e disseminar conhecimentos, e ao estabelecer pontes entre o conhecimento científico e os mais variados saberes, sejam eles também acadêmicos, tradicionais ou ancestrais, comunitários ou emanados de quaisquer outras fontes.

Este número da Raízes e Rumos tem o propósito de valorizar esse encontro e apresentar, aos nossos leitores e leitoras, diversos projetos e programas de Extensão Universitária que utilizam o fazer e o fruir artístico-cultural como ferramentas de produção de conhecimento, formação cidadã e transformação social.



RAÍZES E RUMOS

Revista da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEXC

ISSN: 2317-7705 online
ISSN: 0104-7035 impresso



Agradecemos a valiosa contribuição dos/as autores/as dos trabalhos, a parceria do nosso Conselho Editorial e a dedicação dos/as pareceristas que nos auxiliaram na análise dos manuscritos.

Boa leitura!

Jorge Avila - Pró-Reitor de Extensão e Cultura da UNIRIO



A educação das sensibilidades na extensão universitária: uma proposta lúdica e dialógica na ONG Atuação

The education of sensibilities in the university extension: a ludic and dialogic proposal in Atuação (NGO)

Laura de Paula Resende¹
Cláudio Guillarduci²
Winnie Minucci³

Resumo

Este artigo objetiva apresentar e analisar as ações realizadas no programa de extensão universitária *Desempacotando a Biblioteca de São João del-Rei: Jogos, Brincadeiras e Teatro* que tem sido executado na ONG Atuação, situada na cidade de São João del-Rei em Minas Gerais (Brasil). A proposta do programa visa efetivar uma prática artístico-pedagógica focada na *educação das sensibilidades* e, também, na reflexão sobre os *pro-ductos estéticos pedagógicos* resultantes dessa prática. Serão analisadas as propostas executadas, no intuito de debater a forma como os estímulos são recebidos pelos participantes e quais reações expressas por eles. A partir de estudos acerca do papel do lúdico na infância, adentraremos em questões sobre as possibilidades subjetivas de se trabalhar o lúdico, este por si mesmo, como possibilidade de instigar a criticidade através da reconstrução da realidade.

Palavras-chave: Lúdico. ONG Atuação. Extensão universitária. Educação das sensibilidades.

Abstract

This article aims to present and analyze the actions carried out in the university extension program "Desempacotando a Biblioteca de São João del-Rei: Jogos, Brincadeiras e Teatro" (Unpacking the São João del Rei Library: Games, Plays and Theater), which has worked in the NGO Atuação, located in the city of São João del-Rei in Minas Gerais (Brazil). The purpose of the program aims to carry out an artistic-pedagogical practice focused on the education of sensibilities, and also on the reflection on the aesthetic pedagogical products resulting from this practice. The

¹ Discente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) - lauraresende7@gmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Arte Cênicas da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) - guillarduci@ufsjeu.br

³ Discente do Bacharelado em Teatro na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) - winnieminucci@gmail.com



performed proposals will be analyzed in order to discuss how stimuli are received by the participants and what reactions are expressed by them. From studies on the ludic role in childhood, we will address issues about the subjective possibilities of working the ludic, this by itself, as a possibility to instigate criticism through the reconstruction of reality.

Keywords: Ludic. ONG Atuação. University Extension. Sensitivity education.

1 Introdução

O programa *Desempacotando a Biblioteca de São João del-Rei (Ano III)* iniciou suas atividades em 2013 como projeto de extensão universitária do curso de Teatro da UFSJ. Coordenado pelo professor autor deste artigo e, desde o ano de 2015, funcionando como programa extensionista, vem se dedicando a investigar possibilidades de se trilhar caminhos para uma prática artístico-pedagógica capaz de estimular, durante o processo de ensino-aprendizagem, a *Educação das Sensibilidades*. Este conceito – que parte do corpo como ponto de convergência das emoções, sensações e sentimentos – busca meios pedagógicos com potencial para instigar o olhar crítico sobre essa convergência.

Por *Educação das Sensibilidades* entendemos as possibilidades pedagógicas que trabalham com o propósito de incluir e/ou problematizar as sensações, as emoções e os sentimentos como mecanismos de apreensão da realidade. A *Educação das Sensibilidades*, dito de outro modo, objetiva atuar no espaço pedagógico a partir da práxis, tendo o corpo como epicentro dessas pulsões e entendendo-o como a origem de onde brotam as reações diante da realidade. É nesse fazer que as sensibilidades possibilitam determinadas correspondências com o pensamento (PESAVENTO, 2007, p. 11-12).

A *Educação das Sensibilidades* parte do pressuposto de que o processo de ensino-aprendizagem vai além da compreensão racional e perpassa também o conjunto sensorial psicofísico do corpo, sem com isso estabelecer relações hierárquicas entre razão e emoção (PESAVENTO, op. cit., 12-14). Com esse objetivo em vista, a pesquisa que envolve o programa se debruça também sobre a reflexão



acerca dos *Pro-ductos estéticos pedagógicos*⁴ desenvolvidos durante a prática de ensino-aprendizagem. É necessário repensar o que seria essa produção artístico-pedagógica diante de uma perspectiva que não visa uma finalidade produtivista mercadológica, mas que possui no “aqui-agora” da práxis um fim em si mesmo: encorajar o olhar sensível e crítico ao mundo.

Além disso, no *pro-ducto* estético pedagógico, mesmo refletindo as ações e os pensamentos realizados durante a execução de um determinado trabalho, deve-se priorizar a experiência de um “estar-no-meio” de coisas e ações, pois a nossa perspectiva pedagógica para realização das atividades do programa entende que as ações pedagógicas trazem sempre uma suspensão da ordem comum vivenciada pelos sujeitos a partir de um movimento duplo. Esse movimento, conforme nos apresenta Simons e Masschelein (2017, p. 55), indica o “trazer alguém para uma posição de ser capaz, que é ao mesmo tempo uma exposição para algo fora e, portanto, um ato de apresentar e expor o mundo”. Nesse sentido, é revisto o significado da palavra “produto” em seu sentido etimológico latino de “conduzir para adiante”, “orientar para o caminho a ser seguido”.

Enquanto extensão universitária, compreendendo essa como a razão de ser das atividades acadêmicas, o programa extensionista entende que

a extensão é demarcada pelo contato proativo entre a universidade e a comunidade, ou seja, o contato com a comunidade não é uma possibilidade, mas o principal motor das atividades acadêmicas. E não se trata de um contato para simplesmente levar o conhecimento científico resultado da pesquisa e do ensino aos menos favorecidos, mas a possibilidade de repensar o próprio conhecimento científico e a formação acadêmica a partir de sua atuação. (GUILARDUCI; BAPTISTA, 2018, p. 9)

O programa *Desempacotando a Biblioteca* tem atuado, desde 2016, em parceria com a organização não governamental (ONG) Atuação – sediada no bairro Tijuco, em São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil – que se dedica a criar políticas públicas e ações socioculturais que promovam a integração, a diversidade e o desenvolvimento

⁴ GUILARDUCI, C; TALARICO, O. Pro-ducto estético pedagógico: uma (des)construção das percepções sensoriais (113-127). *As letras da política*. Rio de Janeiro, Mauad X. 2015.



humano, sobretudo dos moradores do bairro. Ali, o programa se encontra com a comunidade externa e, também, com setores à margem da sociedade, dedicando-se a oferecer oficinas de teatro, jogos teatrais e brincadeiras coletivas para crianças e pré-adolescentes entre oito e treze anos.

Tanto a ideia de *Educação das sensibilidades* quanto o termo *pro-ducto estético pedagógico* trazem apropriações dos conceitos trabalhados por Walter Benjamin e, especificamente, no presente programa, a apropriação ocorre a partir da sua obra *Rua de mão única* (1995), cujo fragmento “O caráter destrutivo” (p. 235-237) nos é precioso auxiliar metodológico ao longo da presente reflexão sobre os trabalhos realizados na ONG Atuação. Este recorte conceitual é importante referencial metodológico para pensar a prática pedagógica realizada na ONG Atuação e também serviu como norteador metodológico para elaboração da oficina “Jogos, Brincadeiras e Teatro”, ministrada pelas bolsistas do programa, oferecida no 30º Inverno Cultural da Universidade Federal de São João del-Rei, entre os dias 23 e 25 de julho de 2018, e que será analisada neste artigo.

2 O caráter destrutivo e sua atuação no terceiro setor

Na obra de Walter Benjamin (1995, p. 235-237) o *caráter destrutivo* aparece como a ideia de combate a tudo aquilo que está estabilizado, intocado e conservado como verdadeiro para abrir caminhos, novas possibilidades que se cruzam contrapondo-se a uma rua de direção única ou a construção de um único caminho. O *caráter destrutivo* valoriza o potencial das situações e assegura o pensamento dialético, por isso seu adversário é o “homem-estojo”, o burguês que vive aprisionado em sua “moradia-estojo” com a promessa de felicidade. Esse interior que cria a imagem de aconchego, conforto e segurança é o mesmo que o resultado de um raciocínio tecnocrático que busca acondicionar com perfeição seus moradores causando uma privação da vida pública.

O burguês, para Benjamin (1995), aspira fazer da sua morada um museu que reúne, no conforto da sua casa, uma coleção para que ele possa contemplar o mundo



a uma distância confortável. A acumulação de bens, de acordo com Bolle (2000, p. 379) é a representação desse “homem-estojo”, um colecionador que se torna uma espécie de “*flâneur congelado*”.

O caráter destrutivo tem a consciência do homem histórico, cujo sentimento básico é a desconfiança insuperável na marcha das coisas e a disposição com que toma conhecimento de que tudo pode andar mal. Por isso, o caráter destrutivo é a confiança em pessoa (BENJAMIN, 1995, p. 236-237).

O surgimento da potência renovadora, portanto destrutiva, urge quando a imobilidade, o acomodamento e a conservação das estruturas sistêmicas culminam no abandono, na ineficiência e na ausência de atuação do poder público diante dos problemas sociais que afetam determinadas parcelas da população. Por esta perspectiva é que o Terceiro Setor, já, há algum tempo, vem se consolidando como uma espécie de resposta ágil ao que parece ser essa urgência de renovação/destruição: ter o poder de intervir na estrutura e transformar sua ação em impactos no contexto social. Geralmente, as ações relacionadas a essas organizações reverberam a voz de um determinado grupo social que testemunha cotidianamente o engessamento das estruturas do poder público e o distanciamento de suas ações em relação a esse mesmo grupo, que percebe “a olhos nus” a força centrífuga que o empurra cada vez mais para longe das ações do Estado.

O Terceiro Setor pode ser entendido como uma complexa rede formada por instituições, fundações, associações comunitárias, organizações não governamentais (ONGs) e entidades filantrópicas, cuja constituição se dá por iniciativas privadas sem fins lucrativos frente às ações que executam (MENDES, 1999, p. 6-8).

Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, o Bairro Tijuco - no qual está sediada a ONG Atuação - além de ser considerado um dos bairros mais tradicionais da cidade, tem sua população estimada em 15.699 habitantes, sendo o segundo maior bairro do município de São João del-Rei e com o maior número de crianças e jovens da cidade. A ONG Atuação, fundada em 17 de março de 2005, se materializa pela criação do Pré-Vestibular Comunitário Atuação,



que contou com grande empenho da população que reside no município, especialmente a do seu bairro e, também, com o apoio da direção da Escola Estadual Professor Iago Pimentel, localizada no mesmo bairro.

O espaço de convívio da ONG surge na intersecção construída entre colaboradores voluntários e contratados, profissionais ou pessoas em profissionalização, pessoas no cumprimento de medidas penais e/ou socioeducativas mediadas pela justiça, estudantes das escolas públicas do bairro que buscam ali atividades extracurriculares e demais pessoas que eventualmente encontram na ONG algum tipo de suporte institucional capaz de suprir a ausência ou a ineficácia que marca a relação do poder público com o bairro onde a ONG está sediada.

3 O lúdico nos jogos teatrais

Enquanto prática que possui um fim em si mesmo, capaz de suscitar momentos de transformações da realidade, o jogo teatral e as brincadeiras dirigidas surgiram no contato com as crianças e pré-adolescentes que frequentam a ONG, como elemento-chave tanto para a percepção dos contextos aos quais as meninas e meninos estão inseridos, quanto para despertar neles a vontade de transformação.

O desafio que emerge, no entanto, é o de encontrar a medida justa durante as oficinas, capaz de instaurar a ludicidade no ínterim das relações. Uma vez que o jogo se apresenta enquanto prática, a condução dos jogos, pelas bolsistas, passa a cuidar de oferecer aos participantes a autonomia necessária para que eles mesmos alterem as regras do jogo em benefício da manutenção da ludicidade instaurada. Importante ressaltar aqui que cada jogo proposto não visa metas objetivas, nem estimular nada mais que as próprias relações sociais das crianças e dos pré-adolescentes, entendendo-se a *Educação das Sensibilidades*, aqui, como a possibilidade, através do lúdico, de despertar, mesmo que por instantes, o olhar crítico para a relação eu/mundo.

Ressaltando, via de regra, conforme salienta Guillarduci e Baptista (2018), que



“existe na realidade, um adestramento do lúdico na tentativa de fazer da brincadeira, do jogo, um instrumento que deve preparar a criança para a seriedade futura” (p. 17), os jogos e brincadeiras propostos pelas bolsistas tentam evitar ou subverter lógicas de relações já cristalizadas no comportamento das crianças e pré-adolescentes. O espírito de competição – que muitas vezes emerge na pergunta “quem sair, perde?” – levando diversas vezes à associação da derrota ao fracasso, a imposição da ordem pela força, o entendimento do espaço do jogo como espaço a ser conquistado, ou mesmo a autonomia de transformar as regras entendidas como ganho de poder, são exemplos dos perigos e dos pontos de tensão capazes de desequilibrar as relações lúdicas estabelecidas pelos jogos. O olhar dialógico surge então nas relações entre as bolsistas e as crianças e adolescentes participantes ao perceberem os paradigmas socioculturais que se infiltram no lúdico e tentar rompê-los através do próprio lúdico, tendo em vista que

A imposição de uma regra externa que pretenda garantir o resultado final da atividade lúdica é tão danosa quanto a crença de que o lúdico é indomável. Não se trata apenas de uma questão fisiológica e instintiva. Mesmo que parta de uma necessidade instintiva de aprender a sobreviver no mundo, o lúdico se desenvolve com a astúcia da experiência, ultrapassando a sua motivação arquetípica. É nesse ambiente em que o lúdico ultrapassa o seu impulso fisiológico que é possível pensar em uma atuação pedagógica. (GUILARDUCI; BAPTISTA, 2018, p. 19)

Os desafios de se manter a ludicidade em equilíbrio, fugindo dos paradigmas socioculturais que cercam a realidade dos participantes, imprimiu às oficinas e aos próprios jogos não um caráter de adestramento e disciplinamento das relações, mas um exercício de “astúcia e arrogância”, no sentido benjaminiano⁵, capaz de enfrentar uma estrutura de poderes da qual as crianças e pré-adolescentes talvez não saibam dimensionar, mas dentro da qual já estão inseridos.

⁵ Termo referente à corrente de pensamento associada aos estudos do filósofo alemão Walter Benjamin, neste caso, às teorias do filósofo sobre educação. Maiores explicações ver o artigo: GUILARDUCI, Cláudio. Em busca da felicidade perdida: a astúcia e a arrogância no caminho da iluminação profana. *Diacrítica*, [S.L.], v. 31, n. 2, p. 23, 3 out. 2018. University of Minho. <http://dx.doi.org/10.21814/diacritica.232>.



4 A oficina “Jogos, brincadeiras e teatro” no 30º Inverno Cultural da UFSJ

O Inverno Cultural é um evento de grande reconhecimento que acontece anualmente em São João del-Rei e conta com diversas atividades culturais como shows musicais, espetáculos teatrais, exposições, intervenções e oficinas. O evento é realizado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex) da UFSJ e tem tido impacto positivo tanto para a vida acadêmica de estudantes da Universidade quanto para a população do município por contar com intensa movimentação artística e cultural que almeja a descentralização desses acontecimentos.

A partir de reflexões sobre os trabalhos já realizados e que são fruto da parceria entre o projeto de extensão aqui abordado e a ONG Atuação, tomando por base relatos de participantes que já passaram pelo projeto, somados às percepções das bolsistas que propuseram a realização do trabalho, foi vista a necessidade de refletir sobre possibilidades metodológicas e estruturais que viabilizassem um melhor aproveitamento das atividades oferecidas na programação oficial do 30º Inverno Cultural da UFSJ.

Diante de um cenário muitas vezes excludente e não representativo, a ideia foi manter a oficina no espaço da ONG Atuação, voltando-a exclusivamente para o seu público, na busca por garantir e facilitar o acesso da população frequentadora da ONG, que é o público-alvo da oficina. Essa decisão se deu ponderando-se as possibilidades reais de que as crianças e adolescentes usuárias da ONG Atuação fossem as principais beneficiadas e responsáveis pela construção da oficina. Para isso, levamos em conta fatores como a facilidade de locomoção, visando o público-alvo que reside em sua maioria no bairro onde está localizada a sede da ONG Atuação. Também foram discutidos fatores que dizem respeito ao sentimento de pertencimento que as crianças já possuem em relação a este espaço.

Entendemos a necessidade de romper com barreiras simbólicas que ainda segregam os espaços acadêmicos e que partem da ideia de que o espaço da Universidade atende somente a uma elite socioeconômica e ignora as diversidades. Essa visão precisa ser revista e é de extrema importância que existam políticas



públicas que assegurem o direito de todas as pessoas estarem nesse espaço que antes fora segregado. Apesar de entender a universidade como um lugar do povo, neste primeiro momento decidimos por fortalecer a noção de pertencimento em relação a ONG Atuação como um espaço potente para a transformação.

5 Detalhamento da metodologia utilizada na oficina

A partir de tais observações sobre o Inverno Cultural e os espaços acadêmicos e não acadêmicos, pensamos sobre as possíveis maneiras de orientar a oficina de modo que essa contemplasse tanto as crianças e adolescentes que já participaram das atividades que são realizadas semanalmente pelo programa, quanto crianças e adolescentes que ainda não conheceram o trabalho que está sendo executado. Nesse sentido, optamos por realizar a oficina com base no método dos *viewpoints*, buscando aliar jogos e brincadeiras já presentes no cotidiano infantil aos exercícios de improviso que este método possibilita.

O método dos *viewpoints* foi desenvolvido primeiramente pela bailarina Mary Overlie e posteriormente reformulado por Anne Bogart (2017). Trata-se de um método recentemente desenvolvido e que propõe exercícios que exploram diversas possibilidades de composição de movimento a partir de variações de tempo e espaço. Por ser um método de fácil adaptação e que trabalha a partir de percepções sensíveis, esse pode contemplar diferentes públicos com realidades e idades distintas, como é o caso do público-alvo da oficina.

Uma das propostas que marcam a práxis dos trabalhos realizados em cooperação com a ONG Atuação, se deu por meio da criação de uma rotina de exercícios que eram repetidos semanalmente nos momentos de abertura e encerramento das atividades. Esses consistem em exercícios de escuta, relaxamento, atenção e reflexão. Além desses momentos de abertura e encerramento, nos dias em que se realizou a oficina que integrou o 30º Inverno Cultural da UFSJ, foram executadas outras propostas de jogos e brincadeiras construídas a partir de exercícios que hibridizavam o método dos *viewpoints* com brincadeiras lúdicas do



cotidiano infantil, tendo como pano de fundo os conceitos de *Educação das sensibilidades* e os *pro-ductos estéticos pedagógicos*. No primeiro dia foi feito um aquecimento lúdico utilizando balões sob a orientação de rebater os balões experimentando diferentes partes do corpo, com o objetivo de não deixar os balões caírem no chão. Após esse exercício e aproveitando os balões que estavam sendo utilizados, propusemos um momento de observação atenta e sensível desse objeto que é comum de nosso cotidiano e que pode ser visto como rico em possibilidades lúdicas. Em seguida, as crianças foram orientadas a caminhar pelo espaço e explorar diferentes formas de percorrer pequenos percursos (linhas, curvas, velocidades, planos etc.).

Em contraste a essas atividades, propusemos um momento de maior relaxamento no intuito de estimular a imaginação, a criação de imagens e situações que acontecem tanto na realidade cotidiana quanto nos sonhos. As crianças se acomodaram e fecharam os olhos enquanto ouviam a história de *Alice no país das maravilhas*, que foi narrada e musicalizada pelas proponentes. Ao final da contação, as crianças despertaram e responderam algumas perguntas que lhes foram feitas. Tais perguntas eram sinestésicas e pediam para que associassem uma cor, um cheiro e uma textura que remetesse à história contada. Para finalizar, cada criança criou uma cena, imagem ou ação que dialogava com o livro *Alice no País das maravilhas*, estando, para isso, livres para fazer uma adaptação fiel, simbólica ou que ressignificasse a narrativa. No segundo dia de oficina, retornamos ao exercício de percorrer pelo espaço experimentando formas diferentes de caminhar de acordo com orientações dadas, sendo acrescentado um estímulo diferente que consistia em andar observando os detalhes. Em certos momentos, durante esse exercício, pedíamos para que todos parassem e perguntávamos sobre algum detalhe do espaço a uma das crianças participantes. Em seguida, foi proposto um jogo que consistia em formar sequências numéricas da disposição de um dado utilizando somente os corpos e as disposições espaciais. Ambos os exercícios tinham por objetivo ativar um pensamento estratégico e de trabalho em grupo a partir de estímulos capazes de incentivar a atenção. A proposta seguinte consistiu em um jogo denominado



“quadrados de emoções”, em que cada participante desenhava um quadrado no chão e escrevia uma emoção de sua escolha dentro. Esses quadrados serviam para guiar movimentos improvisados que se realizavam de acordo com a emoção escolhida.

Após explorar composições de movimentos criados com base nas emoções escritas, propusemos um jogo de integração nomeado como “Vu! Há! Blim!”. Esse jogo consiste em uma troca ativa de movimentos que trabalham a atenção e a escuta, e funciona da seguinte forma: o grupo posiciona-se em círculo e uma pessoa inicia o jogo lançando os braços para frente direcionados para outra pessoa ao mesmo tempo em que diz “Vu!”. Em seguida a pessoa para qual a primeira se direcionou com o “Vu!” ergue os braços ao mesmo tempo em que responde com “Há!” e a partir de então as duas pessoas que se encontram ao lado da que recebeu o “Há!” fazem um movimento de corte com os braços enquanto pronunciam “Blim!”. Este jogo foi feito no intuito de ativar as percepções para as próximas propostas que encerrariam mais um dia de oficina.

Para as atividades finais, passamos orientações para que o grupo de participantes construíssem paisagens sonoras da seguinte forma: dividimos grupos de quatro pessoas em que cada grupo precisaria escolher um espaço qualquer (externo à ONG) para construir a sonoridade dos acontecimentos cotidianos daquele espaço. Na primeira versão a sonorização foi produzida utilizando apenas os corpos como instrumento e na segunda versão foram concedidos alguns instrumentos de sopro e percussão para serem utilizados.

No terceiro e último dia repetimos o jogo de integração em círculo “Vu! Há! Blim!” e somamos a esse outro jogo que segue uma mesma lógica estrutural, que chamaremos aqui de “Yá! Rondon! Xita!”. Esse funciona da seguinte maneira: em círculo, um a um estende a mão para a pessoa que se encontra ao seu lado direito ao mesmo tempo em que exclama “Yá!” e assim sucessivamente até que esses movimentos se tornem fluidos. A partir de então é introduzido outro comando que consiste em interromper esporadicamente a sequência de “Ya!” com um movimento de puxar os braços para trás e pronunciar “Rondon!” que serve para inverter o



sentido (horário ou anti-horário) dos movimentos sendo que o “Yá!” continua para a outra direção. Novamente, quando o jogo se torna fluido, é inserido o comando de “Xita!” permitindo que cada participante possa se direcionar não só para quem está ao seu lado, mas para qualquer pessoa do círculo. Para isso, é preciso que a pessoa participante lance os braços para a direção de alguém enquanto pronuncia “Xita!” e flexione levemente os joelhos e a pessoa para qual esta se direcionou é que decide como proceder com o jogo, podendo utilizar de “Yá!”, “Rondom!” ou “Xita!” e assim sucessivamente.

Acrescentamos a esses jogos características de variação de intenção que poderiam ser expressos corporalmente com mudanças de altura, velocidade e emoção. Aproveitando a formação de círculo, nos sentamos e propusemos um jogo que trabalhava a memória e que já possuía estrutura conhecida por algumas das crianças. Nesse jogo começávamos dizendo: “no meu zoológico tem!” - e acrescentávamos um animal - e assim sucessivamente até que todas da roda tivessem falado os animais já ditos pelas pessoas anteriores e acrescentado um de sua escolha. Em seguida, nos levantamos e ainda em roda propusemos a criação de movimentos onde cada um sugeria um movimento de sua escolha que era repetido por todas as pessoas até que se configurasse um tipo de “coreografia” criada a partir da contribuição de todos.

Com o aquecimento desses corpos, orientamos novamente a caminhada pelo espaço e introduzimos uma linguagem simbólica a partir de sílabas soltas e picadas em que se podia “entender” o que era dito apenas por via de expressão corporal potencializada. A história de *Alice no país das maravilhas* foi recontada, dessa vez, de forma sintética e diferente da primeira contação, uma vez que, foram as crianças e adolescentes ouvintes que compuseram a musicalidade. A partir disso, e como atividade final foram divididos grupos menores e cada grupo teve como tarefa produzir uma cena curta a partir da história e que tivesse, ao invés da linguagem comum falada, a linguagem testada no exercício anterior.

Para o encerramento da oficina foi sugerido que cada participante gravasse um curto vídeo contando como foi a experiência de participar das atividades, do que



mais gostaram, do que não gostaram e também que dessem sugestões sobre o que poderia ser feito de diferente. Esse retorno é de grande importância para que possamos refletir sobre o que foi executado e buscar maneiras para melhorar o desempenho das atividades, estimulando, assim, o diálogo entre comunidade acadêmica e comunidade externa.

6 Resultados

O retorno obtido das pessoas envolvidas na oficina, tanto crianças como pessoas que passaram pelo espaço durante a realização nos mostra um olhar atento e curioso da comunidade para o trabalho que está sendo feito, característica que julgamos ser um dos motores geradores para a realização do projeto nesse espaço. Alguns dos comentários feitos pelas crianças e adolescentes que aparecem nos vídeos gravados no último dia da oficina mostram esse olhar atento, ativo em busca de conhecer algo novo.

Duas das crianças participantes apontaram que a atividade que mais as agradaram foi a que envolvia a experimentação musical utilizando instrumentos antes desconhecidos pelas mesmas. Outra participante relatou ter gostado e achado bastante relevante o momento de composição de movimentos, chamando a atenção para o fato de essa atividade ter sido acompanhada com a reprodução de música clássica.

Sobre a *educação das sensibilidades* e o trabalho com os afetos, pudemos observar as emoções reais que foram trazidas pelas crianças e que demonstram a realidade na qual estão inseridas. Durante o jogo dos quadrados com emoção, por exemplo, apareceram gestos e frases que remetiam à religiosidade, ao amor romântico e à violência. O afeto foi estimulado durante as oficinas pela ludicidade das atividades, pela metodologia que envolve emoções, mas também pela relação estabelecida entre quem estava conduzindo a oficina e quem participava e se deixava ser conduzido.

Acreditamos que momentos de abstração e descanso são importantes para



um melhor aproveitamento das atividades e, para isso, a possibilidade encontrada para viabilizar esse descanso se voltou para a determinação de pequenos intervalos com lanches, no qual os alimentos eram trocados como se estivéssemos em um piquenique.

As palavras das crianças no último dia da oficina também vieram carregadas de afeto, demonstrando certa tristeza pelo encerramento, ansiedade para as próximas atividades do programa e muito carinho e cuidado da comunidade usuária da ONG Atuação para com as proponentes da oficina. Outras falas gravadas nos vídeos finais nos chamaram a atenção para certos comentários como o de uma participante que se mostrou dispersa durante as práticas, mas que se manteve sempre presente. A mesma relatou que “A aula é muito boa. Faz a gente ficar mais calma e ter mais paciência... Nós nos divertimos, nós brincamos e nós fizemos muita coisa...”, demonstrando afetividade em relação ao trabalho e mostrando um olhar ativo sobre as reverberações das atividades em seu corpo. É também a partir de relatos assim que podemos ter um retorno sobre as atividades para entendermos se essas estão sendo vistas como positivas pelo público-alvo.

Um dos pontos negativos que merece ser pontuado foi a baixa participação das crianças e adolescentes usuárias da ONG, fato que associamos à questão das crianças estarem de férias e, por isso, talvez, não pudessem se dedicar à oficina. Foram abertas quinze vagas sendo que no primeiro e no segundo dia tivemos seis participantes e no terceiro dia apenas quatro.

Sobre o espaço não formal de educação, ressaltamos a sensação de um não lugar, ou seja: não é para estar e sim para passar. Essa afirmação baseia-se na noção de que a educação formal no ensino regular já basta para compor o cotidiano de aprendizagem dessas crianças. Entretanto, devemos refletir sobre as condições básicas para o funcionamento desses ambientes. A precarização da profissão docente ou a falta do profissional da área de educação nesses ambientes é a queixa de forte recorrência.



7 Considerações finais

Fundamentado na ideia de *educação das sensibilidades* como possibilidade de se trabalhar num equilíbrio entre razão e emoção, partindo do entendimento sobre o “caráter destrutivo” como ferramenta fundamental na práxis é que construímos a oficina que foi ministrada no 30º Inverno Cultural da UFSJ. A oficina se realizou de forma positiva, considerando os moldes dialéticos pela qual foi pensada e fazendo acontecer proposições estéticas que partiram dos corpos ativos das crianças participantes.

A ideia que envolve o conceito de *pro-ducto* estético pedagógico foi debatida em encontros que antecederam e precederam a oficina entre bolsistas e coordenador com o intuito de discutir e refletir a práxis. É de expectativa do senso comum que trabalhos com práticas artístico-pedagógicas resultem em um produto final, algo para ser mostrado/apresentado. Essa expectativa nos faz perceber a função comercial de produção difundida no meio artístico educacional, noção essa que não contemplamos, mas que em contrapartida buscamos mostrar outras possibilidades arte-educativas capazes de transformar as realidades individuais e coletivas de quem participa.

Por essas razões, a oficina priorizou o estado presente, ou seja, propôs vivenciar o “aqui-agora” em contrapartida à idealização de um produto final a ser mostrado num tempo futuro. A experiência de “estar-no-meio” é prioridade das práticas pedagógicas propostas pelo programa de extensão universitária aqui abordado, sendo que a circulação de pessoas que frequentam e/ou colaboram com a ONG Atuação, assim como o olhar atento de transeuntes que passavam pela rua e se voltavam por instantes para observar as atividades constroem a experiência do fazer artístico objetivado pela proposta dialógica da extensão universitária.

Referências

BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995.



BOGART, A; LANDAU, T. **O livro dos viewpoints**: Um guia prático para viewpoints e composição. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BOLLE, W. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2000.

GUILARDUCI, C; BAPTISTA, M. R. O lúdico na educação: a questão do método. Baptista, M. R. (Org.). **Ludicidade e educação**: Diálogo. Barbacena: EdUemg, 2018. p. 17-31.

GUILARDUCI, C; TALARICO, O. Pro-ducto estético pedagógico: uma (des)construção das percepções sensoriais (113-127). **As letras da política**. Rio de Janeiro, Mauad X. 2015.

GUILARDUCI, Cláudio. EM BUSCA DA FELICIDADE PERDIDA: a astúcia e a arrogância no caminho da iluminação profana. **Diacrítica**, [S.L.], v. 31, n. 2, p. 23, 3 out. 2018. University of Minho. <http://dx.doi.org/10.21814/diacritica.232>.

PESAVENTO, S. Sensibilidade: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique (Orgs.). **Sensibilidades na história**: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 9-21.

SIMONS, M; MASSCHELEIN, J. Experiências escolares: uma tentativa de encontrar uma voz pedagógica. LARROSA, J. (Org.). **Elogio da escola**. Tradução Fernando Coelho. Belo Horizonte, Autêntica. 2017, p. 41-63.



Pensar o futuro, lidar com o presente: UFRJ 2020, projeto experimental de curadoria

Think about the future, deal with the present: UFRJ 2020, experimental curatorial project

Michele Sales¹
Madalena Grimaldi¹
Felipe Amancio²

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir acerca do projeto curatorial UFRJ 2020³, realizado no ano de 2015, com apoio e financiamento da Decania do Centro de Tecnologia e da Escola de Belas Artes, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O ciclo de exposições, realizadas entre abril e agosto de 2015, foi integrado como atividades do projeto de extensão Escola Atitude de Comunicação e Artes⁴, realizado entre 2013 e 2016, fazendo com que as ações do projeto curatorial e de extensão/ensino estivessem interrelacionadas.

Palavras-chave: Extensão. Cultura. Curadoria.

Abstract

This paper aims to reflect about the curatorial project UFRJ 2020, held in 2015, with support and funding from the Dean's Office of the Center for Technology and the School of Fine Arts, both at the Federal University of Rio de Janeiro. The cycle of exhibitions, held between April and August 2015, was integrated as activities of the extension project Escola Atitude de Comunicação e Artes, held between 2013 and 2016, making the actions of the curatorial project and extension/teaching interrelated.

Keywords: Extension project. Culture. Curatorship.

¹Docentes Associadas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - sales.michelle@gmail.com; mgrimaldi@eba.ufrj.br

² Discente da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro - felipeab@live.com

³ Mais informações, fotos, vídeos, entrevistas e arquivos no link: <https://www.facebook.com/Projeto-CT-EBA-UFRJ-2020-362273457292328>

⁴ Sobre o projeto Escola Atitude de Comunicação e Artes, mais no link: <https://escolatitudo.wordpress.com/about/resumo-do-projeto-para-a-jic/>



1 Introdução

O dia seguinte ao sonho, a profecia que ousou proferir uma data. Um olhar do futuro lançado em retrospecto sobre um projeto finalizado, mas também reflexão, balanço entre expectativas e conquistas, do que se passou, do que nem mesmo chegou e ficou por vir. É como nos situamos, pois não se trata apenas de revisitar e refletir sobre um projeto curatorial, interdisciplinar, intersetorial, entre a Escola de Belas Artes e o Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas de repensar, neste momento crítico, a continuidade e sobrevivência, em especial, desta mesma universidade.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo descrever e refletir acerca do projeto curatorial UFRJ 2020⁵, realizado no ano de 2015, com apoio e financiamento da Decania do Centro de Tecnologia e da Escola de Belas Artes, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O ciclo de exposições, realizadas entre abril e agosto de 2015, foi integrado como atividades do projeto de extensão Escola Atitude de Comunicação e Artes⁶, realizado entre 2013 e 2016, fazendo com que as ações do projeto curatorial e de extensão/ensino estivessem interrelacionadas. Foi pensado, inicialmente, como um projeto capaz de pensar as transformações, reformas, ampliações e inauguração de novos prédios localizados no campus do Fundão, e de refletir acerca da função social da universidade e sua projeção para o futuro, bem como o tipo de ocupação e uso dos seus espaços feitos por estudantes, funcionários e professores. Pretendemos representar esteticamente o espaço da UFRJ, devolvendo um olhar atento e crítico através desse gesto afetivo que culminou na criação dos trabalhos.

UFRJ 2020 foi um projeto curatorial composto por três exposições (*Project landscape* de Fabrício Cavalcanti; *Espécies de Espaços*, de César Baio; e *Linha Vermelha* de Tiago Batista) que ocuparam o *hall* do prédio do Centro de Tecnologia (CT) da

⁵ Mais informações, fotos, vídeos, entrevistas e arquivos no link: <https://www.facebook.com/Projeto-CT-EBA-UFRJ2020-362273457292328>

⁶ Sobre o projeto Escola Atitude de Comunicação e Artes, mais no link: <https://escolatitude.wordpress.com/about/resumo-do-projeto-para-a-jic/>



Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizado na Ilha do Fundão. O projeto realizado no primeiro semestre de 2015 tinha a proposta de explorar artística e criticamente o Plano Diretor da Universidade Federal do Rio de Janeiro - PD UFRJ-2020, aprovado pela reitoria no final de 2010. Já nos encontrávamos, portanto, a meio caminho da data prevista para sua implementação, uma grande reestruturação administrativa e urbanística que viria celebrar o centenário da universidade, a primeira do Brasil. No entanto, se naquele momento, perto do término do prazo, a concreção das propostas ambiciosas e utopias da computação gráfica elaboradas num período de amplo desenvolvimento econômico, social e de estabilidade política já parecia improvável, hoje, com a distância de alguns anos, é sabido que ela não se efetivou.

Não há conforto nessa distância, curta demais para uma reflexão histórica e sem amplitude para vislumbrar um horizonte de futuro, cada vez mais ofuscado pelo adensamento do autoritarismo e obscurantismo. De lá para cá, apenas para mencionar alguns eventos, a primeira universidade, ainda que insulada, sofreu duros golpes que comprovam suas ligações com os rumos do país, e esses foram: logo no ano seguinte, 2016, o misterioso incêndio na reitoria que acarretou na queima de documentos importantes e desalojou mais uma vez a Escola de Belas Artes, dispersa e ainda sem sede; o *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, em seguida; o incêndio que destruiu o Museu Nacional-UFRJ em 2018, logo após as comemorações de seus duzentos anos; e o impiedoso corte de verbas que acarreta não só na precarização da já comprometida infraestrutura, mas também na inadimplência com as contas básicas, com os terceirizados da manutenção e limpeza, na falta de verbas para projetos e pesquisas que dão retorno à sociedade, assim como assistência estudantil, fazendo com que o orçamento despenque aos níveis de mais de uma década atrás⁷.

⁷ ALFANO; NIKLA. Com o dobro de alunos, universidades federais têm mesma verba de 2004 e podem parar em julho. O Globo, 2021. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/com-dobro-de-alunos-universidades-federais-tem-mesma-verba-de-2004-podem-parar-em-julho-1-25006888>>. Acesso em 14 de agosto de 2021.



Apesar de todo esse retrocesso agravado pela pandemia e a desmobilização que compele, a UFRJ se mantém no topo dos *rankings* das melhores universidades do Brasil e da América Latina, se tornou mais diversa com o aumento de estudantes negros e indígenas, e pode se orgulhar da criação de uma vacina para combater a Covid-19⁸. Essas são as constatações do ano seguinte ao que foi sonhado no Plano Diretor de 2020, acontecimentos que não podem ser ignorados, pois se interpõem entre o momento presente e as atividades passadas sobre as quais refletimos, e também as redimensionam.

Em vista disso, como rever as fotografias do artista visual Fabrício Cavalcanti, suas cenas em tons metálicos de ambiência industrial, maquina? Quais sentidos recebem os prédios futuristas e guindastes abandonados em paisagens desérticas, desabitadas? Quanto aos trabalhos de César Baio, artista multimídia, como repensar as panorâmicas criadas por aplicativos de celular, fotografias, que mais do que abarcar a totalidade de um horizonte, inserem cortes, buracos, pontos cegos ao explorar as falhas do próprio aplicativo, que cria transições ao invés de limites entre espaços. Não nos encontramos atualmente cada vez mais imersos nesse mundo digital, por uma conectividade mais intensa, ininterrupta que também esfumaça as fronteiras com o mundo analógico? Por último, as fitas do artista visual português Tiago Batista, rolos e mais rolos a formar um desenho chamado de “Linha Vermelha” no qual as imagens de ossos e engrenagens se sobressaem entre o abstrato e o figurativo, conjugando também os opostos homem e máquina, por interconexões que aludem a cabos e artérias. Como rever essas relações e caminhos, neste momento em que o acesso à universidade não tem se dado pela homônima via expressa?

⁸ LOPES, Raquel. Anvisa recebe pedido de realização de estudo de vacina contra Covid da UFRJ. não paginado. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/anvisa-libera-estudos-clinicos-de-vacina-contracovid-da-ufjr.shtml>>. Acesso em: 14 de agosto de 2021



Figura 1: Hall do Bloco A Centro de Tecnologia da UFRJ, 2015.



Fonte: Autor (2015)

Desse modo, revisitar o Projeto UFRJ 2020 não é mera nostalgia de um período pré-catastrófico, mas a chance de refletir sobre aquela experiência interdisciplinar, de parceria e diálogo entre o Centro de Letras e Artes e o Centro de Tecnologia – mas também com pessoas de fora da universidade, como os artistas – de intervenção no espaço universitário, pela qual mais do que se instalar, a arte propôs novos olhares, sensibilizou, intrigou, chamou atenção, ocasionou pausas num local de passagem. Neste momento de medo e incertezas, é importante não se paralisar e encontrar maneiras de resistência e continuidade para pensar no futuro mais por estratégias do que por utopias.

2 Desenvolvimento

Esta ação de extensão foi pensada inicialmente como um projeto capaz de refletir as transformações, reformas, ampliações e inauguração de novos prédios localizados no *campus* do Fundão, e de refletir acerca da função social da universidade

Raízes e Rumos, Rio de Janeiro, v.9 n.2, p. 25-43, jul.-dez., 2021



e sua projeção para o futuro, bem como o tipo de ocupação e uso dos espaços da universidade feitos por estudantes, funcionários e professores. Pretendeu representar esteticamente o espaço da universidade, devolvendo um olhar atento e crítico através desse gesto afetivo que culminou na criação dos trabalhos.

Rever o projeto de expansão da UFRJ proposto em 2015, agora em 2021, representa, como pontuamos, deparar-se com enormes desafios. No contexto atual, atropelados pela pandemia, pelo ensino remoto e pelo isolamento social, aquilo que “prevíamos” cinco anos atrás através da fabulação em torno das obras em grande parte não aconteceu, embora, como veremos, a UFRJ “do futuro”, pensada pelo projeto de curadoria, já vislumbrava questões em torno da degradação dos espaços e do meio ambiente, da relação com a tecnologia e com o entorno hiper populoso da cidade.

Assim, o projeto curatorial UFRJ 2020 consistiu num ciclo de exposições/ocupações que aconteceram no espaço do Hall de entrada do Bloco A do Centro de Tecnologia, no campus do Fundão, da UFRJ. O espaço, por si, apresentava enormes dificuldades do ponto de vista da montagem por conta de sua dimensão e escala, e por não se tratar de um espaço expositivo tradicional.

Num recuo, entre os anos 1970 a 1990, é possível perceber um conjunto variado de transformações no campo da arte contemporânea onde se destaca o surgimento da figura do curador. O curador se torna um mecanismo importante no contexto da arte contemporânea, pois se traduz como uma espécie de “selecionador”, mas também “decodificador” de trabalhos de arte, em grande parte conceituais, imateriais, performáticos e que precisam de mediação com o público, convidado a interagir e alterar o sentido das obras cada vez mais. De acordo com Olu Oguibe:

[...] é no final do século XX e início do século XXI que a formação primordial dos curadores não é mais somente em história da arte ou filosofia, mas sim com “habilidades empresariais”. Isso quer dizer que, além de entendido de arte e de relações públicas, o curador ainda deve ser um burocrata, ou seja, saber trabalhar a favor da instituição em harmonia com o que ele especificamente quer apresentar de arte e o que a instituição deseja em número de visitantes e orçamento, além do público. O mesmo autor também destaca o compromisso “quase



clandestino” do curador para com a arte diante das especulações institucionais. (OGUIBE apud BARRETO, 2016, p. 2348).

Dessa forma, percebemos o trabalho de curadoria junto a instituições como o Centro de Tecnologia e a Escola de Belas Artes como um trabalho colaborativo e aberto e que esteve responsável pelo desenvolvimento do projeto, análise, seleção e acompanhamento da realização dos trabalhos de arte, produção das *vernissages* e *finissages*, organização de visitas-guiadas, de entrevistas com artistas e da elaboração de material para circulação na imprensa, assim como o catálogo da exposição. A curadoria também esteve envolvida na produção executiva e operacional do projeto.

Do ponto de vista operacional, o projeto de curadoria UFRJ 2020 consistiu para além da execução das três exposições: *Project Landscape*⁹, de Fabrício Cavalcanti, *Espécies de espaços*¹⁰, de César Baio, e *Linha Vermelha*¹¹, de Tiago Baptista. O projeto expositivo esteve acompanhado de material proveniente de pesquisa visual elaborado pela curadoria e sua assistência, disposto no *hall* de entrada do Centro de Tecnologia. Esse material de pesquisa contemplou a concepção e criação do campus do Fundão, disponibilizando fotografias obtidas em bancos de imagens e arquivos públicos da cidade do Rio de Janeiro.

⁹ Mais no link: <https://www.facebook.com/ufrjct/photos/a.831674366856369/1012478222109315/>

¹⁰ Mais no link: <https://www.facebook.com/events/1468041790153172/?ref=newsfeed>

¹¹ Mais no link: <https://www.facebook.com/362273457292328/videos/419925908193749>



Figura 2 - UFRJ 2020, público interagindo com material permanente da exposição.



Fonte: Autor (2015)

Ainda sobre a curadoria, percebemos a forma como este projeto curatorial, para além das exposições, consistiu também numa residência artística, pois todos os artistas selecionados para expor desenvolveram trabalhos *in loco*, através de pesquisa e imersão na vida do campus do Fundão. A orientação curatorial era a de propor trabalhos de arte *site specific* e que dialogassem com o espaço expositivo e com a questão da própria universidade. Segundo Olu Oguiibe em *O fardo da curadoria*:

A profissão de curador na arte contemporânea foi diversificada e ampliada para fora da estrita, e possivelmente obrigatória, associação institucional que a caracterizou nas décadas anteriores. Novos espaços e áreas da prática surgiram, incluindo, por exemplo, aqueles que hoje são ocupados de uma forma mais significativa pelo curador independente ou viajante, o qual é mais livremente conectado a galeria, museu ou coleção podendo ainda agenciar projetos de mercado ou consultoria para essas instituições, além de perseguir projetos fora da esfera institucional. (OGUIBE, 2004, p. 8).

Pensar em projetos de exibição fora dos espaços tradicionais implica também desdobramentos no campo da arte que, ao nosso ver, pressupõem o questionamento institucional dos espaços legítimos de exibição, circulação e legitimação de trabalhos de arte. Além disso, exposições fora dos espaços habituais repercutem uma



contundente crítica em torno das formas como o cubo branco¹², espaço consagrado do museu e das galerias, é, por outro lado, um instrumento autoritário, masculinista, europeu e branco de reprodução hegemônica de certas obras de arte. Esse processo de transformação e questionamento em torno dos espaços exibitivos tradicionais da arte marca a passagem do paradigma moderno ao contemporâneo e por isso, a partir dos anos 1960, torna-se cada vez mais comum obras, processos e práticas artísticas desinteressados pelos circuitos tradicionais de exibição e voltados para espaços não-institucionais e públicos. De acordo com a pesquisadora Zalinda Cartaxo:

Na tentativa de reavaliar os espaços institucionais, em si, idealizados, os artistas buscaram novos lugares, promovendo, conseqüentemente, novas manifestações estéticas. O espaço asséptico da galeria 'cubo branco', puro e descontaminado, foi substituído pelo espaço impuro e contaminado da vida real. Surgem os espaços alternativos para a arte: as ruas, os hospitais, os cruzamentos de trânsito, os mercados, os cinemas, os prédios abandonados etc. (...) Neste processo, os lugares não físicos também foram incorporados: os livros de artistas (múltiplos, considerados por alguns teóricos como exposições itinerantes), rádio, televisão, internet, jornais etc. O caráter plural da arte contemporânea capaz de conciliar diversas linguagens distendeu o seu suporte tradicional para uma escala urbana. A adoção destes espaços da vida cotidiana revela a vontade de reaproximação entre o sujeito e o mundo. A arte pública terá papel relevante neste processo, tendo em vista a sua inserção na cidade (agora lugar - realidade) e a sua relação direta e imediata com os transeuntes (agora o público de arte). (CARTAXO, 2009, p. 3).

Sobre a realização dos trabalhos *site specific*, ou seja, pensados de acordo e em diálogo com o espaço, percebemos que, ao longo da pesquisa e desenvolvimento das exposições, os artistas, a equipe de montagem e a curadoria estiveram envolvidos com dificuldades em torno da ocupação do espaço, da relação com o público e da preservação e conservação das obras. Assumimos o caráter transitório da ocupação e as obras foram convidadas a pensar um forte diálogo com seu entorno, imaginadas em

¹² Para aprofundamento, consultar o conceito de cubo branco em O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.



seu potencial de intervenção no cotidiano dos estudantes, funcionários e professores que, todos os dias, transitavam por ali. Para Zalinda Cartaxo:

Toda obra de site-specific constrói uma situação, isto é, estabelece uma relação dialógica e dialética com o espaço. Ao contrário da escultura modernista que manifestava indiferença pelo espaço ao manter-se sob um pedestal, revelando, assim, uma ausência de lugar ou de um lugar determinado, a obra de site-specific dá ênfase ao lugar ao incorporá-lo. Como realidade tangível, a arte site-specific considera os elementos constitutivos do lugar: as suas dimensões e condições físicas. Estas obras referem-se ao contexto ao qual se inserem oferecendo uma experiência fundada no 'aqui-e-agora', tendo em vista a participação do público (responsável pela conclusão das obras). O imediatismo sensorial (extensão espacial e duração temporal) revela a impossibilidade de separação entre a obra e o seu site de instalação. (CARTAXO, 2009, p. 4).

Por isso, consideramos que todas as obras realizadas ao longo do projeto curatorial UFRJ 2020 são obras *site specific*, são obras pensadas a partir do espaço em que são produzidas, em primeiro lugar, pois as obras tiveram a universidade como uma espécie de metanarrativa, um substrato principal de onde se partiu para imaginar e pensar a universidade do futuro. Para além disso, a realização e escolha dos materiais e equipamentos utilizados levaram em consideração a dimensão e escala do espaço que tínhamos para realização das exposições. A fim de não se perder visualmente num enorme hall de entrada, as obras pensadas levaram em consideração a necessidade de despertar a atenção dos transeuntes e conseguir estabelecer vínculos com o público. Dessa forma, o tipo de montagem esteve também condicionado à dimensão do espaço, o que fez com que a curadoria optasse, por exemplo, pela inserção de ruídos, já que o som é um forte elemento de intervenção.



Figura 3 - UFRJ 2020, exposição *Espécie de espaços*, 01 de junho de 2015.



Fonte: Autor (2015)

Nessa relação com o espaço, ao pensar sobre os desdobramentos em torno da ruptura com um circuito tradicional de exibição, foi importante pensar a universidade como um paradigma para compreender a condição urbana contemporânea. Foi preciso imaginá-la como um campo alargado, um espaço que engloba toda a sociedade e seu funcionamento e relaciona-se na sua exterioridade com diferentes espaços, como a casa, a escola, a cidade. Em 2015, mesmo que as obras apontassem um desgaste acentuado na relação com os espaços da universidade, marcando a forma como a precarização e o contingenciamento de recursos pode afetar de maneira distópica o futuro da universidade, havia um sentido de emergência e urgência no desejo de ocupação efetiva do espaço. Ninguém foi capaz de vislumbrar que, em 2020, o campus da universidade se tornasse um espaço completamente desertificado, radicalmente transformado pela necessidade do isolamento social causado pela pandemia da Covid-19. Ao invés da hiper população e das aglomerações, o que vimos em 2020 foi a desertificação do campus e o retorno do convívio pacífico entre os nativos habitantes da Ilha do Fundão: a diversa fauna e flora presente no arquipélago.



3 A universidade de ontem e a do futuro: o material didático da exposição

É possível pensar que ao longo das três exposições que compunham o projeto, uma quarta se alojou entre elas de modo permanente e discreto. Essa quarta exposição corresponde ao material didático e de contextualização do projeto, elaborado pelo assistente de curadoria Felipe Amancio, naquela época aluno do curso de História da Arte. Enquanto as três exposições exploravam a ideia da universidade do futuro, o material didático ali exposto, em mesas expositoras cedidas pela própria universidade, apresentava a história da criação da Ilha do Fundão e da construção de seus prédios, uma obra faraônica que se arrastou por décadas de impasses políticos. Para elaboração deste material, além da pesquisa bibliográfica, se realizou também uma seleção iconográfica, fotografias da construção da ilha que dão a ver os anseios construtivos de outra época. Quanto a isso, diferentemente do que se propaga no senso comum, a pesquisa mostrou que a ideia de criar um campus para a universidade, ainda que com prédios bastante distanciados, não foi projeto da ditadura militar – que pouco contribuiu para o andamento e finalização das obras – mas de outro governo autoritário, da ditadura Vargas que buscava não só resolver o problema de alocação de uma universidade em expansão numa cidade de terrenos escassos, mas de criar um modelo de universidade exemplar para o país (SALES, 2020, p.7)

Desse modo, justapor este material didático foi interessante não só para contextualizar historicamente, mas também para tensionar as expectativas futuras, assinalando o quanto elas ainda buscam retomar desejos antigos de um campus acolhedor, integrado e funcional que ainda não se realizou.

4 Sinergia entre ação cultural e projeto de extensão

O trabalho dos estudantes extensionistas do projeto Escola Atitude de Comunicação e Artes foi determinante para a execução de diversas etapas do projeto curatorial, sobretudo no desenvolvimento da residência artística. Entretanto, como ação de extensão proposta para produção de conteúdo audiovisual (englobando todas as etapas de criação de imagens: produção e pós-produção, edição não linear, *Raízes e Rumos, Rio de Janeiro, v.9 n.2, p. 25-43, jul.-dez., 2021*



legendagem, efeitos e circulação nas mídias sociais) e realização de oficinas, a ação de extensão, com o apoio dos extensionistas acompanhou também todas as etapas do projeto curatorial UFRJ 2020.

Os estudantes estiveram envolvidos no dia a dia da residência artística, realizando entrevistas, trabalhando no acompanhamento e execução da montagem das exposições ou mesmo documentando a criação dos trabalhos, as visitas realizadas e as vernissages através da criação de making offs, pequenos vídeos, entrevistas e teasers, supervisionados pela coordenadora do projeto de extensão. Pensamos a realização da residência artística como um lugar de formação e troca no campo das artes, um exercício pedagógico privilegiado que põe em interação o estudante com o fazer, e com o/a professor/professora. Concordamos com o pesquisador Marcos de Moraes que, em sua tese de doutorado, aponta que:

É possível identificar as residências artísticas como espaços específicos de criação artística, que se convertem em lugares de troca e reconhecimento, nos quais os artistas/criadores, com seus trabalhos/intervenções recuperam a complexidade e a diversidade, o significado e o valor das relações arte e vida. Nesse sentido, pensar sobre processos de criação, em deslocamento, como forma contemporânea de produção, na qual conceitos como participação, troca e vida coletiva se tornam peças fundamentais em uma estratégia de atuar. A residência é, nessa perspectiva, um instrumento de transformação ao promover o estabelecimento de relações mais amplas do que aquelas que se oferecem no ambiente escolar e mesmo em determinados circuitos de atuação ao mesmo tempo em que permite apontar alguns dos conflitos e contradições da relação entre arte e seus espaços, incluindo os de formação como a escola. (MORAES, 2009, p. 1).

Figura 4 - Bolsistas do projeto de extensão "Escola Atitude de Comunicação e Artes" trabalhando em parceria com o artista César Baio para o projeto "UFRJ 2020".



Fonte: Autor (2015)

É dessa forma que percebemos a relação dos extensionistas com o projeto curatorial e com a residência artística, como um espaço de formação e aprofundamento e como esfera de diálogo, troca e sinergia entre a produção cultural e a ação de extensão.

O primeiro vídeo realizado¹³ da ação de extensão para o UFRJ 2020, disponível na plataforma Vimeo, consistiu numa série de entrevistas com a curadoria, e com Fernando Ribeiro, então Decano do Centro de Tecnologia, e Fabrício Cavalcanti, artista expositor. Intitulado UFRJ 2020 e a partir do tema “Como seria a UFRJ do futuro?”, a produção audiovisual foi feita num cenário “futurista”, escolhido através de pesquisa visual entre espaços do campus da Ilha do Fundão com os estudantes extensionistas. O material foi produzido, filmado, editado pelos estudantes extensionistas, assim

¹³ Disponível no link:

https://vimeo.com/123741734?fbclid=IwAR2uhk0k0z4sJlMBx0_4Z0i99Ym1Pqu704M2I2QKxYJXdDgI_xI



como disponibilizado nas mídias sociais criadas para circulação e visibilidade do projeto curatorial UFRJ 2020.

Na sequência, realizamos, com apoio do Centro de Tecnologia da UFRJ, um percurso de barco em que filmamos praticamente todo o entorno do campus da Ilha do Fundão¹⁴, vista desde a Baía de Guanabara. Esse deslocamento teve como objetivo estabelecer um olhar externo e mais alargado para o projeto de construção da Ilha do Fundão e seus desdobramentos no tempo e espaço. Como apontamos no texto de catálogo do projeto curatorial, as obras de planejamento arquitetônico e urbanístico da construção da ilha:

[...] começaram antes mesmo da ilha ganhar forma, em 1948, o que possibilitou um rigor na execução do projeto. Jorge Machado Moreira, arquiteto de tendência modernista, foi convidado por Luiz Hildeberto Horta Barbosa, o então chefe do Escritório Técnico da Universidade do Brasil-ETUB, órgão responsável pela construção, para o cargo de arquiteto-chefe. Moreira e sua equipe conceberam um campus setorizado dispondo os prédios de acordo com a conveniência de suas atividades. Com a interligação das nove ilhas a cidade universitária ficou com extensão total de 5.957.460 m², dos quais 2.755.920m² correspondem às áreas aterradas. Para acelerar o ritmo das obras, canteiros de obras foram construídos nos próprios terrenos da universidade e funcionários do ETUB e seus operários passaram a residir em espécies de assentamentos. (SALES, 2016).

O andamento e a realização das obras de construção do campus, entretanto, enfrentaram inúmeros percalços, atrasos e interrupções, o que, pensado ao longo do tempo, pode ter colaborado para a degradação de diferentes áreas da universidade e seu entorno que percebemos hoje. Assim como outras grandes construções urbanísticas contemporâneas ao da Ilha do Fundão, o seu projeto de construção pode ser percebido como uma narrativa autoritária e excludente, utilizando mão-de-obra de grupos subalternizados/racializados que nunca frequentariam aquele espaço. O modernismo, como muitas e muitos críticos têm apontado recentemente, foi um

¹⁴ Disponível no link:

<https://www.facebook.com/362273457292328/videos/374834082702932/o35ayM4dc>

Raízes e Rumos, Rio de Janeiro, v.9 n.2, p. 25-43, jul.-dez., 2021



projeto identitário e de construção de um Brasil que fazia com que muitos fossem invisibilizada(o)s ou excluída(o)s.

4 Resultados alcançados: as exposições

A primeira exposição que iniciou o projeto de ocupação da entrada azul do Centro de Tecnologia impôs um olhar que aprofundou os anacronismos sensoriais e de infraestrutura que compõem o campus da Ilha do Fundão, oferecendo-nos imagens ambíguas e contraditórias de um tempo presente ao qual se somam o passado e o futuro da universidade com certa dramaticidade.

O Project Landscape¹⁵, primeira exposição, consistiu numa série de oito fotografias de dimensões variáveis e sua montagem foi proposta como um projeto visual espacial que escapou à redução da bidimensionalidade fotográfica e assumiu relevo, tridimensionalidade. As imagens feitas a partir dos espaços da Ilha do Fundão foram convertidas em esculturas, em imagens no espaço. As obras, porém, não são apenas um estudo sobre a paisagem do campus, como também sugerem uma fabulação crítica sobre a relação entre passado, presente e futuro degradado.

Para a realização do segundo trabalho “Espécies de Espaços”, de César Baio, os estudantes extensionistas participaram ativamente de diferentes etapas da criação artística. Como o trabalho de César estava implicado na criação de imagens audiovisuais e coleta de depoimentos de estudantes e residentes do campus da Ilha do Fundão, os extensionistas tiveram um papel muito significativo. Acompanharam e realizaram inúmeras entrevistas no alojamento, na vila universitária, nos refeitórios e nas cantinas.

O trabalho de Baio caracteriza-se por imagens panorâmicas realizadas no campus da Ilha do Fundão com um aplicativo de celular e uma videoinstalação. Cesar nos projeta em suas imagens para o futuro. O marco 2020 é mote para prognósticos e

¹⁵ Imagens no link: <https://www.facebook.com/Projeto-CT-EBA-UFRJ-2020-362273457292328/photos/pcb.377423129110694/377422205777453/>



premonições, alquimias e devaneios. Superpopulação, hiperconectividade, escassez de recursos. César Baio, em sua relação com o campus e ao longo da pesquisa fotográfica, cumpriu uma dupla função de catalogação ou classificação e imaginação/sugestão de espaços. Utilizando a panorâmica, que desde finais do século XVIII na pintura e meados do século XIX na fotografia, é técnica imbuída do desejo de ver tudo, o artista superpõe e altera espaços criando uma geografia em crise, desconstruindo, por outro lado, o olhar totalizante ao criar falsas panorâmicas, enganando a máquina, e intensificando a experiência do olhar. Esse falso olhar acaba por imprimir certa compressão de espaço e tempo tão própria da experiência contemporânea.

Por fim, a exposição que encerra o primeiro ciclo de trabalho do projeto curatorial UFRJ 2020 é uma aposta na construção imaginária de um futuro coletivo da nossa Universidade, representado aqui pelo pensamento estrutural e pela abstração da forma no traçado do artista português Tiago Batista.

Há várias mediações que podem ser feitas: o olhar estrangeiro, a permanência e a imersão do artista na vida laboral e produtiva do campus e o momento de agitação política universitária (que estava em iminência de greve em 2015¹⁶) em que aconteceu a montagem deste trabalho.

Do processo silencioso transcorrido por longos dias, parcialmente registrado em vídeo¹⁷ pelos estudantes extensionistas, que acompanharam todas as etapas do trabalho, e apresentado aqui como ação performática, o artista debruça-se sobre a incontornável situação do acesso ao nosso campus. Se há metáforas, lê-se: faixas de pedestre, vias de acesso, percursos tortuosos e estruturas incompletas, elementos de construção. “Construção”, aliás, tema confesso de trabalho e inspirado na música homônima de Chico Buarque.

O desenho executado a partir da colagem de fita adesiva vermelha no chão impõe duas ordens de experiência, nem sempre complementares: a primeira, transcorrer o desenho pelo chão, caminhando pelos espaços em que se permite,

¹⁶ Sobre a greve de 2015: <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2015/09/em-greve-ha-103-dias-ufjr-enfrenta-divisao-entre-setores-6713/>

¹⁷ Disponível em: <https://vimeo.com/131816931>



imaginando um dançar cotidiano do usuário nesta exposição. A segunda, exigindo um interesse maior, atravessa o desenho olhando-o de cima, invertendo a relação usual do espectador com a obra, colocando-o até mesmo acima desta. Parte da generosidade do trabalho, mas não só. Essa visão total do desenho permite perceber com maior clareza certa sinfonia criada por tais estruturas, por tal geometria e por tal abstração. Mais metáforas: partitura, ruídos visuais e o som da cidade. Construção que nos chegam aos olhos e ouvidos mais uma vez.

Já tendo experimentado o artista a realizar (?) outros desenhos em grande escala com fita adesiva, é necessário mencionar o recurso do abstracionismo e do uso mínimo de elementos, no caso: linha e cor. A opção pelo vermelho não se faz apenas em analogia à nossa tão conhecida via de acesso ao Fundão. Podemos considerar o trabalho de Tiago Batista no Brasil, no campus do Fundão, em diálogo com artistas brasileiros, como Cildo Meireles. Ao optar por rotas em vermelho, Tiago traça analogias com ordens simbólicas que se sobrepõem em nosso imaginário: violência, agitação política, engarrafamento e arrastões. Tiago opta por esse desvio, pelo desvio em vermelho. O vermelho de uma construção que se quer coletiva. E para o futuro.

Referências

ALFANO, Bruno; NIKLA, Jan. Com o dobro de alunos, universidades federais têm mesma verba de 2004 e podem parar em julho. **O Globo**. Rio de Janeiro, 07 de maio de 2021. Brasil; Educação. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/com-dobro-de-alunos-universidades-federais-tem-mesma-verba-de-2004-podem-parar-em-julho-1-25006888> [Acessado em agosto de 2021]

BARRETO, Karoline Marianne. Curadoria, obra, público e museu: o panorama da arte brasileira como exposição produtora de sensibilidades. Anais: **25º Encontro Anual da Anpap**, Porto Alegre, 2016. Disponível em:
<http://anpap.org.br/anais/2016/simposios/s2/karoline_marianne_barreto.pdf>
Acesso em: 09 de agosto de 2021



CARTAXO, Zalinda. Arte nos espaços públicos. A cidade como realidade. **O percevejo**, Vol. 1, n. 1, 2009. Disponível em <http://www.seer.unirio.br/opercevejoonline/article/view/431/380> Acesso em 05 de agosto de 2021.

LOPES, Raquel. Anvisa recebe pedido de realização de estudo de vacina contra Covid da UFRJ. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 9 de agosto de 2021. Coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/08/anvisa-libera-estudos-clinicos-de-vacina-contra-covid-da-ufrj.shtml> [Acessado em agosto de 2021]

MORAES, Marcos José de Santos. Residência artística: ambientes de formação, criação e difusão. Tese apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-29042010-093532/publico/Marcos_Jose_tese.pdf Acesso em 09 de agosto de 2021.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

OGUIBE, Olu. O fardo da curadoria. **Concinnitas**, vol. 1, n. 6, 2004. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/44475/30248> Acesso 05 de agosto de 2021.

Plano Diretor UFRJ 2020. Editado pelo Serviço de Mídias Impressas, Virtuais e de Produção Editorial da Superintendência Geral de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010.

[SALES, Michelle](#). **UFRJ 2020**. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes UFRJ, 2016 [Catálogo].

UFRJ é a melhor universidade do Brasil e a segunda da América Latina, diz estudo espanhol. **O Globo**. Rio de Janeiro, 09 de fevereiro de 2021. Brasil; Educação. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/ufrj-a-melhor-universidade-do-brasil-a-segunda-da-america-latina-diz-estudo-espanhol-24875845> [Acessado em agosto de 2021].



Arte e extensão no campo da saúde - elos em educação

Art and extension in the health area - links in education

Fernando Eduardo Zikan¹
Anielly Bastos Vaz de Jesus²
Carina Costa Cândido de Souza²
Clara Judithe de Jesus Nascimento²
Daniela Raposo Dantas²
Isabela Prado Malta²
Maria Rita Simões Torres²
Tabata Varzea Salles²
Tiago Bastos Taboada²

Resumo

Arte e Extensão se encontram com Saúde através da Educação. Elementos que compõem novo olhar sobre o fazer universitário, de forma dialógica, interdisciplinar e centrada nas pessoas. A arte tem atuado nos ambientes de saúde através da busca de soluções terapêuticas e de um ambiente acolhedor. Educação em Saúde comunica formas de se pensar terapias e, pela Arte, essa comunicação ocupa novos espaços. Nossa ação de Extensão aproxima esses ambientes levando Arte à Saúde e trazendo Saúde à Arte da Dança, voltada para artistas em formação, os empoderando em relação às suas tomadas de decisões e nos cuidados corporais. A partir dessa experiência nossa ação realizou frentes de atuação, ligadas ao acompanhamento das atividades remotas oferecidas, as aulas semanais sobre conteúdos de saúde para a prática da dança e o monitoramento do retorno das aulas práticas presenciais. Mudamos a Saúde pela Arte e na Cultura de Arte com Saúde.

Palavras-chave: Arte. Extensão Universitária. Educação em Saúde e Cultura. Dança.

Abstract

Art and Extension meet with Health through Education. Elements that make up a new look at university activities, in a dialogic, interdisciplinary and people-centered way. Art has operated in healthcare environments through the search for therapeutic

¹ Docente da Faculdade de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - fernandozikan@hucff.ufrj.br

² Discentes da Faculdade de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) -
aniellydejesus@gmail.com; costacarina0419@gmail.com; clarajudithe@gmail.com;
daniela__129@hotmail.com; isapradam98@gmail.com; maatorress06@gmail.com;
tabatasalles16@gmail.com; tiago.taboada@gmail.com



solutions and a welcoming environment. Education in Health communicates ways of thinking about therapies and, through Art, this communication occupies new spaces. Our Extension action brings these environments closer together, bringing Art to Health and bringing Health to the Art of Dance, aimed at artists in training, empowering them in relation to their decision-making and bodily care. From this experience, our action carried out fronts of action, linked to monitoring the remote activities offered, weekly classes on health content for dance practice and monitoring the return of in-person practical classes. We change Health for Art and the Culture of Art with Health.

Keywords: Art. University Extension. Health Education and Culture. Dance.

1 Introdução - arte e saúde

A arte não é algo que se opõe à ciência; faz parte da ciência - na verdade, faz parte de toda a experiência humana. O termo “arte” pode incluir uma diversa gama de atividades e é apresentado como um meio de inspirar mudanças positivas na saúde, tanto ao indivíduo quanto às comunidades. O uso dessas estratégias que promovem uma melhor saúde geral são duradouras e realmente sustentam a mudança de desfechos de doenças para um estado de bem-estar holístico. Os projetos artísticos têm um apelo amplo e podem ser altamente inclusivos; além disso, podem acomodar participantes com necessidades diversas e permitir que o potencial criativo inato seja realizado (HARTWELL, 2013).

Além disso, eventos artísticos e culturais são atividades de lazer que melhoram a qualidade de vida de seus participantes; oferecem benefícios físicos, mentais, sociais, educacionais e estéticos, além de relaxamento, resultando em melhora da qualidade de vida. Fatores de saúde física e mental são variáveis importantes que afetam o viver de um indivíduo. Uma boa saúde física não só aumenta a participação em várias atividades, mas também melhora a satisfação com a vida. Além disso, uma boa saúde mental melhora as atitudes e permite que as pessoas realizem seus desejos. Notavelmente, a qualidade das relações interpessoais é outra variável que influencia essa percepção do como viver: bons relacionamentos e apegos e o envolvimento na comunidade são fatores-chave para melhorar a



qualidade de vida dos indivíduos (LEE, LIN e HUNG, 2021).

Quando se pensa em um ambiente de saúde que se concentra nos resultados da prática baseada em evidências, a arte pode ajudar os profissionais de saúde a recuperar a sabedoria de saber e fazer o cuidar, que faz parte do processo de recuperação. Esta pode auxiliar os profissionais a reorientar o processo em oposição ao enfoque singular nos resultados. O fazer artístico é uma ferramenta pela qual os profissionais de saúde podem aprender e tolerar melhor a ambiguidade, que está no cerne da prática clínica (SINGER e KRUSE, 2019).

Dessa forma, há uma necessidade de se basear em dados relevantes e confiáveis para desenvolver princípios e recomendações para entidades que desejam encomendar e artistas que desejam liderar iniciativas participativas ou de arte pública que têm mais probabilidade de resultar em benefício sustentado para indivíduos e comunidades. Há um crescente corpo de evidências que mostram que as artes podem dar, e dão rotineiramente, uma grande contribuição para questões essenciais de saúde e da comunidade (HARTWELL, 2013).

Com a arte é possível ultrapassar os limites técnicos e insistir na dimensão existencial, humana, responsável, solidária, tolerante e no respeito às diversidades e, conforme Coscrato e Bueno (2011), constitui uma das dimensões de mudanças no cenário atual no campo da saúde em busca de uma assistência mais humanizada, ética e cidadã. A arte na saúde sinaliza uma postura política das novas práticas de saúde e assim faz referência justa às noções e ao ideal da integralidade. Esta intervenção com a arte apresenta uma crítica aos tradicionais métodos de ação, e propõe novas formas de relação entre os sujeitos, uma nova forma de cuidado (ROMAN, 2013).

Sendo assim, o objetivo deste trabalho, oriundo de um projeto de extensão que envolve fisioterapeutas, profissionais em formação em saúde e bailarinos, que alia transmissão de conhecimentos sobre o corpo e sobre a prática artística para evitar lesões e outros problemas da prática do ballet, é evidenciar os elos existentes entre arte, saúde e educação, sob a ótica da extensão universitária, e a importância da educação formadora, com o olhar voltado para a arte, em espaços de saúde. A



partir dessa experiência e de vivência em olhar o fazer terapêutico como prática de ensino, a ação de extensão, descrita neste artigo, realizou algumas frentes de atuação, ligadas ao acompanhamento das atividades remotas oferecidas aos bailarinos, às aulas semanais sobre conteúdos de saúde para a prática da dança e o monitoramento do retorno das aulas práticas presenciais em ambientes de arte, teatro, com toda segurança em saúde.

2 Desenvolvimento

2.1 As interfaces entre educação, arte e extensão

Uma forma de integrar educação e saúde é por meio da arte (VALLADARES, 2004). Compreende-se que a arte se configura como um elemento primordial para estabelecimento de um vínculo, pois possibilita trazer formas alternativas para entender suas percepções e também serve como uma ferramenta que os mesmos utilizam para expressar suas ideias, dúvidas e angústias vivenciadas (SILVEIRA et al, 2014).

Em 1982 a Organização Mundial de Saúde, por meio da Comissão Técnica de Novos Enfoques da Educação Assistencial Primária da Saúde, recomenda que tanto profissionais quanto comunidades passem a ser professores e educadores, no sentido de transferir os conhecimentos acadêmicos e populares, sendo papel de todos, independente da profissão ou do nível de formação. Cabendo a cada parte ensinar sobre sua “cultura da saúde”, crença e modos de atuação (MIRANDA, 2017).

Entrelaçar arte e educação significa produzir sentidos de aprendizagem que ultrapassem o mecanismo da técnica, tão arraigada na formação dos profissionais de saúde. Ensinar por meio da arte possibilita produzir experiências de aprendizado não padronizáveis pela instrumentalidade da razão, incentivando processos criativos capazes de forjar sujeitos do saber e da liberdade. (PIRES et al, 2009).

A educação para todos é a base da inclusão na educação. A UNESCO (2020) salienta que a equidade e a inclusão tornaram-se o coração da agenda 2030, pois a



distribuição desigual de recursos e oportunidades persiste. As características comumente associadas à desigualdade de distribuição incluem gênero, distância, riqueza, deficiência, etnia, idioma, migração, deslocamento, encarceramento, orientação sexual, identidade e expressão de gênero, religião e outras crenças e atitudes.

Assim como o modelo biomédico ultrapassado por suas características engessadas, hierarquizadas e verticalizadas que se postergam ao longo do tempo, o modelo educacional em saúde também segue o mesmo caminho, desconsiderando as diferenças históricas e sociais e as particularidades de cada indivíduo e seus contextos. Em todo o caso, vemos o indivíduo como agente passivo tanto no processo de cuidado da saúde como no ensino e aprendizagem sobre seus saberes em saúde. A mudança necessária nesse modelo inclui a pesquisa e a extensão como ferramentas de desenvolvimento, agrega valor tanto na experiência quanto na formação de profissionais, dá retorno à sociedade, valoriza as reflexões críticas e torna o processo mais transversal, construindo um indivíduo ativo no processo (COSTA et al, 2020). A extensão é “o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (NOGUEIRA, 2005).

Tendo em vista que a extensão é uma atividade que visa promover interação entre as instituições de ensino superior e outros campos da sociedade, através da produção e aplicação de conhecimentos articulados permanentemente ao ensino e à pesquisa, busca-se uma interação dialógica entre a sociedade e a comunidade acadêmica pela troca de conhecimentos e do contato e participação nas questões de grande complexidade do contexto social contemporâneo. Tal relação ocorre por um processo interdisciplinar, científico, cultural, tecnológico e político educacional (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018). Dessa forma, faz-se valer o preceito constitucional de indissociabilidade entre o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, constituindo assim os três pilares da Universidade. (PORPROEX, 2012).

Da implementação da extensão na formação acadêmica emerge a relevância da prática educacional pelo discente, ainda em formação, e não necessariamente



como prática exclusiva aos professores nos cursos de saúde, mas como parte da formação desses profissionais de saúde através de um processo pedagógico de “articulação entre ensino/extensão/pesquisa” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

Cabe citar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Nº 9.394/96, que compreende como processos formativos da educação o desenvolvimento “na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996). O papel da extensão, para além do que Silva (2011) acredita como “função social universitária”, busca aproximar a sociedade da universidade a partir da construção de uma via de mão dupla que o ensino-aprendizagem proporciona.

A extensão possui características que podem vir a contribuir para uma mudança no processo de ensinar e aprender que é feita de encontros entre alunos, professores e comunidades e tem a possibilidade de incorporar outros saberes e de ampliar a capacidade de reflexão sobre o conhecimento e os contextos de atuação profissional. A ideia do ensino articulado à extensão baseia-se em atitudes de reflexão, análise, tomada de decisão, articulação com o outro, a escuta atenta e as parcerias. Esta deve proporcionar a articulação entre a formação acadêmica, o conhecimento produzido neste espaço e a sociedade, a fim de intervir e contribuir com as mudanças sociais (TAUCHEN et al, 2013).

Em um processo de educação permanente e comunitária, a responsabilidade pelo desenvolvimento do ensino e aprendizagem é de todos os envolvidos nesta cadeia. A todo momento os indivíduos são educandos e educadores, participam ativamente de cada etapa da educação. Nesse sentido, a extensão cria condições para que cada um tenha papel relevante e para que todos se desenvolvam. Nessa ótica, se o conhecimento se mantém fechado entre muros, não há conhecimento (FEIO e OLIVEIRA, 2015) e o que defendemos neste trabalho é o movimento inverso a este



2.2 Arte e educação em saúde

Para propor um processo que vise cura, considerando toda a subjetividade contemporânea talvez engessada em processos muito rígidos de ações, seria preciso que “prescrevêssemos” poesia como se prescrevem vitaminas; a poesia, a sensibilidade e a criação artística como ferramentas privilegiadas de produção de saúde em nosso tempo (LIMA et al., 2015).

Para a prática da educação em saúde, acredita-se na utilização da arte como ferramenta propícia para o diálogo e a aproximação entre indivíduos/coletivos/profissionais de saúde sendo capaz de trazer à tona uma gama de significados culturais e sociais que, tendo resultado positivo, pode vir a ser um recurso terapêutico que aproxime profissionais de saúde e usuários de forma mais igualitária (DANTAS, 2010).

Uma vez que a arte possibilita o desenvolvimento de relações e diálogos mais próximos da vida cotidiana das pessoas, permite aproximações e trocas entre os universos, interpretações subjetivas, sofrimentos, compreensões de mundo e do próprio ser, em níveis não alcançáveis com apenas palavras e boas intenções (MASSETI, 1997; 2005; OLIVEIRA & OLIVEIRA, 2008).

Os atravessamentos entre a produção cultural e as práticas em saúde têm, no Brasil, uma longa história. Já na década de 1920 do século passado, enquanto Mário de Andrade escrevia um livro intitulado “Namoros com a Medicina”, o psiquiatra Osório César publicava críticas de arte nos jornais. Algum tempo depois, Nise da Silveira estimulava e produzia a primeira montagem de um texto de Artaud no Brasil, dentro de um Hospital Psiquiátrico; enquanto o crítico de arte Mário Pedrosa desenvolvia a ideia de que a principal finalidade de uma ocupação artística persistente e sistemática não é a produção de obras-primas. O mais importante, dizia ele, é o que adquire com tais atividades a pessoa que as realiza, o que essas atividades produzem numa vida (LIMA et al, 2015).

Para Castro et al (2015) há, atualmente no Brasil, uma marcada presença de ações culturais, atividades artísticas e práticas corporais que dinamizam o campo da



saúde, e, ao mesmo tempo, intensificam a produção de saúde em espaços tradicionalmente não designados para este fim. Essas atividades compõem o conjunto de estratégias voltadas para a construção de projetos de vida, a invenção de outras formas de participação social, promoção de espaços de troca e experimentação de modos inusitados de produção de valor.

Essa aproximação entre as artes, a saúde e a cultura fizeram emergir um novo campo de saberes em interface, o que redimensiona cada um dos termos. A saúde passa a ser relacionada, também, com a possibilidade de experimentar a criatividade, de participar das trocas sociais, de ter acesso às experiências culturais. Da mesma forma, as manifestações artísticas e culturais passam a ser compreendidas como capazes de contribuir para a produção de saúde e de subjetividade, podendo reorientar os modos do viver, de adoecer e de (se) cuidar (LIMA et al, 2015).

Podemos ainda citar, para a compreensão das relações Arte-Ciência-Saúde-Educação-Extensão, o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer, referenciado por Sato (2015), que já demonstrara como a ciência domina o modo de pensar das sociedades modernas, “encarregando-se” de toda explicação referente aos fenômenos da realidade, o que se torna ainda mais evidente em campos como a saúde. Enquanto isso, a arte foi sendo remetida ao campo da ficção.

Ao mesmo tempo em que a arte conquistou autonomia, ela se tornou restrita ao imaginário, ao irreal. Atualmente, há locais específicos para a realização da arte, que ficam deslocados da vida cotidiana. Para a vivência artística, torna-se necessário buscar museus, teatros, concertos, por exemplo. Mas, nesse mundo colonizado pelo raciocínio científico, a integração da arte ao cotidiano pode configurar uma linha de fuga ao tecnicismo, à lógica substantivamente instrumental das ciências, trazendo aberturas para dimensões do humano diversas daquelas apreendidas pelas tecnociências.

Quando se trata do cotidiano das práticas de saúde, por exemplo, aspectos associados à saúde, ao sofrimento ou, mesmo, à finalidade da vida – que passam, muitas vezes, despercebidos – podem ser colocados sob novas luzes. Questões referentes ao sentido da existência podem (e, muitas vezes, devem) ser evocadas



durante as ações de cuidado, e ter a competência de saber identificá-las e abordá-las diz respeito à humanização. Neste contexto, a arte pode ter um papel fundamental (SATO, 2015).

2.3 Ação de extensão: saúde e dança, um belo *pas de deux*

Estabelecer uma relação dialógica entre a academia e a instituição parceira, em uma abrangência interdisciplinar, na qual a Educação e a Saúde se articulam para ajudar nesse momento de mudança de ambientes e paradigmas, é o objetivo deste artigo, tendo o propósito de relatar as relações entre arte, saúde e extensão em uma ação de extensão realizada virtualmente para artistas em formação.

Intervenções artísticas podem impactar na redução dos níveis de estresse e ansiedade, no tempo de recuperação cirúrgica e de procedimentos, melhorias no humor, distração positiva, redução na necessidade de medicação para dores, melhora na comunicação entre o paciente e o cuidador.

A arte também pode ser utilizada para facilitar a comunicação a indivíduos e comunidades, aumentar a conscientização sobre questões de saúde, promover o envolvimento da comunidade e atingir grandes públicos. Uma das áreas em que a arte mostra influência é relacionada à saúde pública. A comunicação em saúde, por definição, torna as evidências interpretáveis, persuasivas e acionáveis. A mídia criativa, incluindo teatro, música e dança, dá sentido à saúde e informação e pode melhorar a compreensão, retenção e utilização da informação (SONKE et al, 2015).

O bailarino, artista, possui a necessidade de executar movimentos de alta intensidade e altamente treinados, nos quais os músculos e as articulações precisam, muitas vezes, produzir um trabalho além do que o físico consegue realizar por si mesmo (KENE e UNNITHAN, 2008).

Refletindo sobre essas alterações posturais e o intenso uso do corpo humano para esta prática, se faz cada vez mais necessária a divulgação de conhecimentos sobre essas alterações, a fim de que todos os profissionais que lidam com essa prática



tenham um total domínio sobre essas disfunções e possíveis lesões e, quando for necessária, a correta abordagem terapêutica (THOMAS e TAU, 2009; BIERNACKI et al, 2018).

O balé possui grande popularidade ao redor do mundo e apesar de parecer algo tão sublime, exige muitas horas de prática a fim de atingir tal utopia em movimentos extremamente complexos. Para chegar ao topo, muitos bailarinos passam por inúmeras dificuldades e precisam lidar com situações adversas, seja por fatores externos, como a pressão e a insegurança, seja por fatores internos, como distúrbios fisiológicos (WALTER e YANKO, 2018 e ZIKAN, 2019¹).

A necessidade de uma atuação fisioterapêutica direcionada para essas patologias, por meio de medidas analgésicas, anti-inflamatórias e intervenções que considerem o reequilíbrio biomecânico, através de análise precisa e exercícios específicos, se faz presente e indispensável no universo da dança (WYON, 2010; LIEDENBACH, 2010; STEINBERG et al, 2018).

É cada vez mais frequente a lesão ortopédica e traumática decorrente de anos de treinamento da dança devido às alterações posturais que esta prática promove e às repercussões que a sobrecarga provoca no corpo do bailarino (ZIKAN, 2020). Essas lesões ortopédicas e traumáticas podem se apresentar de diversas maneiras, como lesões por desgaste, por técnicas mal executadas, alterações anatômicas e lesões diretas, como por exemplo, quedas, entorse e afins (RUSSEL, 2010; PHAN, 2020).

A falta de assistência especializada no universo da dança e um despreparo na realização de suas atividades e na orientação quanto a condutas a serem realizadas, nos motivou a informar e atualizar os alunos e docentes de cursos de formação profissional em dança, de maneiras preventivas, para que evitem que as lesões ocorram nos seus corpos e nos de quem ensinarem (TWITCHETT et al, 2010). , Possibilitando, assim, que identifiquem o perfil lesional desta população e os fatores que facilitariam a prevenção e a abordagem terapêutica (LIEDENBACH, 2010).

A partir desse conhecimento, surgiu a ação de extensão “Saúde e Dança - um belo pas de deux” em 2016, idealizada por um docente do Curso de Fisioterapia, que



há mais de 15 anos trabalha com o diálogo entre a saúde e a arte. Esta ação conta com a participação de oito alunos de graduação em Fisioterapia, de diversos períodos do curso, desde os mais iniciantes aos formandos. Desde sua criação, os alunos do curso de Fisioterapia da UFRJ planejam e monitoram aulas teóricas e práticas sobre conhecimentos anatômicos e fisiológicos, a fim de promover maior troca de informações que influem sobre cuidados e prevenção, junto a alunos de dança, em processo de formação profissional.

Essas ações ocorreram de 2017 a 2019 com interações presenciais semanais, na sede da Escola Estadual de Danças do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, instituição parceira que mantém um tradicional curso técnico de formação de bailarinos. A vivência foi enriquecedora para ambos os grupos de alunos, que construíram formas de dialogar e compartilhar saberes entre si. Mas em 2020, dada a pandemia de Covid-19, as ações tiveram que ser suspensas de março a julho, retornando em agosto no formato remoto, o que se manteve até outubro de 2021.

Mesmo com as limitações físicas e com toda a sobrecarga emocional neste momento de pandemia, as ações de extensão unindo os alunos da saúde com os da arte, configuraram um espaço rico de compartilhamento de vivências e de experiências tanto corporais quanto psicológicas sobre o que se passava naquele momento atípico.

2.4 Saúde na dança - a necessidade de readaptar

Junto à atual pandemia de Covid-19, surgiu a necessidade de os alunos manterem suas atividades para não perderem condicionamento físico, porém em um outro ambiente. Este ambiente novo depende de espaço apropriado, boa conexão com a internet, orientação clara e bastante cuidado. Agora, principalmente durante a pandemia, os bailarinos precisam ter total consciência corporal e entender melhor os limites fisiológicos do seu corpo, para não serem ultrapassados e, assim, produzirem lesões.

As aulas online contribuíram para reiterar o entendimento da forma e do



ritmo do movimento como uma consequência da sensação e da percepção do peso, do espaço, do tempo e do fluxo (LESSA, 2020). A dança clássica, como outras formas de atividade física, exige do corpo humano adaptações, esforços e preparo que em muitos casos vão além do que aquele corpo é capaz de suportar (STRETANSKI, 2002).

É comum a associação entre saúde e a prática de esportes ou dança, que apesar de ocupar o meio artístico também é semelhante ao esforço de certos esportes, dependendo da modalidade; porém quando se trata de atletas e artistas de alta performance, as altas incidências de lesões musculoesqueléticas podem não indicar saúde de fato. No caso de bailarinos, a disciplina profissional construída ao longo de sua carreira, a tolerância à dor, a forte autocrítica e a cultura da perfeição são traços da identidade desse profissional (BOLLING, 2009). Para Zikan (2012) o corpo cênico do bailarino camufla um corpo lesionado, fatigado, danificado pelas atividades exigidas.

No que diz respeito à saúde na área da dança, além das preocupações musculoesqueléticas, as distorções de imagem corporal tornam esses profissionais grupo de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares devido à grande preocupação com a forma física (RIBEIRO e VEIGA, 2010).

A dança é uma atividade profissional com participantes que são pouco orientados quanto à necessidade de um diagnóstico precoce e uma assistência à saúde apropriada. Tem como foco de atenção uma atividade profissional específica, que requer grande capacitação física e mental para a execução da atividade e que traz, como consequência, um alto índice de morbidades (ALLEN et al, 2019).

Fatores pessoais, econômicos, psicológicos e físicos aumentam o estresse de bailarinos especificamente, que resultam em altos índices de lesões momentâneas ou permanentes e que podem levar ao fim do exercício profissional, o que influencia diretamente na qualidade de vida destes (STRETANSKI e WEBER, 2002).

O balé é uma prática de dança que exige alto desempenho e elevada demanda muscular e estrutural (WYON, 2010). Devido a isso, as lesões ocorrem, na maioria das vezes, por entorses, microtraumas, excesso de treino (que leva à fadiga



muscular), entre outras causas. Assim, em alguns movimentos, os bailarinos sobrecarregam determinadas áreas do corpo e promovem compensações, desequilíbrios e lesões musculoesqueléticas, modificam a biomecânica corporal, de forma predominante na cervical, lombar e membros inferiores, onde o tornozelo se configura como a causa mais frequente (COSTA et al, 2016).

O risco constante de ocorrer alguma lesão faz com que o bailarino sofra pressões frequentes para realizar sua atividade profissional e, quando ela acontece, ele passa a considerar aquilo como parte integrante de sua vida; o que acaba tornando, algumas vezes, mais difícil sua recuperação e a realização da atividade. Mesmo em um ambiente ideal, com linóleo, barras, espelhos e o toque, com o suporte do professor, que proporcionam maior atividade proprioceptiva, esse risco se mantém alto (WYON, 2010; COSTA et al, 2016).

Nesse sentido, mais importante do que “acertar” as sequências propostas ou desenvolver movimentos complexos, ficou evidente que a presença e a disponibilidade corporal estão relacionadas com o espírito investigativo do corpo em movimento. Sem a possibilidade de dançar fora de casa, a viagem aconteceu em casa e pelo mapa corporal (LESSA, 2020).

O corpo, tornando-se alvo de novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber (ZIKAN, 2012). Agregamos novas sensações, paramos em lugares ainda não visitados, descobrimos rotas, percorremos atalhos e extensões no caminho. Convidamos a propriocepção para uma dança mais consciente e ampliamos a relação corpo-casa (LESSA, 2020). Herdamos efetivamente um corpo dolorido, machucado e reticente aos riscos inerentes às experimentações, ao mesmo tempo em que somos convocados a vivê-las (ZIKAN, 2012).

Segundo Zikan (2019²) as condições ambientais e culturais parecem ser fatores causais para o desenvolvimento de distorções e distúrbios da imagem corporal. Quando se trata de bailarinos a busca por um padrão vai além dos parâmetros populacionais devido à exigência do padrão estético envolvida à medida que se profissionalizam.

A relação entre saúde e arte no campo da dança está intimamente ligada a um



corpo que não só é parte do sujeito, mas também instrumento da profissão. Para muitos, além da ocupação profissional e sua forma de sustento, na dança está também sua vocação (BOLLING, 2009). A saúde precisa traçar um caminho paralelo à dança, de consciência e conhecimento sobre o corpo e sua atuação, e não apenas na busca por reabilitação.

2.5 Educação em saúde para artistas - o papel realizado pela extensão universitária

O advento da internet possibilitou a expansão do conhecimento científico, econômico e histórico. Nesse contexto, a propagação mais rápida de informação teve seus prós e contras, e o poder de desinformação aumentou em proporções similares à rapidez da mesma (CARVALHO, LIMA e COELI, 2020). Com isso, tornou-se imprescindível a atuação dos profissionais de saúde em fornecer informações verídicas e confiáveis para a população, incluindo idosos, adultos, crianças e, nesse caso, bailarinos.

A relação entre fisioterapeutas e bailarinos pode ter duas funções: a de curar alguma disfunção e a de ensinar. Como profissional da saúde, o fisioterapeuta tem a responsabilidade não somente de tratar disfunções, mas de proporcionar uma visão biopsicossocial da vida dos bailarinos. E a partir disso, o fisioterapeuta pode promover maior conhecimento acerca da biomecânica do movimento corporal utilizado na dança, tal como a fisiologia geral do corpo e, instruí-los sobre a importância de manter uma boa saúde, tanto física quanto psicológica. Cabe salientar que há uma grande pressão para obterem um desempenho impecável nos encontros presenciais e, devido ao atual cenário pandêmico, isso se agrava pela ansiedade do retorno à rotina normal que parece ser tão incerto (ZIKAN, 2019¹; WALTER e YANKO, 2018; ZIKAN, 2019²).

A partir dessa experiência e de vivência em olhar o fazer terapêutico como prática de ensino, a ação de extensão realizou algumas frentes de atuação:

- i - Acompanhamento das atividades remotas oferecidas aos bailarinos - com



participação em aulas, orientações sobre dançar em ambiente domiciliar, seus cuidados com: pisos, calçados, ventilação, iluminação, alimentação e fadiga;

ii - Aulas semanais sobre conteúdos de saúde para a prática da dança;

iii - Monitoramento do retorno das aulas práticas presenciais em ambientes de arte, teatro, com toda segurança em saúde.

Esta última ação caracteriza claramente a modificação de planejamento da ação de extensão frente a uma solicitação do parceiro institucional. Dada a possibilidade de retorno às aulas, a Escola parceira solicita ao projeto ajuda no planejamento das ações de retorno. Como o parceiro tem, no projeto de extensão, sua ponte em relação à área da saúde, a extensão universitária compreende a demanda da comunidade escolar, analisa e avalia as condições e propõe soluções conjuntas para a saúde da população escolar.

O momento que vivemos, com o isolamento social, permitiu a vivência da importância da arte na vida das pessoas e o impacto disso em seu cotidiano frente às dificuldades como ação promotora de saúde.

3 Conclusão

Compreendemos que a arte se configura como um elemento primordial para estabelecimento de um vínculo entre atores envolvidos no processo de Educação em Saúde, onde a Arte torna-se um meio promotor da saúde populacional. Arte e Extensão rompem barreiras físicas e alcançam os locais de saúde e seus saberes.

Em períodos de isolamento social, afastamento das unidades de saúde e dos locais terapêuticos, a extensão universitária se mostra mais importante ainda, como um mecanismo acadêmico ágil para atender às demandas da comunidade frente às circunstâncias inesperadas de saúde e deslocamento social.

Quando utilizamos a arte para estabelecer esse elo, as potências alcançadas ultrapassam a relação terapeuta-paciente e conseguem fomentar ambientes de e para saúde da população.

Assim sendo, dada a necessidade de informar, formar, partilhar e multiplicar conhecimentos, a UFRJ oferece essa ação de extensão, do Curso de Fisioterapia, que



utiliza ambientes da Arte como ambientes promotores de Saúde, com adaptações, para oferecer encontros remotos e reflexões aos bailarinos da Escola de Dança do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e ao seu corpo social e familiares, para assim cumprir seu papel de dialogar com a comunidade frente às suas necessidades.

Analisando cinco anos de trabalho com o projeto, quatro turmas do curso de extensão concluídas e uma em andamento (aproximadamente 100 alunos), bailarinos profissionais formados e fisioterapeutas graduados tiveram a oportunidade de vivenciar, refletir e experimentar o impacto da Educação em Saúde, construída dia a dia, sobre o campo das Artes, e o quanto isto modificou a forma de se entender o corpo que está no palco tanto quanto o corpo que está no ambiente do cuidado. O dançar e o cuidar andam juntos nesse sentido.

Referências

ALLEN, C. P. et al. Sport, physical activity and physical education experiences: Associations with functional body image in children. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 45, p. 101572, nov. 2019. DOI: 10.1016/j.psychsport.2019.101572

BIERNACKI, J. L. et al. Risk Factors for Lower-Extremity Injuries in Female Ballet Dancers. **Clinical Journal of Sport Medicine**, v. Publish Ahead of Print, 24 dez. 2018. PMID: 30589745. DOI: 10.1097/JSM.0000000000000707

BOLLING, C.S. Relações do processo saúde e doença com o trabalho em bailarinos profissionais. **Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Universidade Federal de Minas Gerais**. Belo Horizonte, 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 20 dez. 1996.

CARVALHO, M. S.; LIMA, L. D. DE; COELI, C. M. Ciência em tempos de pandemia. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 4, 2020. DOI 10.1590/0102-311X00055520

CASTRO, E. D.; LIMA, E. A.; INFORSATO, E. A.; BUELAU, R. M. Developing socio-cultural technologies for mental health intervention in São Paulo, Brazil: interface of arts, health and culture. **World Cult Psychiatr Res Rev**. 2015.

COSCRATO, G.; BUENO, S. M. V. A luz da arte nos Centros de Atenção Psicossocial: interface com o cuidado. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 142-150, 2011. Disponível em:



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68480>. Acesso em: 9 ago. 2021.

COSTA, A. C. DE P. et al. Educação e Saúde: a extensão universitária como espaço para tencionar e pensar a educação em saúde. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 4, p. 21616–21630, 2020. DOI:10.34117/bjdv6n4-362.

COSTA, M. S. S. et al. Characteristics and prevalence of musculoskeletal injury in professional and non-professional ballet dancers. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 20, n. 2, p. 166–175, abr. 2016. DOI: 10.1590/bjpt-rbf.2014.0142.

DANTAS, M. B. P. Educação em Saúde na Atenção Básica: sujeito, diálogo, intersubjetividade. **Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz**. Recife, 2010.

FEIO, A.; OLIVEIRA, C. C. Confluências e divergências conceituais em educação em saúde. **Saúde e Sociedade**, ISSN 1984-0470. v. 24, n. 2, p. 703–715, jun. 2015. [Acessado 19 Julho 2021], pp. 703-715. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000200024>>.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Vozes, 2011.

HARTWELL H. Arts and Health. **Perspectives in Public Health**, v. 133, n. 1, p. 2–2, jan. 2013. PMID: 23307990. DOI: 10.1177/1757913912469305.

KENE, E.; UNNITHAN, U.B. Knee and ankle strength and lower extremity power in adolescent female ballet dancers. **Journal of Dance Medicine & Science: Official Publication of the International Association for Dance Medicine & Science**, v. 12, n. 2, p. 59–65. 2008. PMID: 19618580.

LEE, C.-W.; LIN, L.-C.; HUNG, H.-C. Art and Cultural Participation and Life Satisfaction in Adults: The Role of Physical Health, Mental Health, and Interpersonal Relationships. **Frontiers in Public Health**, v. 8, 21 jan. 2021. DOI: 10.3389/fpubh.2020.582342. PMID: 33558844; PMCID: PMC7864897.

LESSA, H. T. Aulas de dança em tempos de pandemia: (oscil)ações de uma professora-artista. **Revista de Arte, Educação, Profissionalização e Comunidades**, v. 1, n. 2, 2020.

LIEDENBACH, M. Perspectives on dance science rehabilitation understanding whole body mechanics and four key principles of motor control as a basis for healthy movements. **Journal of Dance Medicine & Science: Official Publication of the International Association for Dance Medicine & Science**, v. 14, n. 3, p. 114–24. 2010.



LIMA, E. A. et al. Interface arte, saúde e cultura: um campo transversal de saberes e práticas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 55, p. 1019-1022, dez. 2015. D10.1590/1807-57622015.0680

MASETTI, M. Clown's Solutions for Hospitalized Children. In: Eighth International Society for Humor Studies Conference, 1997, Oklahoma. **Abstracts Of The Eighth International Society For Humor Studies Conference**. Oklahoma: university of Central Oklahoma, p. 27-27, 1997.

MASETTI, M. Doutores da ética da alegria. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, n. 17, p. 453-458, ago. 2005. DOI: 10.1590/S1414-32832005000200026.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (BRASIL). Conselho Nacional De Educação - Câmara De Educação Superior. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências, 2018. Disponível em: <https://extensao.ufrj.br/images/LEGISLACAO/CNE---Resolucao-n-7-de-18-de-dezembro-de-2018.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2021.

MIRANDA, C. G. L. Arte na educação em saúde: ensino e aprendizagem para transformar relações. **Tese (Doutorado em Inovação Terapêutica) - Universidade Federal de Pernambuco**, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/26625>. Acesso em: 29 jul. 2021.

NOGUEIRA, M. D. P. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

OLIVEIRA, R. R. DE; OLIVEIRA, I. C. DOS S. Os Doutores da Alegria na unidade de internação pediátrica: experiências da equipe de enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 12, n. 2, p. 230-236, jun. 2008. DOI: 10.1590/S1414-81452008000200005

PHAN, K. et al. Prevalence and unique patterns of lower limb hypermobility in elite ballet dancers. **Physical Therapy in Sport**, v. 41, p. 55-63, jan. 2020. PMID: 31759239 DOI: 10.1016/j.ptsp.2019.11.005

PIRES, M. R. G. M. et al. Diálogos entre a arte e a educação: uma experiência no ensino da disciplina de administração em saúde. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 559-567, set. 2009. DOI: 10.1590/S0104-07072009000300020

PORPROEX, Política de Extensão Universitária. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX)**, Manaus, Maio. 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2021.



ROMAN, J. A. "Arte e saúde: uma interface a serviço da integralidade". **Dissertação (mestrado Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Santa Catarina**, p. 104. 2013

RIBEIRO, L. G.; VEIGA, G. V. DA. Imagem corporal e comportamentos de risco para transtornos alimentares em bailarinos profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 16, n. 2, p. 99–102, abr. 2010.

RUSSELL, J.A. Acute ankle sprain in dancers. **Journal of Dance Medicine & Science**, v. 14, n. 3, p. 89–96, 2010. PMID: 21067686

SATO, M.; AYRES, J. R. DE C. M. Arte e humanização das práticas de saúde em uma Unidade Básica. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 55, p. 1027–1038, dez. 2015. DOI: 10.1590/1807-57622014.0408.

SILVA, F. J. G. Extensão universitária: aproximações em tempos de mercantilização da educação. **Mestrado em educação. Universidade Católica de Santos**. Santos, 2011.

SILVEIRA, A; TORRES, O. M.; FERREIRA, A. M.; et al. A arte e a saúde: uma possibilidade de reflexão e educação. **31º seminário de extensão universitária da região sul**. Florianópolis, julho, 2014. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/117431/Sa%C3%BAde%20-%20A%20ARTE%20E%20A%20SA%C3%A9DE%20UMA%20POSSIBILIDADE%20DE%20REFLEX%C3%83O%20E%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20%281%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

SINGER, R.; KRUSE, K. Art and health care: A dialog about interdisciplinary collaboration. **Nursing Forum**, v. 54, n. 3, p. 403–409, 23 abr. 2019. DOI: 10.1111/nuf.12347. PMID: 31016734.

SONKE, J; PESATA, V. The arts and health messaging: Exploring the evidence and lessons from the 2014 Ebola outbreak. **BMJ (online)**. Abril, 2015.

STEINBERG, N. et al. The association between menarche, intensity of training and passive joint ROM in young pre-professional female dancers: A longitudinal follow-up study. **Physical Therapy in Sport**, v. 32, p. 59–66, jul. 2018. PMID: 29758506 DOI: 10.1016/j.ptsp.2018.05.003

STRETANSKI, M. F.; WEBER, G. J. Medical and Rehabilitation Issues in Classical Ballet. **American Journal of Physical Medicine & Rehabilitation**, v. 81, n. 5, p. 383–391, maio 2002. PMID: 11964579. DOI: 10.1097/00002060-200205000-00013

TAUCHEN, G.; MONTEIRO, M. C. M.; VIERO, T. V. Políticas, concepções e ações de extensão na educação superior brasileira. **Momento - Diálogos em Educação, [S. l.]**,



v. 21, n. 1, p. 9, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/2390>. Acesso em: 9 ago. 2021.

THOMAS, H.; TAU, J. Dancer's perceptions of pain and injury positive and negative effects. **Journal of Dance Medicine & Science**, v. 13, n. 2, p. 51-59, 2009. PMID: 19508809.

TWITCHETT, E. et al. Does physical fitness affect injury occurrence and time loss due to injury in elite vocational ballet students? **Journal of Dance Medicine & Science**, v. 14, n. 1, p. 26-31, 2010. PMID: 20214852

UNESCO. Inclusion and Education All Means All. **Open WorldCat**, 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373718>. Acesso em: 9 ago. 2021.

VALLADARES, A. C. A. Arteterapia no novo paradigma de atenção em saúde mental. São Paulo: **Vetor**, 2004.

WALTER, O.; YANKO, S. New observations on the influence of dance on body image and development of eating disorders. **Research in Dance Education**, v. 19, n. 3, p. 240-251, 5 jan. 2018. DOI:10.1080/14647893.2017.1420767

WYON, M. Preparing to perform periodization and dance. **Journal of Dance Medicine & Science**, v. 14, n. 2, p. 67-72, 2010. PMID: 20507723.

ZIKAN, F. E. Self-reported distortion of body image among classical ballet students in Brazil: classification according to the Body Shape Questionnaire. **Fisioterapia Brasil**, v. 19, n. 6, p. 821-829, 1 fev. 2019¹.

ZIKAN, F. E. Relationship between the joint mobility index and the presence of injury and pain among ballet students in Brazil. **Fisioterapia Brasil**, v. 20, n. 1, p. 77-83, 19 fev. 2019².

ZIKAN, F. E. O processo de formação de bailarinos profissionais, tomando a dança na dimensão arte-trabalho, e sua relação com a saúde. **Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal do Rio de Janeiro**, p. 27-28. 2012.

ZIKAN F. E. et al. Saúde e Dança: alternativas virtuais de orientações em saúde - uma ação de extensão adaptada durante a pandemia de Covid-19. **RAÍZES E RUMOS**, 8(2), 210-219 (2020). Recuperado de <http://seer.unirio.br/raizeserumos/article/view/10211>.



Núcleo de Criação: ações formativas e culturais durante a pandemia de Covid-19
Encontros de Caracterização na Quarentena e série de videoartes "O importante é o que interessa" - Edição Quarentena.

Núcleo de Criação: educational and cultural actions during the Covid-19 pandemic.

"Quarantine Characterization Meetings" and the video art series "The Important is What Matters - Quarantine Edition".

Mona Magalhães¹

Resumo

Relatam-se aqui duas atividades decorrentes do projeto de extensão e cultura *Núcleo de Criação*, do Curso de Atuação, do Departamento de Interpretação, da Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Nele, descrevem-se as atividades desenvolvidas durante a pandemia de Covid-19, como os encontros com profissionais da caracterização cênica, atrizes e atores, diretores teatrais e grupos de teatro que têm a maquiagem teatral como elemento expressivo em seus trabalhos; e a série de videoartes para a qual utilizaram-se os aplicativos de videoconferências como veículos para o jogo de interação entre as telas dos participantes e os corpos coloridos. Até o presente momento, foram realizadas quatro edições dos encontros e duas séries de videoartes. São abordados os procedimentos metodológicos e processuais de cada ação, como também os resultados obtidos.

Palavras-chave: Caracterização cênica. Videoarte. Cultura.

Abstract

Here we report two activities resulting from the extension and culture project named *Núcleo de Criação*, from the Acting Department of the Acting Course of the Federal University of the State of Rio de Janeiro's Theater School - Unirio. In the above-mentioned project, the activities developed during the Covid-19 pandemic are described, such as meetings with professional makeup artists, actresses and actors, theater directors and groups that have stage makeup as an expressive element in their work, and the video art series for which videoconference applications were used as vehicles for the interactive game between the participants' screens and the colored bodies. So far, four editions of the meetings and two video art series have been held. The methodological and process procedures of each action are addressed, as well as the results obtained.

¹ Docente da Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - mona.magalhaes@unirio.br



Keywords: Stage makeup. Video art. Culture.

1 Introdução: proposta original

O Projeto de Extensão e Cultura *Núcleo de Criação* foi criado em 2005 com o intuito organizar atividades que valorizem e divulguem os conceitos da visualidade da cena, da caracterização cênica e dos estudos dos adereços de cena. Ele é vinculado às disciplinas de Caracterização I, II e III do Curso de Atuação Cênica e às disciplinas Ateliê de Caracterização, Adereços I, II e III; Ateliê de Adereços I e II do Curso de Cenografia e Indumentária da Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. É vinculado também ao Projeto de Pesquisa *O Corpo e a Cidade: pesquisa sobre bodypainting*. Desde o início previa-se a organização de oficinas e seminários sobre os processos de criação, desenvolvimento de literaturas e espetáculos teatrais, intervenções urbanas, produção de animações, além de consultorias para projetos artísticos previamente selecionados. Procura-se com as ações quebrar as fronteiras entre a comunidade artística atuante no mercado de trabalho e a produção artística acadêmica, trocando conhecimento, técnicas, métodos e experiências para suprir a demanda de estudos, literatura e trabalhos relacionados à caracterização e aos adereços, tanto na Escola de Teatro quanto na comunidade artística.

Durante os primeiros quatorze anos de atividades presenciais, o Núcleo de Criação produziu palestras sobre a caracterização cênica em diversas instituições e escolas do ensino fundamental, médio e superior no Brasil. Em 2007, produziu o espetáculo teatral *Depoimentos às Terras do Brasil*, ganhador do Prêmio Jovens Talentos, do Ministério da Educação, participando de festivais nacionais e internacionais. Desde 2016 começamos a desenvolver, em parceria com o projeto de pesquisa *O Corpo e a Cidade: pesquisa sobre bodypainting*, interferências urbanas nas quais a pintura corporal é a linguagem expressiva principal que se articula ao espaço urbano carioca e a situações sociais, políticas e/ou econômicas brasileiras.

Motivos Marinhos: envolturas corporais no Capanema (Fig. 1), *Por Ti Mariana: Portinari Sobre Pele* - 2016; *Guernica Bodypainting* - 2017 (Fig.2); e *O Importante É o que*
Raízes e Rumos, Rio de Janeiro, v.9 n.2, p. 64-77, jul.-dez., 2021



Interessa - 2019 (Fig. 3) foram interferências urbanas realizadas na cidade do Rio de Janeiro. De modo geral, dentre os procedimentos para essas interferências urbanas estão estudos e prática de técnicas de pintura corporal; análise e seleção dos acontecimentos sociais, políticos e econômicos mais relevantes em cada ano; pesquisa e seleção dos espaços urbanos aos quais os corpos pintados se articulam; preparação e composição corporal para a formação das figuras para cada interferência; fotografia das etapas das pinturas e das apresentações.

Figura 1 - *Motivos Marinhos: envelopes corporais no Capanema* - 2016.



Fotografia: Heitor Muniz. Fonte: O autor (2016).

Quanto aos resultados dessas ações, há o contato direto com o público no aqui e agora das intervenções urbanas, quando podemos escutar as reações e sensações vindas dele. Devido ao caráter efêmero dessas ações, faz-se necessário o registro fotográfico. As fotografias são expostas no corredor do terceiro andar, do bloco 3, da Escola de Teatro; em seminários e congressos, nacionais e internacionais, cujos temas são as poéticas espaciais, visuais e sonoras da cena; no site e nas redes sociais do projeto. Novos relatos, retornos e observações são obtidas a partir dessas exposições e comunicações.



Figura 2 – *Guernica Bodypainting* - 2017. Fotografia: Mauro Marques.



Fonte: O autor (2017).

Figura 3 – *O importante é o que interessa – Educação – Série 1* - 2018.



Fotografia: Heitor Muniz. Fonte: O autor (2018).



2 Primeira atividade durante a pandemia de Covid-19: Encontros de Caracterização na Quarentena.

Seguindo o propósito de valorizar e divulgar os conceitos da visualidade da cena e, mais especificamente, da caracterização cênica, o Núcleo de Criação, durante a pandemia de Covid-19, promoveu encontros com profissionais da caracterização cênica, atrizes e atores, diretores teatrais e grupos de teatro que têm a maquiagem teatral como elemento expressivo em seus trabalhos com os participantes ouvintes, estudantes da Escola de Teatro da UNIRIO e de outras escolas de artes cênicas, artistas e pesquisadores de todo o país interessados na maquiagem de caracterização. É notória a carência de literaturas reflexivas sobre essa linguagem expressiva. Assim, os *Encontros de Caracterização na Quarentena* tiveram como objetivo principal preencher essa lacuna.

Até o segundo semestre de 2021 foram realizadas quatro edições. As duas primeiras ocorreram entre os meses de abril e outubro de 2020, quando os encontros foram semanais. Eram os primeiros meses da pandemia e o isolamento físico estava mais rigoroso, com as produções teatrais, cinematográficas e televisivas paradas. Aproveitou-se assim o que, até então, era raramente utilizado nos ambientes acadêmicos, as videoconferências, para promover os encontros. Neles foram debatidos a formação dos profissionais da maquiagem que trabalham com o teatro; a perspectiva das atrizes, dos atores e de diretores; a maquiagem para teatro, ópera, televisão, cinema, artística e *bodypainting*; os processos artísticos; a construção e a relação com as equipes de trabalho; a carreira; os materiais utilizados; as verbas destinadas a esse setor e as diversas especialidades para a criação visual de um personagem: próteses, postições, perucas e lentes de contato.

Na primeira edição foram treze encontros semanais e vinte convidados; na segunda, doze encontros semanais com doze convidados. Na terceira e quarta edições, realizadas em 2021, devido às atribuições do ensino remoto dos semestres excepcionais, os encontros passaram a ser mensais. Foram quatro encontros em cada edição, totalizando oito convidados. Na primeira e segunda edições (2020), a equipe



do projeto contou com a colaboração dos bolsistas de monitoria da disciplina de Caracterização²; na terceira e na quarta edição, na equipe estavam os bolsistas de Iniciação Artística e Cultural (PIBCUL)³. Todos os encontros foram realizados por meio do aplicativo de videoconferência Google Meet, gravados e organizados em *playlists* do canal do YouTube do Núcleo de Criação⁴. Desse modo, criou-se uma videoteca na qual encontram-se todos as palestras realizadas, podendo ser consultada sob demanda, pois o acesso a ela é apenas por meio de *links*, uma vez que os vídeos foram postados com o modo de visibilidade não listada.

2.1 Segunda atividade na temporada pandêmica: Videoartes - O importante é o que interessa.

Com as inúmeras reuniões, aulas e híbridos teatrais realizados por meio das videoconferências durante o período de isolamento físico em 2020, comecei a vislumbrar a possibilidade de usá-las como veículo para videoartes, nas quais os corpos pintados dos artistas participantes se relacionariam, por meio das telas dos participantes de uma videoconferência. Seria a interação dos corpos pintados, dos espaços físicos de cada participante e de objetos, na qual o jogo performativo teria como indutores palavras-temas relacionadas com a pandemia de Covid-19. Assim, surgiram as séries de videoartes *O Importante É o que interessa - Edição Quarentena*. Até o momento da escrita deste relato, foi produzida uma série com quatro episódios, postadas mensalmente no Instagram @nucleodecriacao e no canal do YouTube Núcleo de Criação, em modo público: *Ar* (Fig.4), *Vacina* (Fig.5), *Liberdade* (Fig. 6) e *Encontro*⁵

² Bolsistas monitores: Everton Cherpinski e Catherine Bon.

³ Bolsistas PIBCUL: Everton Cherpinski e Silvana Rocio.

⁴ *Playlist* da primeira edição: <https://youtube.com/playlist?list=PLZ6-itZDyn1m6wXPPQMbl30iARQ6Ks8a>

Playlist da segunda edição: <https://youtube.com/playlist?list=PLZ6-itZDyn2zcUinWO7b8Lmmn Cv0IH Y1>

Playlist da terceira edição: <https://youtube.com/playlist?list=PLZ6-itZDyn1W7k7vw9217v5n6wwlrBDL>

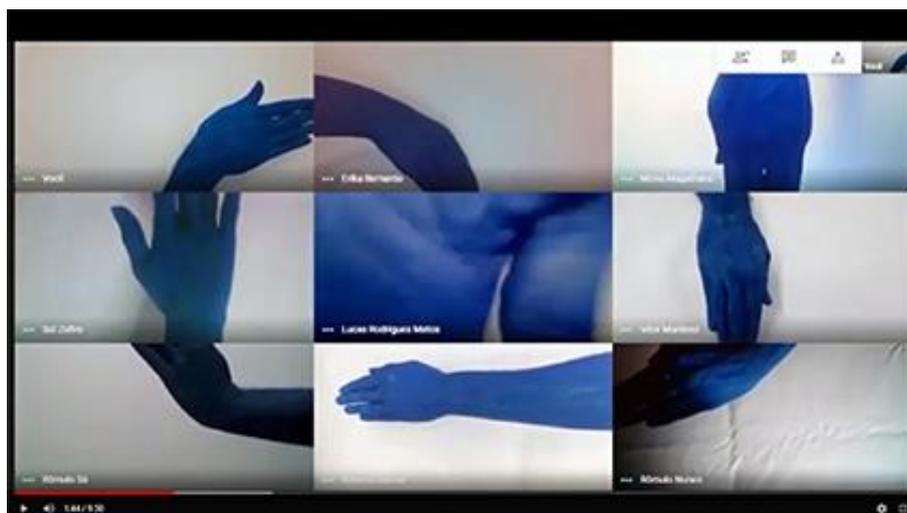
Playlist da quarta edição: <https://youtube.com/playlist?list=PLZ6-itZDyn068Un3cg4Vtza-r89CZn79>

⁵ A série completa está disponibilizada no canal do Youtube do Núcleo de Criação: <https://youtu.be/3YaTFa9DaHU>



(Fig.7). A segunda série já está em produção, e para ela já estão definidos os dois primeiros episódios: *Máscara* (Fig. 8) e *Dignidade* (Fig. 9). Ainda serão selecionadas as palavras indutoras para os dois últimos episódios. Como são videoartes para serem postadas no Instagram/ IGTV, elas precisam ser curtas, giram em torno de 2'30''.

Figura 4 – Videoarte *O importante é o que interessa* – Ar – Série 1 - 2021.



Fonte: O autor (2021)

Figura 5 – Videoarte *O importante é o que interessa* – Vacina – Série 1 - 2021.



Fonte: O autor (2021)



Figura 6 – Videoarte *O importante é o que interessa – Liberdade – Série 1 - 2021.*



Fonte: O autor (2021)

Figura 7 – Videoarte *O importante é o que interessa – Encontro – Série 1 - 2021.*



Fonte: O autor (2021)



Figura 7 – Videoarte *O importante é o que interessa – Máscara – Série 2-* 2021.



Fonte: O autor (2021)

Figura 8 – Videoarte *O importante é o que interessa – Dignidade – Série 2-* 2021.



Fonte: O autor (2021)



Na primeira série, utilizamos o aplicativo de videoconferência oferecido pela universidade, o Google Meet. Devido a algumas atualizações desse aplicativo, que acabaram prejudicando a unidade visual do espaço virtual, na segunda série migramos para o Zoom. Na primeira série, por causa das limitações de gravação oferecidas pelo Google Meet, gravamos a tela do computador de um dos participantes. Para a gravação dos episódios da segunda série, foram utilizados os recursos do Zoom gratuito. Com a limitação do tempo das contas gratuitas deste aplicativo, os ensaios eram feitos pela conta institucional do Google Meet e apenas a gravação pelo Zoom.

Portanto, nas séries há um sistema de vídeo integrado à performance em si e inseparável dela. Para realizar as interações visuais utilizamos 4, 8 ou 9 câmeras de *notebooks*, de *desktops* e/ou celulares conectados simultaneamente por meio de *softwares* de videoconferências. A performance é gravada a partir de uma das câmeras. O público só pode vê-las por meio das telas de seus computadores e/ou celulares.

O espaço para a série *O Importante é o que interessa* impôs questões cruciais para incorporar a estética de animação minimalista adotada. Foi valorizado o caráter unitário do espaço virtual, formas facilmente identificáveis e figuras monocromáticas. O espaço perceptivo, fundamental para as videoartes, precisou ser reestruturado.

A introdução do vídeo nesse universo [da arte] traz novos elementos para o debate sobre o fazer artístico. As imagens projetadas ampliam as possibilidades de pensar a representação, além de transformar as relações da obra de arte com o espaço físico, na esteira das contribuições minimalistas. A videoarte parte da ideia de espaço como campo perceptivo, defendida pelo minimalismo quando enfatiza o ponto de vista do observador como fundamental para a apreensão e produção da obra (VIDEOARTE, 2021).

Para que a interação entre as partes de corpos coloridos, objetos e espaço acontecesse de modo mais eficaz no campo perceptivo, foi necessário elaborar um espaço virtual cuja visualidade fosse comum, para que, conforme explicou Ryngaert (2009), “a metáfora teatral” pudesse se expandir sem maiores dificuldades. De início, cada participante procurava um espaço físico mais isolado para acessar as videoconferências – uma sala, um quarto, uma área. Cada cenário particular desviava



a atenção dos objetos e dos movimentos propostos. Mesmo que desfocássemos o fundo de tela ou usássemos os fundos virtuais disponibilizados pelos aplicativos, ainda assim, por causa da indefinição de algumas telas, tirava-se a atenção da ação principal. Percebemos que, para estabelecer um espaço neutro, precisávamos de um fundo comum a todos do grupo, e que permitisse movimentação sem qualquer interferência na definição da imagem principal. E que possibilitasse também esconder alguma parte do corpo, por isso era necessário um fundo físico.

Destacam-se outras decisões que tiveram que ser tomadas para a produção das séries: sabendo-se que é um projeto realizado com recursos próprios, todo e qualquer material deveria ser acessível, com baixo custo e fácil de encontrar. Além da questão da ausência de verba, a locomoção dos artistas participantes era limitada devido ao isolamento físico imposto. Evitou-se todo e qualquer risco de contaminação. Alguns objetos foram comprados, outros confeccionados; a pintura corporal foi realizada com *gauche*, tinta não tóxica; os fundos brancos foram feitos com cartolina e/ou parede branca.

Na equipe da primeira série contou-se com a participação de um bolsista de Iniciação Artística e Cultural (PIBCUL)⁶, dois bolsistas de Integração Acadêmica (BIA)⁷, dois bolsistas de monitoria da disciplina de Caracterização I⁸, uma mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de Artes Cênicas (PPGEAC-Unirio)⁹ e quatro voluntários, ex-participantes das interferências urbanas realizadas nos anos anteriores¹⁰.

⁶ Everton Cherpinski, responsável pela edição das videoartes.

⁷ Rômulo Nunes e Rômulo Sá, responsáveis pela trilha sonora.

⁸ Catherine Bon e Bernardo.

⁹ Sol Zofiro.

¹⁰ Lucas Drigues, Roberto Garcia, Tainá Lasmar e Vitor Martinez.



3 Conclusão

Apesar da pandemia se configurar como um acontecimento agudo e traumático, a imposição da quarentena e do isolamento físico possibilitou algumas ações culturais que, não fossem a parada obrigatória e os recursos tecnológicos das videoconferências, não teriam sido sequer imaginadas. Sabe-se que uma camada imensa de trabalhadores precisou continuar, sem ter a opção de parar, fosse pela luta da própria sobrevivência básica, da manutenção de atividades essenciais ou pela sobrevivência dos contaminados pela Covid-19.

Pode-se dizer que as atividades culturais *Encontros de Caracterização na Quarentena* e as videoartes *O Importante é o que interessa – Edição Quarentena* foram um modo de lutar pelo bem-estar dos que precisavam ficar em casa para evitar a contaminação e ajudar os que não puderam parar. Foram atividades que trouxeram reflexões e conteúdo de pesquisa para uma área carente de referências bibliográficas; e momentos de suspensão das tensões psicológicas oriundas da pandemia e de todas as questões provenientes dela. Além das contribuições formativas e artísticas, elas proporcionaram, por meio dos *softwares* de videoconferências, diversos encontros e reencontros.

A Covid-19 foi o tema principal para as séries de videoarte, por meio das quais promovemos debates e reflexões sobre questões fundamentais do comportamento da população em relação à doença; sobre as angústias do confinamento; sobre temores do agravamento da doença e da perda de amigos e familiares; e, principalmente, sobre as ações do governo na contenção da pandemia.

Os *Encontros de Caracterização na Quarentena* tiveram participantes de diversos estados brasileiros, e essas pessoas puderam conhecer, mesmo que virtualmente, artistas convidados de vários estados brasileiros e do exterior. Temos, até este momento, uma videoteca com 33 entrevistas, disponível para futuras pesquisas sobre a área da caracterização cênica, cinematográfica e televisiva, acessível mediante solicitação. Esse projeto foi apresentado no III Seminário de Design Cênico: elementos visuais e sonoros da cena – Espaços de mediação no desenho da cena: criação e



ensino¹¹, em 2020. Os vídeos vêm sendo utilizados como conteúdo para as aulas assíncronas da disciplina de Caracterização I durante os períodos excepcionais e, com toda certeza, eles serão incorporados ao conteúdo programático e à bibliografia, para quando voltarmos ao ensino presencial.

Os três primeiros vídeos da série de *O Importante É o que interessa - Edição Quarentena* foram apresentados no XI Congresso Abrace, em 2021. A série como apresentação performativa¹²; o processo de criação e produção¹³, no formato de comunicação oral.

As visualizações das videoartes no Instagram do projeto vêm crescendo a cada novo vídeo postado. O primeiro, *Ar*, foi postada em 17 de maio de 2021 e, até este momento de escrita, está com 335 visualizações. A segunda, *Vacina*, postada em 2 de junho, tem 303 acessos. *Liberdade*, terceira videoarte, postada em 20 de julho, foi visualizada 215 vezes; a última da série, *Encontro*, lançada em 6 de agosto, já alcançou 137 visualizações. Em 13 de agosto de 2021 lançamos a versão completa da série no canal do YouTube do Núcleo de Criação, modo de visualização público¹⁴.

As duas atividades ainda estão ativas e pretende-se dar continuidade a elas, pela contribuição cultural, educacional e artística, cada uma a seu modo. A criação da videoteca inédita, que traz entrevistas com artistas profissionais, nacionais e internacionais, preenche uma antiga lacuna na área da caracterização, que tanto necessita de pesquisas e referências. Ela abre caminho para um projeto editorial que, além de técnicas, abarcaria reflexões provenientes dos encontros. Do mesmo modo, a experiência com as videoartes abre novas possibilidades para as interferências urbanas e *bodypaintings*, para além das fotografias e exposições presenciais. Novos caminhos e inter-relações a serem explorados, tanto para criações artísticas e respectivas difusões quanto para alcançar novos públicos, próximos e distantes.

¹¹ <https://youtu.be/DSr3uFyGjQc>

¹² <https://youtu.be/gBqdhAWWNN0>

¹³ https://youtu.be/4Q18N_XWUJ0

¹⁴ <https://youtu.be/3YaTFa9DaHU>



Referências

AR, VACINA, LIBERDADE E ENCONTRO. Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCz5Ld-Cpz-FHMA1PxOKihiA>.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**: práticas dramáticas e formação. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

VIDEOARTE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3854/videoarte>. Acesso em 16 de agosto de 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7



Rádio web palafita: comunicação cidadã no Dique da Vila Gilda, Santos (SP)

Palafita Web Radio: communication and citizenship for the Dique da Vila Gilda, Santos (SP)

Maria da Conceição Golobovante¹

Resumo

Este relato apresenta uma experiência extensionista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), realizada na maior favela de palafitas do Brasil, o Dique da Vila Gilda em Santos (SP), para a implantação da web rádio Palafita. O grupo de implantação foi composto por graduandos e professores dos cursos de Publicidade e Jornalismo, e por moradores da comunidade ligados ao instituto Arte no Dique, organização social parceira do projeto. Este relato se refere ao período de implantação do projeto, ocorrido entre 2016-2019 e apresenta o contexto territorial do Dique, os desafios enfrentados, os resultados alcançados e, principalmente, os aprendizados do processo, pela perspectiva dos estudantes e professores envolvidos.

Palavras-chave: Comunicação. Cidadania. Rádio. Educomunicação. Comunidade.

Abstract

This report presents an extension experience of PUC-SP, carried out in the largest favela of stilts in Brazil, the Vila Gilda Dique in Santos-SP for the implementation of the Web Rádio Palafita. The implementation group was made up of undergraduates and professors from the Advertising and Journalism courses, and by community residents linked to Instituto Arte no Dique, a social organization that is a partner of the project. This report refers to the period of implementation of the project, which took place between 2017-20 and presents the territorial context of the Dique, the challenges faced, the results achieved and, mainly, the learning of the process from the perspective of the students and teachers involved.

Keywords: Communication. Citizenship. Radio. Educommunication. Community.

¹ Professora doutora dos cursos de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP) - mccgol@pucsp.br



1 Apresentação

O Ministério da Educação, baseado no artigo 207 da Constituição, afirma que “as universidades se caracterizam pela indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão”, e a extensão universitária, por sua vez, configura-se como o vetor menos conhecido e mais controverso. É a Lei Federal 9.394, de 1996, em seu artigo 43, que define ser dever da educação superior:

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição (Brasil, 1996).

O sentido mais consensual da extensão a trata como a relação entre a comunidade e a universidade, ou seja, a instituição leva à comunidade os saberes desenvolvidos em seus espaços e presta auxílio à população, seja por meio de atendimento gratuito, ou de serviços a preços acessíveis, nas mais diversas áreas de conhecimento. Foi nessa atmosfera que o Prof. Dr. Milton Pelegrini criou em 2013 o grupo de pesquisa e extensão Mediações Telemáticas (MEDIATEL), na Faculdade de Comunicação, Letras e Artes da PUC-SP, ao qual integrei-me em 2016, criando a linha de pesquisa Mediação e Sentidos nos Processos Comunicacionais. O objetivo maior do grupo é incentivar estudantes e professores no âmbito da graduação (isso mesmo, graduação), a refletir, investigar e agir sistêmica e interdisciplinarmente em projetos de educomunicação comunitária, como esclarece Peruzzo (2009, p. 5):

Nas experiências de caráter popular-comunitário, a finalidade, em última instância, é favorecer a autoemancipação humana e contribuir para a melhoria das condições de existência das populações empobrecidas, de modo a reduzir a pobreza, a discriminação, a violência etc., bem como avançar na equidade social e no respeito à diversidade cultural. Contudo, a comunicação não se presta a fazer mudanças sozinha. A visão de uso dos meios meramente para difundir conteúdos educativos está superada. Trata-se de sua inserção em processos de mobilização e de vínculo local ou identitário sintonizados a programas mais amplos de organização-ação, dos movimentos sociais populares. Estes privilegiam o atendimento às necessidades



concretas de segmentos populacionais de acordo com cada realidade. Nessa práxis ocorre a Educomunicação comunitária, uma modalidade de comunicação educativa que se constitui no bojo de dinâmicas voltadas à mudança social – ampliação da cidadania – ou, em outros termos, uma comunicação para o desenvolvimento sustentável, melhor dizendo, para a transformação social ou para a cidadania.

Foi essa perspectiva de educomunicação cidadã que norteou o primeiro projeto do Mediatel, a Rede de Informação Comunitária (REDIC), focado na criação da web rádio Palafita, ativa no link <http://www.palafita.mediatel.com.br/>, em processo de construção participativa com a comunidade do Dique da Vila Gilda, zona noroeste do município de Santos, litoral do Estado de São Paulo.

Figura 1 - Site da web rádio Palafita



Fonte: site da web rádio Palafita (2020)



2 Dique da Vila Gilda

Figura 2 - Vista aérea do Dique da Vila Gilda



Fonte: LAMBAUER, Stepan (sd)

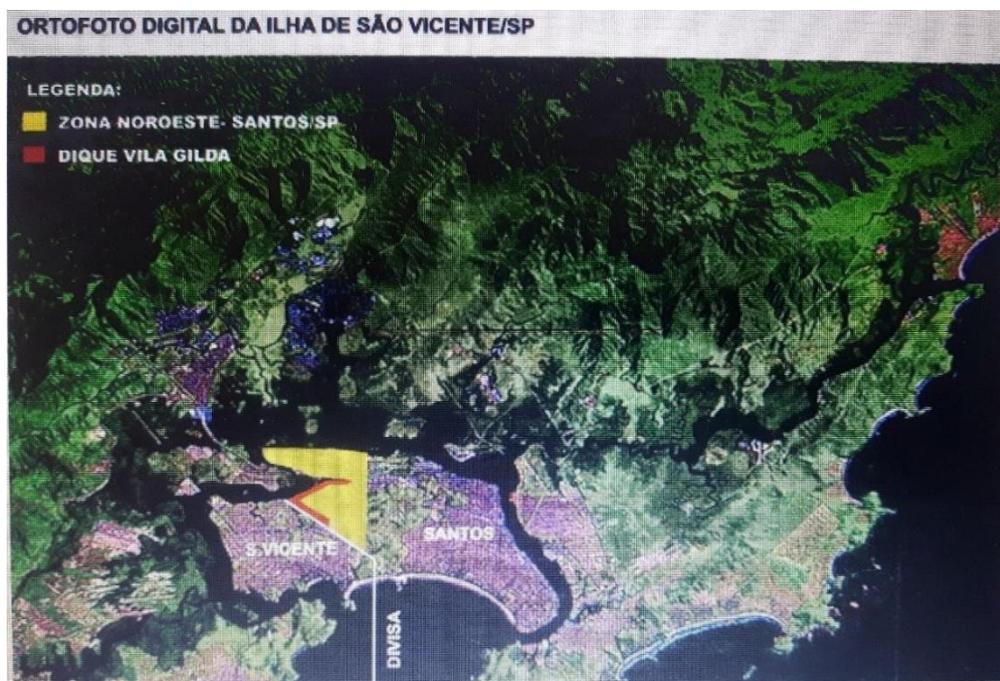
O Dique da Vila Gilda, em Santos (SP) localiza-se no bairro Rádio Clube, na zona noroeste de Santos, onde estão reunidos microaglomerados urbanos, informalmente chamados pelos moradores de Caminho São José, Caminho São Sebastião, Caminho da Capela, Caminho da Divisa, Caminho da União, Brigadeiro, Vila Pelé, Mangue Seco, Vila Telma². São esses os nomes que os moradores reconhecem como seus territórios de pertencimento, e muitos alegam desconhecer o nome Vila Gilda, assim conhecida pelos documentos oficiais, mas não pela

² Pesquisas de campo nossas e dissertação de mestrado de Caio M Fabiano "Subsídios ao Plano de Regularização Fundiária e Urbanística da Zona Especial de Interesse Social do núcleo habitacional Dique da Vila Gilda, Santos - SP". Disponível em: https://www.ipt.br/pos_graduacao_ipt/solucoes/dissertacoes/292-subsidios_ao_plano_de_regularizacao_fundiaria_e_urbanistica_da_zona_especial_de_interesse_social_do_nucleo_habitacional_.htm. Acesso em: 23 abr.2020.



população local, que tem outra referência espacial. Há também alto nível de vulnerabilidade social, com índice significativo de incidência de doenças causadas por ambiente insalubre, moradias precárias, acesso restrito à água potável e à energia elétrica. Como em todas as comunidades em situação de vulnerabilidade, seus problemas são *sistêmicos* e não podem ser enfrentados sem a participação dos próprios moradores na viabilização de soluções.

Figura 3 - Ortofoto da localização dos núcleos habitacionais em estudo na ilha de São Vicente



Fonte: Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (2006)

A população do Dique da Vila Gilda é de 13.278 habitantes, segundo dados do censo 2010, com 47,8% (6.303) dos residentes de população masculina e 52,4% (6.975) feminina³.

³ IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html>. Acesso em 16/4/2020



Figura 4 - Mapa que marca em rosa a faixa de localização do Dique da Vila Gilda



Fonte: site do Atlas Brasil (2020)

Figura 5 - Mapa de Abairramento da Zona Noroeste de Santos (SP)



Fonte: Prefeitura de Santos (2007)

A pandemia da Covid-19 acentua ainda mais a crise sistêmica que existe no Brasil e atinge de forma drástica as populações mais vulneráveis, com menos acesso
Raízes e Rumos, Rio de Janeiro, v.9 n.2, p. 78-91, jul.-dez., 2021



ao sistema de saúde público. Em Santos, essa parcela da população localiza-se na Zona Noroeste, especialmente no Dique. Santos é considerado um município rico, com alto Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), de 0,840, chegando a 0,956⁴ no bairro do Boqueirão (Orla)⁵, mas na Zona Noroeste o IDHM diminui para 0,653, assim como a expectativa de vida, de 81 anos nos bairros próximos à praia, para 69 anos no bairro da Alemoa e adjacências⁶, o que comprova que, geograficamente, a cidade de Santos está de frente para o mar e de costas para o Dique da Vila Gilda.

A desigualdade socioeconômica de Santos é flagrante também nos níveis aferidos pelo Índice Paulista de Vulnerabilidade Social⁷, conforme ilustrado no mapa a seguir, que mostra como a região da orla da praia, com as cores verde e verde-escuro apresentam baixo e baixíssimo nível de vulnerabilidade, enquanto o Dique, na faixa lilás à esquerda demonstra a extrema vulnerabilidade social de sua população.

⁴ FABIANO, C; MUNIZ, S. "Dique da Vila Gilda: caminhos para a regularização". Disponível em: file:///C:/Users/Samsung/OneDrive/NOVO/Textos%20e%20Livros/Dique%20da%20Vila%20Gilda_Caminhos%20p%20regularizacao.pdf. Acesso em: 3 mai.2020.

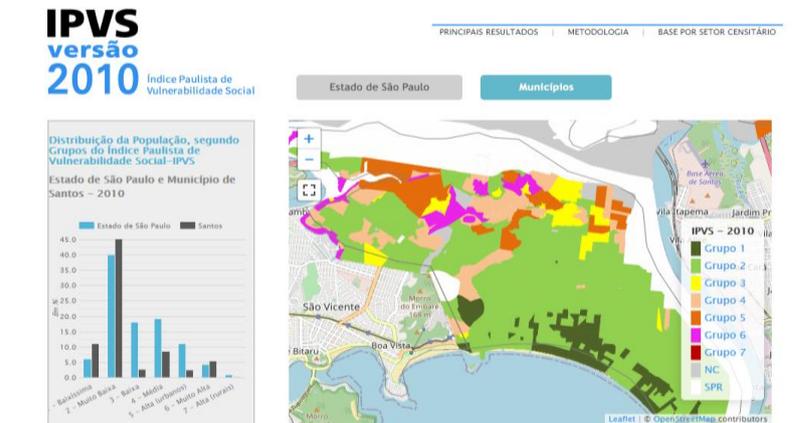
⁵ IDEM

⁶ JORNAL Diário do Litoral. Disponível em: <http://www.diariodolitoral.com.br/noticia/raio-x-dl-do-maior-porto-a-maior-favela-em-palafitas/59952/> (12/7/2015) e Perfil do vereador Evaldo Stanislau da Rede, disponível em: <https://www.facebook.com/pg/evaldostanislau.santos/posts/>. Acesso em: 23 abr.2020.

⁷ Índice Paulista de Vulnerabilidade Social - IPVS2010 - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados - SEADE. Disponível em: <http://ipvs.seade.gov.br/view/index.php>. Acesso em: 21 mai.2020.



Figura 6 – Site do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social - IPVS



Fonte: Fundação SEADE
Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (2010)

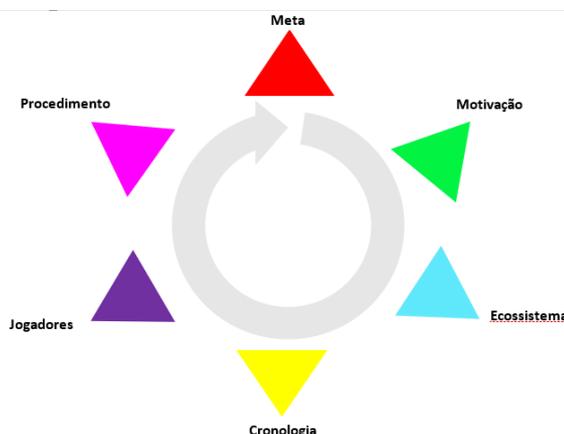
Frente a esse contexto apresentado, a implantação da rádio web Palafita visava a responder ao problema principal de nossa pesquisa e intervenção que era perceber e entender até que ponto a comunicação midiática pode atuar como importante fator de transformação da percepção de uma comunidade no que se refere à sua identidade e capacidade de reflexão e atuação no ambiente.

3 Procedimentos Metodológicos

Como afirma Sodré (2006), se o que está no âmago do processo comunicacional é um *sentimento* intenso de comunidade e não uma *razão* universalista, é preciso buscar procedimentos metodológicos que acionem estratégias sensíveis porque são muitas as estratégias discursivas no jogo da comunicação. Aos que participam desse processo, cabe jogar segundo as circunstâncias da situação interlocutória. Considerando a equipe formada para a realização desse projeto, nosso foco foi para as pessoas do grupo e como este pode se construir em um sistema inteligente e sensível de reflexão e atuação. A partir de leituras e experiências prévias, chegamos a um método baseado em seis dimensões que foram traduzidas pelo gráfico a seguir:



Figura 7 – Metodologia sistêmica



Fonte: Autoria Própria (2020)

Partindo do objetivo geral do projeto que visava “promover um espaço de estudo, debate, reflexão e produção de conhecimento acerca dos fenômenos da comunicação, que tematizam direta ou indiretamente questões sociais, políticas e/ou ambientais”, entre as metas específicas do projeto, estava engajar a comunidade do Dique da Vila Gilda na escuta e participação na web rádio Palafita.

Depois da definição dessa meta, partiu-se para as etapas do método, a se iniciar pela motivação. Antes de iniciar a pesquisa, todos os pesquisadores foram incentivados a uma autoreflexão sobre as motivações que os levaram a querer fazer parte do projeto. Quais delas eram de ordem individual e quais de ordem coletiva. Como discernir os planos da crença, da vontade e da determinação para o alcance efetivo da meta. Em seguida, houve o mapeamento coletivo do ecossistema, ou seja, o contexto sociocultural, ambiental e político da área de abrangência do projeto, no caso, a área urbana do Dique da Vila Gilda, em Santos (SP), onde o grupo mora e atuou, levando em consideração a geografia e as características dela.

Em sequência, há a cronologia, ou seja, entender temporalmente a questão. A história, as tradições, os protocolos, os rituais, as crenças anteriores à nossa intervenção, entendendo que mesmo que o projeto se encontre no presente, os



envolvidos estão sempre levando em consideração suas histórias passadas e aspirações futuras.

Uma das características mais próprias dessa metodologia é a que pensa nas pessoas envolvidas no processo comunicacional como jogadores. O foco no presente e na circunstância vivida no momento mesmo da interlocução entre os jogadores desloca o protagonismo para a intencionalidade das pessoas envolvidas no projeto. Seus interesses específicos, individuais ou do grupo, é o que move o jogo. Para que se alcancem as metas, os jogadores precisam ser estratégicos, inteligentes e sensíveis para se aliar ou não com outros jogadores ao longo do processo. Aí, pode-se perceber três tipos de jogadores: os oficiais, os não oficiais e os oscilantes. No jogo, não há passado ou futuro, apenas o presente, é preciso agir no momento, uma oportunidade única de suspensão no tempo para produzir encontros físicos e virtuais que podem gerar repertórios sógnicos memoráveis.

Em seguida, vem o procedimento, ou seja, como agir, e, para isso, é preciso entender bem quais tecnologias, ferramentas e conhecimentos prévios estavam disponíveis. Se nada temos, será preciso aprender, nos capacitar e adquirir tecnologias que permitam a realização do procedimento, ou seja, pensar todos os fatos de produção da campanha de conscientização.

Todos esses vetores confluem para a importância da “escuta” como método fundamental e princípio ético norteador de todo o processo: escutar os moradores e propor uma metodologia dialógica que pudesse gerar a implantação participativa da programação inicial da rádio web Palafita. Mas, considerando-se a falta de estrutura, de recursos humanos, de equipamentos tecnológicos e de incentivos financeiros iniciais, como faríamos para viabilizar a Palafita?

A ideia foi começar justamente por este projeto de pesquisa e extensão. A partir dos pressupostos éticos e teóricos estabelecidos nas discussões do Mediatel, concorreremos e fomos contemplados por programas internos da PUC-SP de incentivo à pesquisa - PIPEqs, em 2016, 2017 e 2018, e pelo plano de incentivo a projetos de extensão - PIPEXT, em 2018, o que garantiu a implementação de estrutura tecnológica de um servidor web em *cloudcomputing* (nuvem), configurado com



software livre Linux (evitando a dependência financeira para aquisição de softwares comerciais), além de notebooks, gravadores, microfones e equipamentos básicos para a implantação da rádio web. A opção pela web rádio se deu em função da instalação da rádio via ondas médias ter sido inviabilizada pela existência de outra rádio na nossa área de abrangência, que embora tenha concessão de rádio comunitária do Ministério das Comunicações não exerce essa função, pois sua programação se assemelha a de uma rádio comercial.

Antes dos editais, houve a realização do curso de Produção Editorial Jornalística em 2015, no instituto Arte no Dique, do qual participaram mais de vinte jovens da comunidade para iniciar o processo de organização a rádio. Do ponto de vista formativo, o curso foi exitoso pois os participantes perceberam a importância de desenvolver autonomia de gestão informativa e produzir conteúdos locais em contraponto às atividades jornalísticas e de entretenimento realizadas pela mídia hegemônica. Mas, do ponto de vista da implantação da rádio, houve descontinuidade da equipe pois, sem estrutura financeira mínima, os participantes se desarticularam, alguns mudaram da favela e até de cidade, e os que ficaram precisaram buscar remuneração para sobrevivência desistindo do projeto.

Esse primeiro aprendizado nos fez redirecionar o projeto para duas novas direções. A primeira foi buscar financiamento em agências nacionais e internacionais para a implantação da web rádio, de quem ainda não obtivemos o retorno esperado, e a outra foi incentivar estudantes das graduações dos cursos de Comunicação da PUC-SP a se engajarem no projeto por meio de bolsa de Iniciação Científica. Entre 2016 e 2019, mais de quinze jovens participaram com e sem bolsa do projeto e puderam construir a primeira programação da web rádio em conjunto com os moradores, produzindo programetes e matérias radiofônicas que abordaram temas culturais, ambientais, esportivos, políticos, de direitos humanos e sociais relacionados ao cotidiano da comunidade.



4 Resultados

Além de discutir o estado da arte da comunicação como mobilização social, este projeto de extensão trabalha pela manutenção da rádio web Palafita, o suporte real de confirmação de nossa hipótese principal, ou seja, que a comunicação midiática pode atuar como importante fator de transformação da percepção de uma comunidade no que se refere à sua identidade e capacidade de reflexão e atuação no ambiente.

Os resultados até aqui obtidos podem ser divididos em resultados de disseminação do conhecimento científico adquirido e experiências de compartilhamento com a comunidade parceira do projeto.

Quanto ao conhecimento científico adquirido pelos pesquisadores de iniciação científica que participaram do projeto, além de ter sido entregue e aprovados todos os relatórios parciais e finais para avaliação pelo Comitê do PIBIC (Programa de Incentivo à Iniciação Científica) da PUC-SP, houve a publicação do e-book *Graduação é lugar de pesquisa sim*, publicado pela Editora da PUC-SP - EDUC, em 2019⁸, e quatro pesquisas foram apresentadas no Congresso de Comunicação e Consumo (COMUNICON) em 2018, organizado pelo programa de pós-graduação da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM), e essas mesmas pesquisas foram contempladas com os prêmios de Melhor Pesquisa e Menção Honrosa de Iniciação Científica da área de Publicidade da PUC-SP em 2018 e 2019.

Sobre a experiência compartilhada com a Vila Gilda, depois de termos produzido os primeiros “programetes”, demos *feedback* a todos os moradores que colaboraram com a produção, de forma que eles puderam dar sugestões antes da edição final e veiculação dos conteúdos na programação da web rádio Palafita. Eles

⁸ Disponível em:

<https://www.pucsp.br/educ/pesquisa?termo=Gradua%C3%A7%C3%A3o&campo=TITULO> Acesso em 17/5/21



foram muito críticos e colocaram suas demandas e sugestões de forma que assim que tivermos condições e permissões das autoridades sanitárias, a proposta é estar mais presente na comunidade para tentar fortalecer esses vínculos e fazer da rádio web Palafita um espaço cada vez mais democrático e capaz de dar vez e voz a eles, em sua busca por direitos e cidadania.

Referências

ARMANI, D. **Mobilizar para transformar**. São Paulo: Peirópolis; Recife: Oxfam, 2008.

BARBERO, J. M. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura, hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BAITELLO, Jr, N. **A era da iconofagia. Ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker, 2005.

BRASIL **Lei Federal 9.394, de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm
Acesso em: 11 nov.2020.

BRIGGS, A. & BURKE, P. **Uma história social da mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CASTRO, Ma C.P. S.; MAIA, R.(org). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DOWNING, J. D. H. **Mídia radical**. São Paulo: SENAC, 2004.

EVERINGHAM, C.. **Social justice and the politics of community**. Hants (UK): Ashgate, 2003.

FERRARI, P. **A Comunicação digital na era da participação**. Porto Alegre: editora Fy, 2016.
Disponível em: http://media.wix.com/ugd/48d206_ca7f094fcf1d441d9cc695d612031e26.pdf
Acesso em: 21set.2019

HENRIQUES, M. S.(org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

JOSÉ, C. L.. **Voz e roteiros radiofônicos**. São Paulo: Paulus, 2016.



JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública**. Petrópolis: Vozes, 2000.

KENNEDY, R.; PAULA, A. N. de. **Jornalismo e publicidade na rádio**. São Paulo: Contexto, 2013.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

LAZZARATO, M. **Signos Maquinas e Subjetividades**. São Paulo: SENAC, 2014.

LUEMANN, M. (Coord.); PALLAMIN, Vera (org.). **Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

MANDELBAUM, S. J. **Open moral communities**. Cambridge, Massachusetts: MIT, 2000.

PERUZZO, C. M. K. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil**. IN: REVISTA Comunicação e Sociedade. Dossiê comunicação, argumentação e retórica. Nº 16. Universidade do Minho - Ed. Húmus, Portugal: 2009.

SILVA, J. L.O. A. da. **Rádio: oralidade mediatizada. O spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.

SILVA, P. S. **Rádio comunitária: os desafios do ambiente educativo da rádio Heliópolis FM**. 2010. 204 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**. Petrópolis: Vozes, 2006.

ZAPPELINI, M & OUTROS. **Comunicação: visibilidade e recursos para projetos sociais**. São Paulo: Zeppelini/Sebrae, 2011.



Projeto Rádio Zói d'Água: memória, música e poesia dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Projeto Rádio Zói d'Água: memory, music and poetry of the Jequitinhonha and Mucuri Valleys

José Carlos Freire¹
Nathália Petrocelio Fonseca²
Herena Reis Barcelos³
Gheidlla Jheylnata Mendes Nogueira⁴
Rafael Lucas Santos Avelino⁵

Resumo

Em função do reconhecimento da importância da cultura para a formação do ser humano e sendo as manifestações culturais parte fundamental da identidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, o presente trabalho analisa o processo de desenvolvimento de três ações do Projeto de Extensão Rádio Zói d'Água, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, compreendendo-o como um instrumento de valorização e divulgação das produções artísticas e culturais das regiões onde se insere a Universidade, sobretudo a produção musical e literária. O projeto permitiu o experimentar da interdisciplinaridade, o aprimoramento da competência linguística oral e escrita, bem como a oportunidade de reflexão por parte daquele que produziu o conteúdo informado, estimulando ainda o trabalho em equipe. Os três programas desenvolvidos, a saber, "Prosa de Domingo", "Prosa de Cultura" e "Prosa Literária", permitiram que a Universidade potencializasse sua interação e integração social.

Palavras-chave: Arte. Cultura. Regionalidade. Interdisciplinaridade.

Abstract

Considering the role of culture in the processes of human development and identity formation in the Jequitinhonha and Mucuri Valleys, this paper analyzes the

¹ Docente do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) - freire.jose@hotmail.com

² Discente no curso de Serviço Social da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) - nathalia.petrocelio@ufvjm.edu.br

³ Discente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Rurais da da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) - herena.barcelos@ufvjm.edu.br

⁴ Educadora popular e coordenadora da Rede de Cursinhos Populares Podemos+ - gheidlla15@yahoo.com.br

⁵ Escritor e atuante em instituições de educação e negócios para microempreendedores - rafaelande@gmail.com



implementation of three initiatives under the university extension project "Rádio Zói d'Água," from the Federal University of the Jequitinhonha and Mucuri Valleys. It argues that the project has been instrumental in the valorization and dissemination of artistic and cultural productions, especially in their musical and literary dimensions, in the regions where the University is located. The project allowed an experimental approach to the development of oral and written linguistic competence. It also enabled an opportunity for collective reflection among the producers and research team on the interdisciplinary nature and scope of the aired programs. The three programs developed under this extension project - "Prosa de Domingo", "Prosa de Cultura" and "Prosa Literária" -, enabled the University to enhance its insertion and integration within the broad society where its is located.

Keywords: Art. Culture. Religiosity. Interdisciplinarity.

1 Introdução

"Pra que nossa memória não se acabe em poeira": a célebre frase da canção Trem da História, do menestrel Rubinho do Vale, é ideal para representar o Projeto de Extensão "Rádio Zói d'Água". A extensão universitária oportuniza experiências únicas de troca de saberes entre o meio acadêmico e a comunidade. A Universidade pública tem entre suas tantas funções a de formar cidadãos conhecedores e engajados no espaço social em que estão inseridos e a cultura é um importante caminho de reconhecimento e pertencimento social.

A Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em particular, tem como missão: "Produzir e disseminar o conhecimento e a inovação, integrando o ensino, a pesquisa e a extensão como propulsores do desenvolvimento regional e nacional" (UFVJM, s/d). Tal propósito está em sintonia com o artigo 207 da Constituição Federal que traduz a importância da extensão como um dos pilares do ensino superior: "As universidades gozam, na forma da lei, de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão" (BRASIL, 1988).

O agora "Projeto Rádio Zói d'Água: memória, música e poesia dos Vales" é uma atividade de extensão vinculada à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC)



da UFVJM, iniciado em janeiro de 2021. Seu histórico tem relação com uma iniciativa que remonta ao ano anterior, quando o atual coordenador do projeto organizou o “Prosa de Domingo”, um pequeno programa disponibilizado por um canal do Youtube nas manhãs dominicais, fazendo referência às rádios antigas.

A partir do retorno positivo dos ouvintes, essa iniciativa foi incorporada dentro de um projeto de extensão encaminhado à PROEXC da UFVJM, no final de 2020. A proposta foi aprovada no Edital Proexc 02/2021 – Programa de Bolsas de Apoio à Cultura e à Arte, tendo como objetivos a valorização e divulgação da cultura popular e regional, além de contribuir para o sentimento de pertencimento dos habitantes da região de abrangência da UFVJM, em especial por meio da música e da poesia.

O projeto, após se tornar atividade de extensão, aumentou seu grupo de trabalho, contando com uma Equipe Executora, voluntários e uma discente bolsista da mesma Universidade. Com isso, passou a se estruturar em três programas: o “Prosa de Domingo”, que vai ao ar nas manhãs dominicais; o “Prosa Literária”, toda terça-feira às 18h; e o “Prosa de Cultura”, divulgado de três em três semanas. Além disso, o Projeto tem como propósito a construção de um acervo com dados biográficos e produção de artistas divulgados(as) nos programas.

Atualmente, o canal do Projeto no *YouTube* conta com 516 inscritos e o do *Instagram* com 301. Ao longo do primeiro semestre de 2021 foram 43 programas realizados, totalizando 6.819 visualizações no Youtube e 2.158 no Instagram. O projeto tem contribuído para o sentimento de pertencimento da comunidade e também de conhecimento da cultura da região por parte de moradores de outras partes do país e até mesmo de fora do Brasil, com ouvintes assíduos e também novas pessoas que se interessam e se inscrevem nos canais do Projeto de Extensão.

2 Prosa de Domingo

A partir de janeiro de 2021, quando se inicia efetivamente o “Projeto Rádio Zói d’Água” como atividade de extensão, o “Prosa de Domingo”, antes voltado para a



musicalidade da viola e o horizonte poético-musical caipira, foi reformulado, passando a ter como elemento central a divulgação de artistas dos Vales do Mucuri e do Jequitinhonha. A sonoridade da viola e a musicalidade caipira continuaram presentes, porém não como ponto principal.

A interação com o público ouvinte por meio de recados e mensagens também foi um aspecto que se manteve. De janeiro a julho de 2021 foram 27 episódios, com duração entre 25 e 30 minutos. Durante esse período a estrutura básica do programa ficou assim organizada:

- Boas-vindas;
- 1ª parte: uma música diferente de compositores ou intérpretes da região de estilos diversos;
- 2ª parte: destaque mensal para um artista ou trabalho cultural no campo da música;
- 3ª parte: quadro “Hora de Poesia”, com a apresentação de escritores(as) dos Vales e leitura de seus poemas;
- 4ª parte: quadro “Momento caipira”, com músicas que resgatam a memória dos antigos programas de rádio;
- Despedida.

A capa foi elaborada de maneira simples, com a foto “Beira do Jequitinhonha”, de Rodrigo Barbosa, como pode ser visto na Figura 1.



Figura 1: Capa do Programa “Prosa de Domingo” – edição de 16/05/2021



Fonte: Elaborada pela Equipe do Projeto. Foto de Rodrigo Barbosa (2021).

Na primeira parte já foram divulgados trabalhos musicais de: Bilora, Wilson Dias, Cícero Gonçalves, Pereira do Vale, Gustavo Guimarães, Joaci Ornelas, Chico Lobo, Dea Trancoso, Doroty Marques e Titane. Na programação especial do mês de junho, passaram pelo programa nomes como Flávio José, Lamartine Babo, Luiz Gonzaga e Ceumar. Na segunda parte, que destaca a cada mês um(a) artista ou trabalho cultural, foram apresentados: Beatriz Farias (janeiro), Carlos Farias e o Coral das Lavadeiras (fevereiro), Dea Trancoso (março), Tau Brasil (abril), Rubinho do Vale (maio), Trovadores do Vale (junho).

Já o quadro “Hora de Poesia” apresentou: Caio Duarte, Herena Barcelos, Marina Cangussu, Cris Sabino, Gonzaga Medeiros, Rafael Avelino, Sabiá Coitelinho, Vanessa Juliana, Maguidá Botelho, Cláudio Bento, Alex Konrado, Sândrio Cândido, Giselda Gil, Trabion, Iza Rodrigues, Mari Carvalho, Livia Ferreira, Vinícius Figueiredo, Hérica Silva e Ísis Caldeira. Em edições especiais como o Dia do Trabalho e Dia da Mulher, foram lidos poemas de Eduardo Galeano e Conceição Evaristo. A quarta parte, constituída do “Momento caipira”, procurou apresentar clássicos e releituras de músicas caipiras.

A recepção pelo público ouvinte foi muito boa durante esse período. Esse vasto quadro artístico de poetas, compositores e intérpretes, articulando aspectos



regionais e universais, possibilitou que pessoas de gostos musicais e poéticos diversos se interessassem pelo programa. Tomando como referência o canal do *YouTube*, nota-se que o número de visualizações do programa varia de 111 a 180 por semana. Os programas mais antigos, como os de janeiro e fevereiro, alcançam até 255 visualizações.

Outro indicativo são os comentários no canal. A cada semana há uma frequência de 12 a 15 comentários, de ouvintes antigos e novos. Além disso, nota-se que o número de inscritos praticamente dobrou, saltando de 261 em janeiro para 519 no final de julho.

Com base nesse percurso, a quarta temporada do “Prosa de Domingo” (agosto a dezembro de 2021) deverá manter a estrutura básica do programa, com alguns ajustes. Um dos elementos apontados na avaliação da equipe executora é a necessidade de divulgação de artistas musicais de estilos variados na primeira parte do atual formato. Avalia-se que o conjunto de artistas teve como marca preponderante o traço regionalista ou a sonoridade da viola. Embora a musicalidade regional permaneça como destaque, há uma gama de distintos estilos de artistas do Jequitinhonha e Mucuri, que pode valorizar ainda mais o programa.

Do seu lado, a viola deverá manter sua importância na programação, por meio do quadro “Música de Viola”, no qual serão divulgados violeiros regionais consagrados e outros menos conhecidos. Já os quadros “Hora de Poesia” e “Momento Caipira” deverão ser mantidos. Espera-se que a próxima temporada dê continuidade ao trabalho de alegrar as manhãs de domingo dos(as) ouvintes, divulgando músicas, poesias e trabalhos de artistas dos Vales e de todo Brasil.

3 Prosa de Cultura

O “Prosa de Cultura” se configura como um programa de bate-papo com artistas, produtores e produtoras culturais, pesquisadores e pesquisadoras que tenham uma relação com os Vales do Jequitinhonha e do Mucuri. O programa tem semelhanças com o modelo de *podcast*, com duração média de uma hora e meia,



conservando, porém, a característica da conversa livre com os(as) convidados(as).

Iniciado no mês de março de 2021, o programa teve seis edições, com intervalo de três semanas entre um e outro. A estrutura segue uma organização em três blocos: no primeiro, a pessoa convidada fala sobre sua trajetória, influências, formação artística etc.; no segundo bloco, há uma discussão sobre arte, cultura popular e os principais desafios da produção artística em âmbito nacional e local; o terceiro bloco apresenta os projetos em andamento por parte da pessoa convidada e perspectivas de trabalho e produção. A cada bloco, a pessoa convidada indica uma música ou poesia. A capa foi criada pela equipe, com imagem da obra de Gildásio Jardim.

Figura 2: Capa do Programa “Prosa de Cultura” – edição de 17/03/2021.



Fonte: Elaborada pela Equipe do Projeto. Imagem: Gildásio Jardim (2021).

Na primeira temporada do programa, houve grande variedade de atuação artística entre as pessoas convidadas:

- Bilora: compositor, violeiro e escritor;
- Gildásio Jardim: artista plástico e educador;
- Jandira Cangussu: arte-educadora e diretora de assuntos culturais;
- André Luiz Dias: ator, bailarino, dramaturgo, arte-educador e diretor;
- Edileila Portes: artista plástica, professora e escritora;



- Beatriz Farias: compositora, cantora e produtora cultural.

A primeira temporada mostra que o programa, mesmo sendo de duração maior, mantém boa recepção por parte do público ouvinte. Isto se mostra pelas visualizações no canal do Youtube, que variam de 80 a 162, e também pelos comentários, que oscilam entre 10 a 20, superando, inclusive, a média de comentários do programa semanal “Prosa de Domingo”, que é mais antigo.

Para a próxima temporada, o “Prosa de Cultura” manterá a periodicidade e a diversidade de áreas artísticas das pessoas convidadas, incluindo escritores(as). A ideia é fortalecer esse espaço de divulgação da produção artística das regiões do Mucuri e do Jequitinhonha, além de promover a difusão da crítica sobre a cultura.

4 Prosa Literária

A receptividade e retorno dos(as) artistas e público do quadro “Hora de Poesia”, do programa “Prosa de Domingo”, foi a inspiração para a criação do terceiro programa do projeto Rádio Zói d’Água: o “Prosa Literária”. O desejo surgiu na chegada de novos voluntários ligados à literatura em fevereiro de 2021. Desde o início, a ideia foi a criação de uma série de pequenos episódios, apresentando fatos de destaque ou projetos atuais de escritores do cenário regional.

Para Antônio Cândido (1984), a importância da literatura deve ser reconhecida a partir do momento em que os direitos que asseguram a integridade espiritual dos seres humanos, como a crença, a opinião, a arte e a literatura também devem ser consideradas fundamentais. O autor marca ainda a literatura como um espaço de questionamento e busca de direitos. Esses princípios caminham junto com a consciência crítica defendida por Paulo Freire (2007), onde a aprendizagem se dá em diferentes espaços, num processo democrático e colaborativo.

Após um longo período de discussão, para delineamento do formato do “Prosa Literária”, o programa foi ao ar pela primeira vez no dia 22 de junho de 2021, no canal do YouTube.

A escolha das apresentadoras foi um contraponto para as vozes



majoritariamente masculinas nos programas antecedentes. Em linhas gerais, após um primeiro esboço realizado em equipe, as pesquisas, textos, entrevistas e apresentações são realizadas por duas voluntárias e uma discente extensionista. A edição final é realizada pelo coordenador.

Para a primeira temporada optou-se por uma série semanal, com 14 programas de 10 a 15 minutos, publicados sempre às terças-feiras, por volta das 18 horas. Intercalando escritores dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, o programa se propõe também a apresentar obras e projetos ligados à literatura da região. Até o momento foram produzidos seis programas, sendo um episódio inicial de apresentação do projeto, duas entrevistas com escritoras do Vale do Mucuri (Lívia Ferreira e Ísis Caldeira), duas entrevistas com poetas do Vale do Jequitinhonha (Maguidá Freitas e Diêgo Alves) e um programa de apresentação do Movimento dos Poetas e Escritores do Vale do Jequitinhonha.

A equipe planejou em conjunto o layout modelo do cartaz de divulgação. Foi feita a opção por um layout simples, que valorizasse a delicadeza da imagem e trouxesse elementos que remetesse às artes dos projetos anteriores, como pode ser visto na Figura 3.

Figura 3: Capa do Programa “Prosa Literária” – edição de 20/07/2021.



Fonte: Elaborada pela Equipe do Projeto. Foto de componente (2021).



O programa traz consigo uma série de contribuições, que sobrepõem a simples divulgação de artistas: o diálogo entre gerações, entre escritores consagrados e iniciantes, entre publicados e não publicados, o cuidado com a representatividade, o trabalho em equipe, o apreço com a biografia dos participantes, as parcerias com outros programas e projetos, a valorização da literatura regional.

Possivelmente, esse mosaico de caminhos de reconhecimento e valorização literária seja o responsável pelo importante retorno que o projeto tem recebido, seja pelos escritores participantes, seja pelos ouvintes do “Prosa Literária”. *“Projetos como esse são fundamentais para mostrar as florescências poéticas de nossos Vales”* e *“Maravilhosa conversa. Como é bom sentir dentro do peito o despertar para novos caminhos, vocês são inspirações profundas, os vales são presenças vivas em nosso cotidiano. Muito grata! Parabéns mulheres que nos encorajam”* são dois dos tantos comentários deixados nas redes sociais do projeto. Já foram alcançadas mais de 500 visualizações e mais de 70 comentários.

Para a continuidade do projeto, a ideia é finalizarmos a primeira temporada e realizar uma avaliação dos pontos positivos e negativos da execução do “Prosa Literária”, para planejamento da temporada seguinte. Serão apresentados ainda a Academia de Letras de Teófilo Otoni, o projeto Versinhos de Bem-Querer e a obra Tertúlia dos Vales, além de outros quatro escritores dos Vales. Foi frisada também a importância de se investir na divulgação em redes sociais diversas, com peças virtuais atrativas e frequentes.

5 Considerações finais

A produção dos programas deste projeto de extensão caminha sobre as ideias de Fernandes (2013) acerca das mídias alternativas. Diferente das mídias tradicionais, as alternativas apresentam-se a partir da busca da comunicação como um bem comum, num movimento contra-hegemônico. O maior acesso à internet tem sido um facilitador das mídias alternativas, contribuindo com a democratização da informação. Dessa maneira, vale ressaltar que os conteúdos produzidos não atingem apenas a comunidade escolar, pois estão disponíveis para toda a comunidade com acesso à rede



de internet.

É possível notar como o “Projeto ‘Rádio Zói d’Água’: memória, música e poesia dos Vales” não só evoluiu como projeto vinculado à Universidade, mas ultrapassou os limites do ambiente acadêmico, conectando-se num nível mais profundo com os Vales. Essa conexão se dá não só porque ele se propõe a valorizar a cultura regional e popular, mas também se coloca como um espaço de divulgação do trabalho de artistas que não costumam receber reconhecimento nos meios de comunicação tradicionais.

O projeto é, portanto, um exemplo da importância da extensão universitária, uma parte necessária no tripé “ensino, pesquisa e extensão” para a formação integral dos cidadãos, que não se limita à sala de aula. Além disso, demonstra a necessidade da afirmação e defesa do direito à educação pública e gratuita, contra os seus cada vez mais constantes ataques. Para Sousa (2000, p.207) “está nas mãos da Extensão Universitária fazer com que a própria Universidade seja relevante socialmente”. E isso se coloca por meio de uma práxis que permite não só que a sociedade e a academia se influenciem, mas que elas sejam intrínsecas e essenciais uma a outra.

O Projeto de Extensão “Rádio Zói d’Água” contribui no processo de socialização da Universidade, e trabalha no resgate e divulgação da cultura regional, por meio de seus canais no *YouTube* e no *Instagram*. Mais do que isso, busca despertar o sentimento de pertencimento da população e da UFVJM e, num sentido mais amplo, o caráter emancipatório e revolucionário da cultura popular.

Referências

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

CANDIDO, Antônio. “O direito à literatura”. In: Vários escritos. São Paulo: Duas cidades; Ouro sobre azul, 1995, p. 169-91.

FERNANDES, Vivian de Oliveira Neves. “Panorama da mídia alternativa no Brasil e na América Latina”. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**. Ouro Preto-MG, 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o->



[encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-alternativa/panorama-da-midia-alternativa-no-brasil-e-na-america-latina](#) Acesso em 22 jul. 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

SOUSA, Ana Luiza Lima. **A história da extensão universitária**. Campinas: Ed. Alínea, 2000.

UFVJM. **Assessoria de Assuntos Estratégicos e Institucionais**. Portal UFMJM. Disponível em: <http://portal.ufvjm.edu.br/page/aaei>. Acesso: 06 de agosto de 2021.



Arquivos e decolonialidade: breves considerações acerca de uma abordagem necessária em pesquisa e extensão

Archives and decoloniality: brief considerations towards a necessary approach on research and extension

Igor Gak¹
Nycole Toseli²
Andressa Sousa da Costa³
Anna Carolina Araujo Chipoco³

Resumo

Nosso objetivo é apresentar reflexões tecidas durante o último ano no contexto de reformulação das ações do projeto “Arquivos e Direitos Humanos em Perspectiva Global”. Procuramos explorar as contribuições que a abordagem decolonial pode oferecer para os estudos e a prática arquivística na contemporaneidade. Propomos entender os arquivos como entidades formadoras de subjetividades que podem reforçar ou romper “padrões coloniais de poder”. Como método de trabalho, mapeamos preliminarmente arquivos cuja constituição e atividades podem ser lidas como estratégias de rompimento dessa “lógica da colonialidade”. Três destes acervos são apresentados aqui: o IPEAFRO, o Arquivo Dona Orosina Vieira e o LabJaca, analisados de acordo com a perspectiva decolonial.

Palavras-chave: Arquivologia. Pensamento Decolonial. Direitos Humanos. Arquivos.

Abstract

Our aim is to present preliminary thoughts that we have been weaving over the last year by reformulating the goals of the project “Archives and Human Rights in a Global Perspective”. We seek to explore the contributions that a decolonial approach can offer to the contemporary archival studies and practice. We propose an understanding to the archives as subjectivity-shaping entities that can reinforce or break the so called “colonial matrix of power”. As a working method, we preliminarily mapped archives whose constitution and activities can be read as a program for breaking this “logic of coloniality”. Three of these collections are presented here: the IPEAFRO, the Dona Orosina Vieira Archive and the LabJaca, viewed under an decolonial lens.

¹ Docente do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - igor.gak@unirio.br

² Discente do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - bolsista PIBEX - nycoletoseli@edu.unirio.br

³ Discentes do curso de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - andressa@edu.unirio.br; carolchipoco@edu.unirio.br



Keywords: Archival Studies. Decolonial Thought. Human Rights. Archives.

1 Introdução

Este texto apresenta as reflexões que fizemos no âmbito do projeto “Arquivos e Direitos Humanos em Perspectiva Global” durante o último ano. Nosso objetivo é estimular o conhecimento e interesse dos estudantes de Arquivologia por ações de promoção e defesa dos Direitos Humanos. Diante das condições restritivas impostas pela pandemia de Covid-19, empreendemos uma reformulação das ações pretendidas em nosso projeto. Decidimos dedicar-nos a uma perspectiva ainda pouco explorada nos debates arquivísticos brasileiros: as possibilidades que a abordagem decolonial oferece para os estudos e a práxis arquivística. Buscas em bancos de periódicos nacionais retornaram apenas um artigo que se propunha a refletir sobre as contribuições do pensamento decolonial para a Ciência da Informação (RIGHETTO, KARPINSKI, 2021). Essa ausência de estudos na Arquivologia indica um campo a ser explorado e que pode contribuir para inserir ainda mais a pesquisa arquivística nos debates sociais e políticos da atualidade.

Uma abordagem decolonial da práxis arquivística corresponde a pôr em evidência personagens, grupos e práticas socioculturais historicamente aliados das esferas de poder. Nesse sentido, propomos um deslocamento do olhar para perceber as possibilidades narrativas e de formação subjetiva que esses aspectos ensejam. Isso quer dizer que buscamos concentrar nosso olhar sobre as “narrativas tácitas” (KETELAAR, 2001) presentes na constituição dos acervos, nos usos e reusos da informação, numa perspectiva que nos permite identificar a interação entre a comunidade e o arquivo.

Desenvolvemos um levantamento que nos permitiu identificar alguns arquivos que, pelas práticas de constituição de acervos, acesso e relação com a comunidade devem ser analisados sob essa perspectiva. O primeiro deles é o arquivo do Instituto de Estudos e Pesquisas Afro-Brasileiros (IPEAFRO), cujo acervo é um



retrato das ações do ativista Abdias do Nascimento (1914-2011). O segundo é o Arquivo Dona Orosina Vieira (ADOV), localizado no Complexo da Maré, conjunto de favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro, e que se dedica a reunir e preservar documentos textuais, iconográficos e audiovisuais, além de testemunhos dos próprios moradores que contam a história da favela. Por fim, apresentamos o LabJaca, um laboratório de coleta de dados e difusão da informação que surgiu na favela do Jacarezinho, também na Zona Norte do Rio de Janeiro, no contexto da pandemia. Seu objetivo é o de produzir dados que possam orientar políticas públicas para a comunidade, combater a desinformação e contrapor-se ao discurso oficial sobre a vida na favela.

Mais do que instituições dedicadas à preservação da memória e a oferecer subsídios à pesquisa histórica, entendemos os arquivos como entidades formadoras de subjetividades, promotoras de redes de sociabilidade e da legitimação da identidade dos grupos. Esse entendimento exige que busquemos aprimorar nossas análises sobre a formação dos arquivos e sua função social. Essa perspectiva tem o potencial de permitir romper discursos oficiais que reproduzem e atualizam estruturas de exclusão e preconceito. A seguir tentaremos traçar as linhas teóricas e metodológicas que embasam nosso trabalho, partindo de uma definição do conceito de decolonialidade e buscando relacioná-lo à práxis arquivística.

2 Arquivo, identidade, decolonialidade

O pensamento decolonial refere-se, por um lado, a uma corrente surgida mais precisamente nos anos 1990 a partir das reflexões do sociólogo peruano Aníbal Quijano e do semiólogo argentino Walter D. Mignolo. Por outro, corresponde a um esforço empreendido por grupos sociais no sentido de promover um desengajamento subjetivo, epistêmico, econômico e político contra a persistência de práticas e estruturas de dominação, consideradas coloniais (PINTO, MIGNOLO, 2015; MIGNOLO, 2011; BALLESTRIN, 2013). Isto é, a decolonialidade é uma via para retomar conhecimentos e práticas políticas, econômicas, culturais, sociais e ontológicas



classificadas por séculos como inferiores, estranhas, primitivas, selvagens etc. Como define Walter Mignolo,

Pensamento e opções decoloniais (ou seja, pensar decolonialmente) nada mais são do que um esforço analítico implacável para compreender, a fim de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade, a estrutura de gestão e controle que emergiu da transformação da economia atlântica e o salto de conhecimento que se deu tanto na história interna da Europa como entre a Europa e as suas colônias (MIGNOLO, 2011, p. 10, *tradução nossa*).

Dito de outra maneira, uma abordagem decolonial é uma aposta em desvendar e denunciar as conexões entre as relações de poder globais que se estabeleceram no contexto da expansão colonial europeia e as condições históricas de desigualdade, existentes ainda hoje. Por isso, um dos pontos centrais para os estudos que se filiam a essa corrente de pensamento é o conceito de colonialidade, entendida como

(...) uma permanente relação de poder surgida a partir da expansão colonial europeia sobre as Américas e que representa o núcleo, bem como a condição necessária da modernidade ocidental. Estratégias de definição do 'Outro' em relação à modernidade ocidental e os consequentes processos de hierarquização dos sistemas de crença e conhecimento, princípios de organização econômica e social, as pretensas raças, etnias e formas de controle do trabalho passaram a determinar, a partir desse momento, a relação entre o 'velho' e o 'novo' Mundo, bem como a influenciar de forma duradoura a autopercepção de cada um (BOATCĂ, 2016, pp. 119-120, *tradução nossa*).

Para além do processo de colonização, a colonialidade refere-se a um conjunto de princípios e valores que fundamentam a manutenção das relações de poder e discursos que justificam historicamente práticas de dominação de um grupo ou nação sobre outro ou outros. Essas práticas permanecem nas sociedades que vivenciaram em sua história a experiência da colonização e se reproduzem na maneira como se estruturam as relações entre os sujeitos. O racismo, por exemplo, faz parte das estratégias de dominação do contexto colonial, mas permanece e se atualiza constantemente na sociedade herdeira dessa experiência. É, portanto, produto de uma

Raízes e Rumos, Rio de Janeiro, v.9 n.2, p. 104-113, jul.-dez., 2021



epistemologia baseada na segregação, classificação e hierarquização de um grupo por outro que detém as condições de controlar a produção do conhecimento e conferir credibilidade a essa hierarquização. A perseguição aos sistemas de crenças e saberes africanos no Brasil encontra nessa hierarquização a sua justificativa primordial. (PINTO, MIGNOLO, 2015, p. 383)

Ao desvendar e denunciar essas estruturas de dominação subjetiva, a abordagem decolonial oferece uma alternativa para compreender práticas políticas, sociais, econômicas e epistêmicas. Os arquivos constituem-se enquanto instituições envolvidas no processo de formação de identidades e produção do conhecimento. Respeitar os princípios consagrados da Arquivologia, sem opor-lhes uma crítica que considere as pressões impostas pela permanência dessa “lógica da colonialidade” (BALLESTRIN, 2013, pp. 100-101), contribui para reforçar esses padrões de hierarquização e conservar estruturas de dominação. A forma pela qual se dá, nos fundos e coleções dos arquivos públicos brasileiros, a presença de grupos sociais historicamente marginalizados, como negros, indígenas e mulheres é um exemplo disso.

A aplicação da abordagem decolonial à Arquivologia consiste numa proposta de compreensão ampliada das noções de “arquivo” e “documento”, como forma de depor silenciamentos impostos nos processos de constituição de acervos arquivísticos. Além disso, o arquivo deve ser pensado não apenas pelo seu conteúdo, mas também pelo seu contexto, sua função e atuação na comunidade em que está inserido. Tampouco o documento deve ser pensado nas fronteiras da definição tradicional, que reconhece no suporte físico ou digital os meios de transmissão da informação. Antes, a noção de documento deve reconhecer as práticas dos grupos que criam formas de transmissão de informação e saberes. De acordo com essa percepção, performances, rituais, práticas culinárias e celebrações podem ser entendidas como a forma que grupos encontram de registrar e transmitir conhecimento.

3 Um olhar decolonial sobre os arquivos



Os arquivos que apresentamos nesta seção foram selecionados levando-se em consideração aspectos como a constituição de seu acervo, sua atuação junto à comunidade e sua função social. Nosso objetivo é identificar elementos nas práticas arquivísticas destas organizações que permitam ressaltar vozes historicamente silenciadas e romper padrões de controle e dominação baseados em critérios de gênero, raça e classe.

3.1 Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO)

Fundado em 1981, a finalidade principal do IPEAFRO é preservar e divulgar o acervo arquivístico e museológico de seu fundador, o ativista Abdias do Nascimento, e das organizações criadas por ele. Nesse sentido, a missão do Instituto é tornar o acervo um pólo de ações educativas voltadas para o conhecimento e valorização da história e cultura afro-brasileiras. A vasta e eclética produção intelectual de Abdias do Nascimento compreende áreas como poesia e dramaturgia, política, ativismo social e pesquisa científica. Somado a isso, o caráter pioneiro de suas ações ao longo do século XX no Brasil, Europa, Estados Unidos e África foi um fator determinante para que seu acervo fosse declarado de interesse público e social pelo Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), em 2010, e no ano seguinte fosse incluído pela UNESCO no Registro Memória do Mundo - América Latina e Caribe (MOWLAC).

A documentação abrange um período de mais de oitenta anos, sendo parte constituinte da memória do ativismo negro no Brasil, desde as ações da Frente Negra Brasileira nos anos 1920-30 até a atuação em prol da efetivação das primeiras políticas de igualdade racial no país. O acervo é composto por fotos, manuscritos, correspondências, recortes de jornal e revista, além da documentação administrativa das instituições criadas e geridas por Abdias do Nascimento.

O IPEAFRO propõe-se a contribuir para a afirmação identitária de um grupo social marcado pela experiência da diáspora, da violência e da exclusão. E o seu arquivo é um importante “recurso para a aspiração”, como diz Arjun Appadurai. De acordo com ele, arquivos, como o do IPEAFRO, “entendidos como ferramentas ativas



e interativas para a construção de identidades sustentáveis, são importantes veículos para a criação da capacidade de aspiração entre os grupos que mais dela precisam.” (APPADURAI, 2003, p. 25, *tradução nossa*). E desde a sua criação, o arquivo do IPEAFRO constitui-se num importante agente na luta política pelos direitos da população negra brasileira e pela valorização identitária desse grupo.

3.2 Arquivo Dona Orosina Vieira (ADOV)

O Arquivo Dona Orosina Vieira está situado no Museu da Maré, instituição cultural do Complexo da Maré, comunidade da Zona Norte do Rio de Janeiro. O acervo é constituído por uma documentação fora do padrão daquelas que normalmente constituem instituições de memória. Formam o conjunto, essencialmente, objetos relacionados às memórias dos moradores, isto é, documentos de tipo iconográfico, textual ou audiovisual que eles próprios identificam como representativos da memória da comunidade. Seu acervo, portanto, não é constituído de documentos públicos gerados para cumprir funções administrativas, imbuídos de valor histórico após um criterioso processo de seleção. Aqui, a prática de arquivar se constitui numa “prática radical” (BALATBAT-HELBOCK et al., 2018, pp. 154-155), que considera a interpretação e avaliação dos moradores como critérios fundamentais de seleção e constituição da memória. Nesse sentido, o arquivo oferece um espaço para documentar histórias silenciadas, contadas através do próprio olhar dos moradores.

Esse método permite ao arquivo romper a narrativa oficial, exterior à comunidade, sobre o surgimento e crescimento da comunidade, a história de vida dos moradores e as práticas culturais, políticas, econômicas e epistêmicas próprias da favela. Esse é um exercício de ressubjetivização e de valorização identitária num contexto em que a violência do Estado sobre a comunidade é justificada por um discurso que identifica esse espaço, as pessoas que nele habitam e sua cultura como algo a ser combatido.

Se reconhecermos que os arquivos tradicionais são incapazes de dar voz aos silenciados (BASTIAN, 2006, p. 284), uma vez que refletem estruturas de dominação



fundamentadas na exclusão e no silenciamento, o ADOV assume um protagonismo determinante na formação da identidade dos moradores da Maré. O próprio nome do arquivo é também uma proposta decolonial, haja vista que rompe uma estrutura patriarcal. Mulher, negra e periférica, Dona Orosina Vieira é a moradora mais antiga do Complexo da Maré.

3.3 LabJaca

O LabJaca nasceu em 2020 a partir da campanha comunitária “Jaca contra o Corona”, realizada na favela do Jacarezinho, como forma de amenizar os impactos da pandemia de Covid-19 sobre a comunidade carioca. Inicialmente o grupo arrecadou e distribuiu mantimentos e kits de higiene, abastecendo a população e contribuindo para o enfrentamento dos efeitos socioeconômicos da pandemia. A partir dessa experiência, os ativistas decidiram investigar o quadro de desenvolvimento da doença na comunidade e, com base nos dados coletados, propor políticas públicas qualificadas e contrapor dados oficiais que não correspondiam à realidade.

Através de um instrumento de pesquisa, que consistia num questionário distribuído aos moradores durante as ações de distribuição de mantimentos e material de higiene, os ativistas do LabJaca conseguiram obter informações que contradiziam os dados dos governos estadual e municipal. Até aquele momento, a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro contabilizava pouco mais de dez casos de Covid-19 no Jacarezinho. Segundo as respostas que o LabJaca recebeu, foi possível traçar um quadro mais realista, indicando centenas de casos suspeitos.

É nesse momento que o LabJaca se constitui como uma organização dedicada à divulgação científica em estreita colaboração com os moradores, convertendo-se num laboratório de narrativas e produção de dados que deverão embasar instrumentos para a reivindicação de políticas públicas. O trabalho de pesquisa e investigação do laboratório conta com a participação dos moradores numa construção coletiva, valorizando a produção de conhecimento da própria comunidade sobre si. Os produtos dessa ação são documentos audiovisuais, desenvolvidos em linguagem



simples e acessível, com o objetivo de estimular a disseminação informacional entre os moradores da favela.

Enquanto laboratório de pesquisa e divulgação científica, o LabJaca disputa o espaço da narrativa oficial do Estado, que homogeneiza a vida nas favelas através das estruturas do racismo e da violência sistêmica. Seus projetos e ações refletem as demandas da comunidade no enfrentamento ao desemprego, à pobreza, à violência, e mais do que isso, devolve aos moradores o sentimento de pertencimento através da elaboração de uma contranarrativa que se contrapõe aos estigmas gerados pela narrativa oficial. Portanto, esse trabalho dialoga criticamente com a Arquivologia, como uma área do conhecimento que surge no contexto da formação do Estado moderno. O LabJaca é uma expressão da necessidade de discutir a informação arquivística como agente da reivindicação de direitos no enfrentamento à lógica da colonialidade.

4 Conclusão

Nosso projeto nos permitiu conhecer experiências comunitárias que recorrem a práticas arquivísticas como forma de combater os silenciamentos próprios da lógica da colonialidade que estrutura as relações entre os sujeitos na sociedade brasileira. Nosso propósito neste artigo foi apresentar as aproximações teóricas que viemos tecendo durante o último ano para pensar as práticas arquivísticas através de uma abordagem decolonial. Defendemos que essa perspectiva produz um diálogo bastante profícuo entre a Arquivologia e os Direitos Humanos.

As três organizações que apresentamos brevemente nesse texto desenvolvem um trabalho que põe o arquivo a serviço da valorização identitária dos grupos a que elas se referem – a saber a população negra e periférica do Rio de Janeiro. As relações estabelecidas entre a comunidade e o arquivo potencializam a capacidade dos grupos apropriarem-se das narrativas sobre suas experiências históricas e práticas políticas, culturais, econômicas e epistêmicas. Nosso propósito agora é criar meios de divulgar



não apenas as ações desses arquivos, mas também as potencialidades analíticas presentes na relação estabelecida entre a comunidade e o arquivo.

Referências

APPADURAI, Arjun. *Archive and Aspiration*. In: BROUWER, Joke, MULDER, Arjen, CHARLTON, Susan (Org.). **Information is Alive: Art and Theory on Archiving and Retrieving Data**. Rotterdam, New York: V2/NAi Publishers; D.A.P./Distributed Art Publishers, 2003, pp. 14-45.

BALATBAT-HELBOCK, Lynhan, et al. *Colonial Neighbours: ein partizipatives Archivprojekt von SAVVY Contemporary*. In: KNOFF, Eva, LEMBCKE, Sophie, RECKLIES, Mara (Org.). **Archive dekolonialisieren: Mediale und epistemische Transformationen in Kunst, Design und Film**. Bielefeld: Transcript, 2018, pp. 151-162.

BALLESTRIN, Luciana. *América Latina e o giro decolonial*. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 1, 2013, pp. 89-117.

BASTIAN, Jeannette Allis. *Reading Colonial Records Through an Archival Lens: The Provenance of Place, Space and Creation*. In: **Archival Science**, 6: 3-4, 2006, pp. 267-284.

BOATCĂ, Manuela. *Postkolonialismus und Dekolonialität*. In: FISCHER, Karin, HAUCK, Gerhard, BOATCĂ, Manuela (Org.). **Handbuch Entwicklungsforschung**. Wiesbaden: Springer VS, 2016, pp. 113-123.

KETELAAR, Eric. *Tacit narratives: The meanings of archives*. In: **Archival Science**, 1: 2, 2001, pp. 131-141.

MIGNOLO, Walter D. **The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options**. Duke University Press, 2011.

PINTO, Julio Roberto De Souza, MIGNOLO, Walter D. *A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial*. In: **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, 15: 3, 2015, pp. 381-402.

RIGHETTO, Guilherme Goulart, KARPINSKI, Cezar. *For a decolonial social epistemology*. In: **Transinformação**, 33, 2021.



Cinema e Arquivologia: uma relação interdisciplinar nas redes sociais de ensino, pesquisa e extensão

Cinema and Archives: an interdisciplinary relationship in social networks of teaching, research and extension

Rosale de Mattos Souza¹
Amanda Heloisa Souza Custódio²
Pedro Velho de Sá³

Resumo

Este trabalho visa apresentar de forma interdisciplinar as relações entre a Arquivologia e o Cinema para a reflexão da arte e da consciência social. Os filmes e os audiovisuais são instrumentos de didática e da educação junto à universidade. Existem filmes nos quais os documentos e os arquivos são protagonistas ou coadjuvantes, observados na comunidade acadêmica intra e extramuros. Utilizamos o método bibliográfico-qualitativo sobre cinema, arquivos, história e memória. No método empírico, o emprego das redes sociais, o Facebook na seleção, divulgação de eventos, festivais, encontros, cursos, mesas redondas, entrevistas com profissionais de audiovisuais, filmes e arquivos. Como resultados a divulgação de informações nas redes sociais, artigo publicado em periódico, pôster no 1º Simpósio Internacional de Arquivos - SIA e dois vídeos explicativos do projeto, promovidos pelas mídias da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

Palavras-chave: Arquivo. Audiovisual. Didática. Filmes. Arte.

Abstract

This work aims to present in an interdisciplinary way the relationships between Archivology and Cinema for the reflection of art and social conscience. Films and audiovisuals are tools for teaching and education at the university. There are films in which documents and archives are protagonists or supporting actors, observed in the academic community inside and outside the walls. We use the bibliographic-qualitative method on cinema, archives, history and memory. In the empirical method, the use of social networks, Facebook in the selection, dissemination of events, festivals,

¹ Docente do Departamento de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Doutora em Ciência da Informação - UFRJ ECO IBICT - rosale.m.souza@unirio.br

² Discente do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa, professora de História, colaboradora do projeto de extensão - amanda.hsc@hotmail.com

³ Discente da Graduação em Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), bolsista de extensão - pedrovelhods@gmail.com



meetings, courses, round tables, interviews with audiovisual professionals, films and archives. As a result, the dissemination of information on social networks, an article published in a periodical, a poster at the I International Symposium on Archives – SIA and two explanatory videos of the project, promoted by the media at the Federal University of the State of Rio de Janeiro – UNIRIO.

Keywords: Archive. Audiovisual. Didactics. Films. Art.

1 Introdução

O projeto de extensão “Cinema e Educação: a inclusão social dos cidadãos entre ficção e documentários através do CineArquivoUnirio” foi cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão - PROEXC, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), desde 2019. O CineArquivoUnirio trata-se de uma iniciativa da área de Arquivologia da UNIRIO, que visa apresentar de forma interdisciplinar entre Arquivologia e o Cinema os audiovisuais e filmes, proporcionando o ensino, pesquisa e extensão, em consonância com referenciais teóricos do Cinema, da Comunicação e da Ciência da Informação nas redes sociais. Desta forma, entendemos que seja de extrema importância a definição do que compreendemos como documento audiovisual e filmes. Posto isto, entendemos um documento audiovisual com o termo “bíblion”, como determinado por Otlet:

[...] É o termo convencional aqui empregado para designar toda espécie de documento. Abrange não apenas o livro propriamente dito, manuscrito ou impresso, mas também revistas, jornais, textos escritos e reproduções gráficas de qualquer espécie, desenhos, gravuras, mapas, esquemas, diagramas, fotografias, etc. A documentação no sentido lato do termo abrange o livro, isto é, meios que servem para representar ou reproduzir determinado pensamento, independentemente da forma como se apresente. [...] (OTLET, 2018, p.11).



Para o Glossário da Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos, Sonoros e Musicais - CTDAISM, relacionada ao antigo Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ, o conceito de arquivo audiovisual:

[...] **Arquivo Audiovisual**

1. Organização, departamento ou unidade, de natureza pública ou privada, dedicado ao tratamento, preservação e acesso aos documentos audiovisuais.
2. Conjunto de documentos audiovisuais produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades. (CTDAISM, 2018, p. 05).

Os filmes se diferenciam dos audiovisuais em termos de definição, período de produção e suportes documentais:

[...] **Filme**

1. Conjunto formado pelo suporte plástico flexível e uma emulsão fotossensível.
2. Seqüência (sic) de imagens distintas que, projetadas umas após as outras, dão a ilusão de movimento.

Filme de acetato

Filme com suporte plástico de triacetato de celulose, também conhecido como filme de segurança (safety fim).

Nota: Criado na década de 1950 em substituição ao filme de nitrato.

Filme de nitrato

Filme com suporte plástico de nitrato de celulose, altamente inflamável.

3. Nota: Primeiro material plástico moderno a ser utilizado mundialmente como suporte dos filmes em 35 mm até a década de 1950.[...] (CTDAISM, 2018, p. 15).

Sendo assim, consideramos que o ensino, a pesquisa e a extensão da Arquivologia podem e devem ser proporcionados, de forma interdisciplinar com o cinema, a partir de documentos audiovisuais e fílmicos, entretanto, sem descartar também outras formas de conteúdo e de publicações na internet, textos, palestras e entrevistas etc. em redes sociais - que possam ser úteis às finalidades de disseminação da cultura, da reflexão social e fílmica do projeto.



As investigações científicas, outrora, demandavam presença assídua em arquivos e bibliotecas, exigindo maior investimento do aspecto financeiro e de tempo. Como advento das tecnologias digitais, facilitaram os processos de pesquisa científica, contribuindo também com a democratização da informação. Atualmente, a internet permite acesso ágil a múltiplos dados. No entanto, se consumidos sem averiguações diligentes, podem resultar na construção de um saber superficial. A partir desta compreensão, é fundamental que no processo de elaboração de ferramentas virtuais dedicadas a compartilhar conhecimentos, ao invés de visar os rendimentos, estas devem prezar pelo rigor (Reis, 2013).

É necessário destacar que o cinema, para além da apreciação estética e entretenimento, é uma importante fonte de estudo sobre a história do século XX e contemporânea, contendo extensa possibilidade didática. Esse material “[...] pode ser compreendido mais propriamente como um feixe de agentes históricos diversos - e [...] permite também um estudo acurado das práticas e representações culturais.” (BARROS, 2012, p.67).

Ademais, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que em seu documento com recomendações para a preservação audiovisual evidencia que as imagens em movimento

[...] são uma expressão da personalidade cultural dos povos e que, devido a seu valor educativo, cultural, artístico, científico e histórico, fazem parte integrante do patrimônio cultural de uma nação [...] uma importante contribuição para a educação e enriquecimento do ser humano. (UNESCO, 1980)

Não obstante, segundo Bezerra (2015), nos debates acerca do patrimônio cultural no Brasil, ainda há pouca deferência em torno do audiovisual, com escassas políticas públicas dedicadas à sua preservação e inclinadas a fomentar a produção comercial. A autora afirma que o reconhecimento do valor artístico do cinema depende da superação de convenções que alegavam que este continha uma essência impura, contaminada por outras artes. Esta perspectiva influenciou a gestão de



diferentes governos ao longo da história, interferindo negativamente na dedicação de recursos para a salvaguarda destes bens.

2 Matérias, notícias e informações nas redes sociais

A partir de 2020 até os dias atuais, o projeto do CineArquivoUnirio mantém a publicação de informações relacionadas aos arquivos, cinema, cultura e história.

A pandemia da Covid-19 estimulou o desenvolvimento de muitos projetos voltados para a internet, por exemplo, através de videoconferências, palestras, congressos e eventos de forma remota. Isto permitiu a superação de limitações geográficas, possibilitando a difusão de eventos ocorridos em outros estados, como o “1º Ciclo de Cinema e Política” da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em São Paulo.

Ademais, os eventos de instituições como a Associação Brasileira de Preservação Audiovisual (ABPA) e o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (AN), tendo em pauta, sobretudo cursos e debates que abordavam questões pertinentes à preservação audiovisual. Destaca-se o compartilhamento da publicação sobre a Oficina Lanterna Mágica do AN, a qual foi inserida no anual “Arquivo em Cartaz - Festival Internacional de Cinema de Arquivo”, que estimula a criação de curtas-metragens artísticos embasados no acervo audiovisual deste órgão.

Em outro aspecto, abordando a relevância e os desafios da exibição de material cinematográfico como ponto de partida para a discussão de questões da atualidade, foi incluído o “1º Ciclo Conversas de Cineclube”, projeto da recém-formada Rede de Cineclubes do Instituto Federal do Rio de Janeiro.

No que tange a festivais, foi abordado o “Festival Virtual - 35 anos de Cinema Brasileiro”, que fez um panorama das obras de ficção e documentários nacionais, contando com exibições e debates.

Além destes, foram divulgadas sessões dos cines debates promovidos pelo Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF), em parceria com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que através do projeto “Cine Debate: Crime



& Cinema - Direitos Fundamentais no Processo Penal”, que tem por objetivo aprofundar a discussão sobre a proteção dos direitos humanos fundamentais no processo penal.

Outras iniciativas do CCJF compartilhadas: o bate-papo “Rio Festival de Cinema LGBTQIA+ e os novos formatos dos festivais de cinema” e a oficina “Transvestilidade e Cinema - um estudo sobre as narrativas, as personagens e a cinematografia trans e travesti”. Igualmente, compartilhou o bate-papo “Horror Noire, a representação negra no cinema de terror”, promovido pelo “Cinefantasy-Festival Internacional de Cinema Fantástico”, o qual tem como proposta o cinema fantástico (com os subgêneros horror, ficção científica e fantasia), incluindo debates sobre temas sociais e inclusivos.

Foram divulgadas ainda as seguintes notícias e matérias: A força de trabalho da Cinemateca Brasileira: História e luta pela preservação audiovisual; Carta da ABPA sobre audiência pública; 19 de junho - Dia do Cinema Brasileiro; A very happy birthday to FIAF - 83 Years Young Today!; Foto Rio 2020 Virtual. No segundo dia da Semana de Ocupação Visual; A Foto Rio recebe a Oficina “Cafuné na Laje: Memória ao Redor” com Léo Lima; V Semana Nacional de Arquivos; A programação da III Jornada de Cinema da Faculdade Facha (Faculdades Integradas Hélio Alonso) reúne profissionais do setor de preservação audiovisual para conversar sobre a importância da conservação e difusão das obras audiovisuais, documentação correlata e equipamentos, questões fundamentais para a compreensão e preservação da história do cinema brasileiro; Microscopy of Historical Film Colors ;NEVILLE 80; Journal of Film Preservation No 104; [Webinário ABPA; [ARQUIVOVIVO] [CURSO DE EXTENSÃO]; [PALESTRA] ; palestra “Mulheres Negras no Rio de Janeiro”, com a pesquisadora Ana Paula Alves Ribeiro (UERJ). O debate foi baseado no capítulo do livro “Mulheres de Cinema”, que foi escrito por ela e a mediação fica por conta de Karla Holanda - Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual - PPGCINE da UFF; Seminário Documentação & Conservação de Acervos Culturais.

Divulgamos filmes relacionados aos arquivos, documentos e informações, que são encontrados em filmes documentários ou de ficção:



“Crônica da Demolição”

Sinopse: Ao investigar a controversa demolição do Palácio Monroe, o antigo prédio do Senado Federal no Rio de Janeiro, decretada pelo presidente Ernesto Geisel no período militar, o documentário revela os jogos de poder que determinam os destinos da cidade até hoje. Direção: Eduardo Ades. Brasil, 2015. Classificação indicativa livre. Documentário. 90'. Legendas em inglês e espanhol.

“Eldorado - Mengele Vivo ou Morto”

Sinopse: O Diretor Marcelo Felipe Sampaio revisita a história da passagem do médico nazista Josef Mengele pela América do Sul. Teorias da conspiração relatam que o verdadeiro Josef Mengele fugiu para os EUA deixando um sócio no Brasil, e que suas terríveis experiências foram usadas pela indústria farmacêutica. 1,12 min. 2019; Diretores: Marcelo Felipe Sampaio; Gêneros Interesses especiais; documentários; Legendas: indisponíveis; Idioma: Português (Prime vídeo 2021)

“Os Falsários”

Sinopse: Salomon Sorwitsch vive uma vida turbulenta de cartas, bebidas e mulheres em Berlim durante a era nazista. De repente, ele é preso e jogado em um campo de concentração. Salomon exibe habilidades excepcionais e logo é transferido para um campo atualizado. Escolhidos a dedo por sua habilidade única, Salomon é forçado a produzir moeda estrangeira falsa. 2009. Diretores: Stefan Rzewitzky; Atores principais: Karl Markovics, August Diehl, Devia Striesow, Gêneros Ação, Drama; Legendas Português, Idiomas de áudio Português, Deutsch. (Prime vídeo 2021)

Estes eventos exemplificados, assim como os demais não mencionados neste relato, mas que estão incluídos em outras publicações, e que contêm uma multiplicidade de assuntos (preservação audiovisual, política, arte, direito, gênero, raça etc.) ; tendo as imagens em movimento como eixo, demonstra aos seguidores do CineArquivoUnirio a extensa possibilidade de exploração do cinema. Além disto, considera-se que, nos esforços de conservação e valorização deste patrimônio cultural, esta página enquanto vetor de informações a seu respeito é de grande valia para a sociedade.



3 Entrevistas publicadas e divulgação do CineArquivoUnirio

Foram realizadas e divulgadas no Facebook do CineArquivoUnirio entrevistas com profissionais especializados em tratamento da informação fílmica e audiovisual, assinalando quais as diferenças e semelhanças entre o audiovisual e o filme, sua preservação, os audiovisuais e os filmes como fonte científica e da história, proteção do patrimônio audiovisual e os impactos das tecnologias da informação nesses gêneros documentais.

Colocada a questão, tivemos como produção de conteúdo uma série de entrevistas publicadas na internet com especialistas da área da Arquivologia e do Cinema. Até o presente momento foram três as entrevistas, uma com o professor Pedro Lopera, Doutor em comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), arquivista formado na UNIRIO, servidor da Biblioteca Nacional e atualmente docente do Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (PPGCINE) da UFF, disponibilizada em 10 de março de 2021, e outra com Mauro Domingues, arquivista graduado pela UFF, servidor do Arquivo Nacional, curador do Arquivo em Cartaz em 2021, fotógrafo e especialista em preservação audiovisual e digitalização de acervos, publicada em 18 de maio de 2021.

As duas entrevistas anteriores já foram divulgadas em nossa página nas redes sociais, também foi realizada a entrevista com o professor de Arquivologia da UNIRIO e servidor do Arquivo Nacional, Marcelo Nogueira de Siqueira, no mês de julho, que ainda não foi publicada, mas foi editada e aguarda a autorização para divulgação.

Os entrevistados e os entrevistadores sempre se pautaram em debates atuais concernentes aos dois campos de atuação de Arquivologia e Cinema, e junto a outros temas de interesse inter e transdisciplinar.

Tivemos como resultados do projeto de extensão convites pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC), a explicação do projeto por nosso bolsista de extensão, Pedro Velho de Sá e divulgação em vídeos de 10 minutos, nos espaços de



mídias da extensão e comunicação social da universidade. Assim, vimos divulgando através de redes sociais, entrevistas e vídeos explicativos o projeto de extensão, levando à pesquisa e ao ensino, pesquisa e extensão da Arquivologia e do Cinema, estimulando o interesse, informando e provocando a participação de docentes e discentes em eventos, encontros, congressos, cursos e oficinas, além de deixá-los informados nas temáticas pertinentes ao projeto.

4 Considerações finais

Ainda hoje, as instâncias competentes governamentais se dedicam de forma precária ao patrimônio audiovisual e fílmico, como pode ser constatado pelos últimos fatos de incúria na Cinemateca Brasileira de São Paulo, culminando no incêndio ocorrido em 29 de julho de 2021, destruindo parte significativa de seu acervo de valor histórico e cultural.

Bezerra (2015, p.8-9) declara que “historiadores, assim como museus, arquivos e cinematecas, exercem um papel ativo de seleção do que sobreviverá, do que estará disponível para as gerações futuras, ou seja: do que será lembrado ou esquecido”. Logo, entende-se que há uma grande responsabilidade social em fomentar a pesquisa e a circulação de saberes a respeito das imagens em movimento. Neste sentido, o CineArquivoUnirio contribui como um dispositivo dialógico entre pesquisadores do tema e a sociedade, convidando-a a apropriar-se de seu patrimônio fílmico.

Neste sentido, a página web denominada CineArquivoUnirio, na mídia social Facebook funciona como um instrumento que zela pela qualidade da informação científica, com uma proposição educativa e cultural. Nesta se discute a relação Cinema e Arquivologia por meio de entrevistas com especialistas destas áreas e da divulgação de palestras, seminários/webinários, cursos, oficinas, debates, festivais, dicas de filmes que relacionam arquivos e documentos como protagonistas e coadjuvantes, entre outros eventos concernentes a estes temas, promovidos por diferentes instituições.



Atualmente, temos cerca de 259 usuários na rede social que seguem a página CineArquivoUnirio. Simultaneamente à produção de conteúdo de nosso projeto, utilizamos nossos sítios na internet para divulgação de eventos das áreas, compartilhamento de publicações, postagem de resenhas e textos de (re)significação de conteúdos audiovisuais.

Como resultados, tivemos uma capilaridade significativa nestes dois anos passados de isolamento social em função da pandemia da Covid-19, entre 2020 e 2021, de funcionamento remoto das instituições de ensino, alcançando alunos(as) dos cursos de Arquivologia e das áreas que dialogam com o projeto. O projeto de extensão também vem chegando a outros interessados, ampliando seu espectro para outras áreas de conhecimento, intra e extramuros, comprovando assim o caráter extensionista do nosso projeto à universidade. Além disto, já participamos de dois vídeos explicativos do projeto pelo nosso bolsista de extensão, de outra publicação em periódico de atividades de extensão e tivemos trabalho aprovado (pôster) no 1º Simpósio Internacional de Arquivos – SIA.

Referências

BARROS, José D'Assunção. Cinema e História: entre expressões e representações. In: BARROS, José d'Assunção; NÓVOA, Jorge (Orgs.). **Cinema-história: teoria e representações sociais no cinema**. 3. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

BEZERRA, Laura. Preservação audiovisual no século XXI: avanços e desafios no Brasil. **Arquivo em Cartaz**, v. 1, p. 7-17, 2015.

CONSELHO NACIONAL – CONARQ. Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos, Sonoros e Musicais – CTDAISM. **Glossário**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2018

DOMINGUES, Mauro. **Série de Entrevistas a Especialistas em Audiovisual**. Rio de Janeiro, 18 de maio de 2021. CineArquivoUnirio. Disponível em <https://www.facebook.com/107115680996698/videos/861488831104470> Acesso em: 16 out. 2021.

EDMONSON, Ray. **Filosofia e princípios da arquivística audiovisual**. Rio de Janeiro: MAM 2013.



LAPERA, Pedro. **Série de Entrevistas a Especialistas em Audiovisual**. Rio de Janeiro, 10 de março de 2021. CineArquivoUnirio. Disponível em <https://www.facebook.com/107115680996698/videos/489555472056500> Acesso em: 16 out. 2021.

OTLET, Paul. **Tratado de Documentação**. Brasília, Briquet de Lemos, 2018.

REIS, Francos Vogner dos. Os limites de uma biblioteca infinita. **Filme Cultura**, n. 59, p. 6-10, 2013. UNESCO. **Recomendación sobre lasalvanguardia y laconservación de lasimágenes en movimiento**. Belgrado, 1980. Disponível em: http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=13139&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html. Acesso em: 28 jun. 2021.

Filmografia:

CRÔNICA DA DESTRUICÃO. Direção Eduardo Ades. Brasil, 2015. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=ABYr_KQftZg

OS FALSÁRIOS. Direção Stefan Rzewitzky. Alemanha, 2009. Disponível em https://www.primevideo.com/detail/0GUTR8UCXQQMA0H8P42Z8TIBRO/ref=atv_dp_amz_det_c_Iw3Dma_1_4?fbclid=IwAR27OY-dOqdDrlpl3ESGw

-sfagCrl2v4S7bbPdiwflPko3Kqgd6Rj8mXt9Y

ELDORADO: MENGUELE VIVO OU MORTO. Direção Marcelo Felipe Sampaio. Brasil, 2019. Disponível em https://www.primevideo.com/detail/0TADZDM6GS3SP8OB8XOM6GN104/ref=atv_dp_amz_det_c_Iw3Dma_1_12?fbclid=IwAR0MzctIfZbANdZmq6ObQCoyCaDcaa4v0M2ou5WbmSpwcrA6YuO2bEqod0g



“Em estado de criação”: a arte de Habitar-se durante a pandemia

"In a state of creation": the art of Habitar-se during the pandemic

Michelle Dantas Ferreira¹
Vitória da Silva Bemvenuto Bonifacio¹
Wallace Araujo de Oliveira²
Juliana de Souza Ferreira³

Resumo

O Habitar-se é uma ação de extensão criada e proposta por nós, pesquisadores vinculados à Educação Universitária e atuantes também na Educação Básica, em 2020/2021, durante a pandemia do novo coronavírus, por meio de encontros online. Intenciona fortalecer vínculos com a Educação Estética, a Arte e a Formação docente a partir de nossos corpos em movimento. Por meio dele, objetivamos ressaltar a necessidade de vivências que dialoguem com as linguagens artísticas cujo conhecimento advém de um processo que se inicia, perpassa e acontece no/pelo corpo. Partilharemos, por meio de uma das proposições ofertadas por uma artista-professora convidada, algumas das reflexões que as experiências vividas nessa ação de extensão vêm nos convocando. Diante da pandemia, apostamos em ações-frestas como essa, que alarguem o espaço para as Artes na Educação e ampliem as possibilidades de uma Educação Estética, que se faz na/pela relação, tendo a arte e as sensibilidades convidadas ao diálogo.

Palavras-chave: Educação do Sensível. Arte. Habitar-se. Pandemia.

Abstract

Habitar-se is an extension action created and proposed by us, researchers linked to University Education and also active in Basic Education, in 2020/2021, during the Coronavirus pandemic, through online meetings. It intends to strengthen links with Aesthetic Education, Art and Teacher Education based on our bodies in motion. Through it, we aim to emphasize the need for experiences that dialogue with artistic

¹ Discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - michaduda@yahoo.com.br; bemvenutovitoria@gmail.com

² Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Patrimonial do Instituto de Pesquisa e Memória dos Pretos Novos (IPN) - wallacearaujo1982@hotmail.com

³ Discente da Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - juuh2698@gmail.com



languages whose knowledge comes from a process that begins, permeates and happens in/through the body. We will share, through one of the propositions offered by a guest artist-teacher, some of the reflections that the experiences lived in this extension action have been calling us to. Faced with the pandemic, we are betting on gaps like this one, which widen the space for the Arts in Education and expand the possibilities of an Aesthetic Education, which is made in/through the relationship, with art and sensibilities invited to dialogue.

Keywords: Sensitive Education. Art. Habitar-se. Pandemic.

1 Experimentar um acontecimento, criar outro: nós, a pandemia e o Habitar-se

E assim, nesse profundo mergulho na consciência de si, eu quero que você escute duas palavras e sinta onde elas batem: força (pausa) criativa. Onde bate no teu corpo? Sente. (Arquivo de pesquisa, 2021).

Esse fragmento, trecho da proposta do encontro “Em estado de Criação”, conduzido pela artista-professora Priscilla Menezes em abril de 2021 na ação de extensão Habitar-se, afirma o fundamento de nossas ações: experiência como aquilo que nos passa, nos toca e nos acontece (LARROSA, 2002), mobiliza, desloca e nos faz criar. Nesse sentido, acreditamos que o experimentado frente a frente com o mundo, sentindo suas forças acontecimentais, nos chega na qualidade de faíscas provocadoras de novas e outras ações, acionando nossas forças criativas e criadoras.

O cerne da extensão é fazer o que é desenvolvido na universidade transbordar em diálogo com a sociedade e demais espaços que a circundam. Assim, o foco de nossos projetos coloca Educação Universitária e Básica em constante relação, criando ações que colaborem com a formação de professoras/es, inicial e continuada. Para tanto, temos como referencial central os princípios da Educação Estética, pois

[...] educar primordialmente a sensibilidade constitui algo próximo a uma revolução nas atuais condições do ensino, mas é preciso tentar e forçar sua passagem através das brechas existentes, que são estreitas, mas podem permitir alargamentos (DUARTE JR., 2000, p. 212).



Para possibilitar tais alargamentos, articulamos pesquisas acadêmicas diversas, reflexões e produções tecidas pelos fios das artes, sensibilidades, criação, experiência e docência. Colocando um ponto de suspensão em nossa circulação pela Universidade e nos convocando a perceber as maneiras como a pandemia do novo coronavírus nos afetava, desde março de 2020 fomos atravessados, afastados e desarticulados. Um micro-organismo fez saltar as veias do mundo (SANTOS, 2020), expondo as mais diversas distorções sociais e pessoais, desigualdades, interesses e violências que antes, se mantinham escondidas, veladas ou mesmo naturalizadas. Pelo alto nível de transmissibilidade do vírus, fomos forçados ao afastamento físico, limitando nossa sociabilidade ao uso excessivo de telas, nos fazendo (re)aprender a estarmos em contato.

A pandemia se tornava um instante decisivo para sentirmos os elementos que perturbam nosso organismo, instituições, a nós e ao coletivo em que estamos inseridos. Assim, refletimos sobre como poderíamos nos manter ativos, criativos e criadores, presencialmente juntos em uma relação mediada por aparelhos eletrônicos. De que maneira manter o elo entre nós e as vias que nos fazem mover: educação, arte, sensibilidades e o vínculo relacional?

Instigados, nos colocamos diante dos afetamentos pandêmicos, das reinvenções solicitadas e dos recursos apresentados como ferramentas para abriremos frestas que possibilitem que não saíamos os mesmos dessa experiência. Não voltar à “normalidade” (KRENAK, 2020), mas nos voltarmos à humanidade, à criação e às sensibilidades que dela são intrínsecas. Latour (2020) também acendeu em nós a urgência de percebermos nossas ações-frestas como gestos que podem barrar, não só a imobilidade e solidão sentida diante do alastramento do novo coronavírus, mas uma lógica mecânica de estarmos no mundo afastados de possibilidades afetivas e presentes de ser.

Krenak (2019) nos provoca a pensar que vivemos em um tempo ausente de experiências e vida. Estesiarmos nossas capacidades de experimentar o prazer de estarmos vivos, dançar, cantar, mover, estabelecer relações e atuar na contramão dessas ausências implica recusar os estados de anestesia. Pelo encontro, pela



criação/expressão que nos conecta à vida, pela cooperação que nos mobiliza a construir uma sociabilidade sensível, trilhando assim caminhos de conexão consigo e com o outro.

À medida que os transtornos da pandemia se agravavam, nossas vontades de mover também pediam espaço e, então, em abril de 2020 criamos o Habitar-se: uma ação de extensão com o objetivo de promover momentos de autocuidado e a ocupação de nossos corpos-casa (BERTHERAT, 2000; VIANNA; CASTILHO, 2002), através de experiências estéticas com práticas artísticas e corporais variadas, percebendo e dialogando com os desafios enfrentados. Gratuito, aberto, remoto e voltado a momentos criativos de prestar atenção em si mesmo, com ênfase na experiência, nos estimulando a

[...] suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Inicialmente, o Habitar-se surgiu como proposta interna, direcionada aos integrantes de nosso Grupo de Pesquisa e estudantes do curso de Pedagogia, em um componente curricular obrigatório. No entanto, a ação evidenciou sua força de expansão nos convocando a ampliarmos seu alcance e, em maio de 2020, o tornamos público, como a nova ação extensiva do projeto “Corpo, Arte e Natureza: a metodologia de formação de professores”. Convidamos, por meio de nossas redes sociais do Instagram e Facebook, aos/às interessados/as em se nutrir pelas artes, sensibilidades, criação e pelo movimento a partir de uma plataforma remota de reuniões.

O Habitar-se, então, se estabeleceu como uma de nossas principais ações-frestas durante a pandemia, com encontros virtuais às quintas-feiras, durante uma hora e meia para oficinas corporais e artísticas com profissionais das áreas do corpo, do movimento, da educação e das artes. Até o presente momento, tivemos duas



temporadas, respectivamente com 14 e 7 proposições. Seguindo seu curso, nossa ação encontra-se no final de sua terceira temporada com a realização de 8 encontros.

Como foco, destacamos a experiência proposta pela artista visual do desenho e da poética e professora de Arte e Educação, Priscilla Menezes. Intitulado “Em estado de criação”, esse encontro nos mobilizou a afirmar a potencialidade das artes que tem emergido do/com o Habitar-se.

2 “Em estado de criação”: a força da arte no corpo

Ao revisitamos as sensações que a experiência com a proposição “Em estado de criação” nos causou, percebemos, mais uma vez, as potencialidades de colocarmos a Educação em diálogo com a Arte. Alguns momentos nos marcaram durante o processo e nos instigaram a sustentar o vivido, a fim de que ele nos mostrasse suas formas e consistências. Assim, percorreremos dois dos convites feitos pela propositora aos participantes, e uma narrativa final a partir do desenho feito como forma de registro da experiência.

No dia 15 de abril de 2021, terceira temporada do Habitar-se, a artista-professora começou agradecendo as presenças e ressaltando a coragem dos/das participantes de se colocarem disponíveis a experimentarem a vivência, uma coragem bonita “de vir fazer o que você nem sabe bem o que é” (Arquivo de Pesquisa, 2021). Depois, compartilhou o objetivo de investigar a possibilidade de a criatividade ser um estado corporal, uma hipótese para ser sentida e pesquisada coletivamente. Para tanto, seguiu um percurso marcado por três ações-convites: visualização imaginativa; registros; movências.

Evocando o desejo de possibilitar um estado de bem-estar, questionou:

O que que vai te trazer bem-estar agora? (pausa) Será que de repente é fechar a porta de onde você tá para te trazer um pouco mais de intimidade? Será que é baixar a luz? Pegar uma água? Ou, por exemplo, quando eu convidar para as movências, por favor, interprete esse convite em relação à sua possibilidade (Arquivo de Pesquisa, 2021).



A dimensão de cuidado e atenção às necessidades é elemento central no Habitar-se, apoiando-nos nesse momento de desafios, fomentando o direcionamento de afetos e solidariedade. Foucault (2004) pontua que o cuidado de si implica também a relação com o outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso a guiança de alguém que nos conte sobre sua experiência e nos sugira, quem sabe, caminhos para cultivar esse cuidado de forma atenta e implicada. Trata-se de um modo de se estar no mundo, uma atitude para consigo, o outro e o acerca de nós: uma relação, individual e coletiva.

Na prática desse cuidado, das sensibilidades e das artes na educação encontramos uma condição pedagógica e ética no cenário em que vivemos. Sustentar a imaginação no corpo, dar passagem aos pensamentos e dedicar atenção sensível ao que nos acontece foram gestos solicitados por Priscilla no segundo convite. Para fazê-lo ela nos inquietou com sua hipótese: “pra experimentar a criatividade no corpo a gente precisa abrir espaço” (Arquivo de Pesquisa, 2021). Nos convidou a esvaziar elementos que estivessem em excesso dentro de nós: afetos, imagens, sensações, preocupações, pensamentos, inquietações etc. Refletimos, assim, se alguns desses excessos estariam ocupando espaços do nosso estado criativo e registramos isso em papel por meio de palavras. Anotação que trazemos em imagem a seguir.

Figura 1 - Registro Escrito.

cansaço, sono, empolgação, alegria,
sentimento de liberdade, preocupação com
os trabalhos e prazos, saudades da praia,
dos amigos, do ar puro. Vontade de andar
sem rumo e de deixar a v. da me levar.
Desejo de mover e de me nutrir.

Fonte: Acervo de pesquisa (2021).



O quanto somos tomados/as de sobressalto pelas demandas de trabalho, problemas a resolver, tarefas inacabadas, contas a pagar, urgências da vida? Afinal, quanto de pensamento, tempo e atenção retiramos de nossos processos criativos por estarmos tomados por funções utilitaristas – do ter que fazer para viver e não viver para fazer?

Na contramão de uma perspectiva transmissiva e produtivista, pensamos a arte como forma de processar o vivido, o contexto, o que nos atravessa. Uma educação contagiada com as artes se dirige a experiências sensíveis e criativas, implica forjar uma política de conhecimento que opera movente entre o formar, conhecer e cuidar. Como atitude formativa que acontece na abertura aos encontros, sentimos que a arte nos potencializa, ativando a sensorialidade, permite sair de reduções normalizadoras. Ativa o campo que se mantém em permanente contato com a vida, de forma estética, em relação com a vida e sua atualidade, expandindo pela criação nossa compreensão de nós mesmos e do mundo.

Tratando de processos de relação com o corpo, sensibilidades, criatividade e ações no mundo, a Educação Estética evoca a artesanaria acreditando que é por meio do sentir, do estar incorporado a si e ao entorno, que se torna possível saber.

A educação precisa ser suficientemente sensível para perceber os apelos que partem daqueles a ela submetidos, mais precisamente de seus corpos, com suas expressões de alegria e desejo, de dor e tristeza, de prazer e desconforto (DUARTE JR., 2000, p. 212).

A estética dessa educação não tem a ver necessariamente com o belo (OSWALD, 2011), os formatos, a perfeição, a observação de uma obra de arte, mas sim com o que emociona, faz doer, convida à dança e o que nos faz trocar de lugar, nos reconhecermos em transformação, “[...] impregna[ndo-nos] do mundo físico e social pelos sentidos” (OSWALD, 2011, p. 25).

A proposta contou com três movências corporais - convites a partir de alguns disparadores. Duas destas práticas, conectadas a um exercício de imaginação e outro



de permanência. Nos deteremos nas duas primeiras, estabelecendo contato atencioso com a terceira em um momento futuro.

A primeira foi guiada pela ideia de criar relação do nosso corpo com o ar, gerando por meio do movimento uma espécie de ventania. A proposta era que o vento gerado não ficasse do lado de fora, mas entrasse no corpo, “preenchendo” os espaços abertos pelo primeiro convite. A segunda prática consistiu na escuta das palavras “força” “criativa” e na proposição de sentirmos como elas nos atravessavam, sustentando-as e imaginando-as em nossos corpos.

Evocamos essa força em imagem e nos movemos com a proposta de ampliá-la: tornando-a grande o suficiente para nos conduzir à dança.

O convite é que no final dessa movência, dessa música, essa força esteja no teu corpo inteiro. Então, a gente vai mover o corpo pra mover essa força. Pra ampliar. Para deixar ainda maior, mais extensa. Tenta não racionalizar muito como você vai fazer isso. Tenta experimentar. Vai movendo. Vai sentindo! Se parece que tá aumentando, continua. Se parece que te distanciando dela, muda um pouco a rota. Mas, não racionaliza. Deixa um pouco ela te conduzir nesse momento. Tá bom!?

(Arquivo de Pesquisa, 2021).

Dançamos, sentimos, criativamente e com força, percebendo as dinâmicas em que estamos inseridos/as e como se expressam em nossos corpos, nas maneiras como os pensamentos se somatizam em nossos tecidos e o quanto essas manifestações simbólicas se presentificam no mundo em nossos movimentos.

Com Foucault (2013), sentimos que é por meio do corpo, outro elemento central do Habitar-se, que o ser humano percebe a própria existência e o que mais lhe envolve: “temos um corpo, que este corpo tem uma forma, que esta forma tem um contorno, que no contorno há uma espessura, um peso; em suma, que o corpo ocupa um lugar” (FOUCAULT, 2013, p. 15). Por meio desse corpo nos habitarmos, formando um corpo coletivo e reconhecendo que as práticas que vivemos no encontro se inscrevem em nós.

Imaginações, notações e movências que, registradas artisticamente em nosso corpo, nos acompanham para além do momento exato do vivido. Extravasam o



tempo e o espaço demarcado à proposição e se afirmam no que apostamos e por essas trilhas nos movemos, escrevemos e pesquisamos.

3 A experiência sem ponto final

Do registro criado por uma das participantes-autoras deste relato, recuperamos e partilhamos abaixo a imagem do corpo enraizado no mundo, evidenciando uma experiência sem ponto final.

Figura 2 - Desenho.



Fonte: Acervo da pesquisa (2021).

O acontecimento, mesmo tendo apenas uma hora e meia de duração em um único dia da semana, insistiu em se esparramar pelos outros dias e meses, se alastrar pelas horas e capturar nossos interesses e atenções.

Apostando nesses encantamentos, a criadora do desenho expressou sua “força criativa” também no tecer desta narrativa:



Rememorando o encontro e revisitando meu desenho percebi que algumas sensações como a de liberdade, tranquilidade e alegria ainda se fazem presentes. Por integrar a equipe responsável pelo Habitar-se são raros os momentos que consigo estar de corpo inteiro dentro das propostas, devido às demandas organizacionais que envolvem a ação. Guardo este encontro no coração pois tive a possibilidade de participar das propostas mais ativamente. A sensação de esvaziar a mente e deixar a vida seguir seu fluxo começou a fazer parte da rotina. As cores, palavras e linhas em constante rodopios são um lembrete de que a leveza, a arte e sua força criativa são essenciais para seguirmos resistindo e nos nutrindo em meio aos tempos difíceis. (Acervo pesquisa, 2021)

Sentimos que nossa empreitada não nos convida a conclusões, mas alerta sobre a necessidade de deixarmos em aberto o tempo em que vivemos, estimuladas/os por medidas não previstas que nos permitem observar o que esparrama dos encontros e produções do Habitar-se, como experimentação continuada que está se transformando, “Em estado de criação”.

Seguimos nossas movimentações inacabadas, imprecisas – não previsíveis – como ato político e constante de se estabelecer vínculos afetuosos e inventivos. Continuamos na manutenção do Habitar-se enquanto grupo-rede, para o nosso suporte e para aqueles que vêm se habitar em coletivo.

Permanecemos, atravessando dias quarentenados, abrindo frestas nos limites dessa pandemia: formações-passagens que transpassam as telas do online, paredes da universidade, permeiam contextos e têm nas tensões da vida o ressignificar cotidiano da docência e da humanidade por meio das sensibilidades que fazem morada em nosso corpo-casa com presença e cuidado, terreno do mundo.

Referências

BERTHERAT, Thérèse. **O corpo tem suas razões**. SP: Martins Fontes, 2000.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.



FOUCAULT, Michel. **A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade**. Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Schawarzc S.A, 2019.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Schawarzc S.A, 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**[online], n.19, p. 20-28, 2002.

LATOURETTE, B. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise**. N-1 edições. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/008-1>>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

OSWALD, Maria Luiza. Educação pela carne: estesia e processos de criação. In: PASSOS, Mailsa Carla Pinto; PEREIRA, Rita Marisa Ribes (Orgs.). **Educação experiência estética**. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, S.A, 2020.

VIANNA, Angel; CASTILHO, Jacyan. **Percebendo o corpo: corpo que fala dentro e fora da Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.



Licenciaturas e Formação de Educadores/as Museais em Debate: relatos da experiência de uma atividade interdisciplinar

Teacher Training Courses and Museum Educators Preparation in Debate: experience report from an interdisciplinary activity

Andréa Fernandes Costa¹

Jonatan Silva²

Thatiana Antunes Vieira da Silva²

Ana Cristina Prado de Oliveira³

Resumo

Este texto relata a experiência obtida com o Ciclo de Debates “Licenciaturas e Educação Museal: Diálogos Possíveis”, ação extensionista online, realizada em julho de 2020, a partir da iniciativa de docentes e estudantes dos cursos de Museologia e Pedagogia da UNIRIO. O Ciclo se propôs a colocar em tela a discussão sobre a formação de educadores museais brasileiros. Em quatro encontros, que contaram com a participação de especialistas de diferentes áreas e instituições, um fecundo debate foi construído, abrindo portas para futuras iniciativas. A ação recebeu 150 inscrições em menos de 24h e 68 pessoas participaram de, no mínimo, três debates. Um formulário de avaliação online foi respondido por 50 participantes, revelando que a grande maioria dos respondentes consideraram que todos os objetivos do Ciclo foram alcançados e que os encontros foram entre “satisfatórios” e muito “satisfatórios”, além de registrar o interesse de quase todos em participar de ações futuras.

Palavras-chave: Educação Museal. Licenciaturas. Formação de Educadores Museais. Extensão.

Abstract

This paper reports the experience of the Debate Cycle “Teacher training courses and Museal Education: Possible Dialogues”, an online extension action, carried out in July 2020, from the initiative of teachers and students of the Museology and Pedagogy

¹ Docente do Departamento de Estudos e Processos Museológicos (DEPM) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - andrea@mn.ufrj.br

² Discentes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - dssilva.jonatan@gmail.com; thatiana.vieira90@edu.unirio.br

³ Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - ana.oliveira@unirio.br



courses at UNIRIO. The Cycle proposed to highlight the discussion about the Brazilian museum educators' training. In four meetings, which included the participation of experts from different areas and institutions, a productive debate was built, opening doors for future initiatives. The action received 150 entries in less than 24 hours and 68 people participated in at least three debates. An online evaluation form was answered by 50 participants, revealing that the vast majority of respondents considered that all of the Cycle's objectives were achieved and the meetings were evaluated between satisfactory and very satisfactory. In addition, almost everyone registered the interest in participating in future related actions.

Keywords: Museum Education. Teacher Training Courses. Museum Educators Training.

1 Apresentação

O Ciclo de Debates "Licenciaturas e Educação Museal: Diálogos Possíveis", ocorrido no primeiro semestre pandêmico de 2020, foi implementado por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC-UNIRIO) e organizado a partir de parceria que envolve docentes e discentes das Escolas de Educação e de Museologia da UNIRIO. Com o intuito de promover um canal de diálogo, colaboração e estreitamento das relações dos cursos de Licenciaturas, em especial a Pedagogia, com o campo museal, foram convidados profissionais de museus, escolas e universidades e estudantes para falarem sobre experiências e pesquisas desenvolvidas na interface entre museus e formação de educadores.

A Educação Museal, segundo Costa e colaboradores (2018, p.74), é uma modalidade educacional que envolve diferentes aspectos e que, a partir dos objetos musealizados, "coloca em perspectiva a ciência, a memória e o patrimônio cultural enquanto produtos da humanidade" e "[...] atua para uma formação crítica e integral dos indivíduos, sua emancipação e atuação consciente na sociedade com o fim de transformá-la." A partir dessa conceituação foi realizado, nos dias 14, 16, 21 e 23 de julho de 2020, das 16h às 18h, o Ciclo de Debates. O mesmo tinha os objetivos de discutir as potencialidades da Educação Museal na formação inicial de professores; contribuir para a aproximação entre Formação Inicial de Professores/Universidade e



a Educação Museal; apresentar o Museu como um possível espaço de atuação profissional para licenciados; e, ainda, debater os limites relacionados à formação de educadores museais no Brasil.

A ação, inicialmente voltada para 50 participantes, recebeu 150 respostas em menos de 24h, o que levou a organização a interromper as inscrições com esse número de participantes. Entre os inscritos figuravam estudantes, docentes, educadores e outros profissionais de diferentes universidades, museus, centros culturais, Institutos Federais, Secretarias de Educação, de Cultura, Grupos de Pesquisas, além de pessoas sem vínculo institucional, de pelo menos dez Estados (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Ceará, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso) e Distrito Federal.

Foram realizados quatro encontros online síncronos, por meio da plataforma Google Meet. Considerando a elevada procura, optou-se pela realização de transmissão dos debates em tempo real pelo Canal do YouTube “Ciclo de Debates LEDUMUS”, criado especialmente para esse fim⁴.

Os convidados, professores, pesquisadores e estudantes que se dedicam ao tema marcam a indissociabilidade entre ensino – pesquisa – extensão, característica chave da extensão universitária. Torna-se ainda importante destacar a ampla participação, ocorrendo ricos debates entre convidados e os inscritos. Apresentaremos brevemente uma síntese dos debates realizados, bem como a avaliação que os participantes fizeram dos mesmos.

2 O Ciclo de Debates e a avaliação feita pelos ouvintes

O primeiro encontro, realizado no dia 14 de julho, contou com a presença das Professoras Marielle Costa (COMUSE/IBRAM), Lygia Segala (UFF) e Carla Mahomed (IFRJ e UNIRIO) e com a mediação de Andréa Costa e Jonatan Silva. Com o título “*Qual o lugar da Educação Museal nos currículos de licenciatura?*”, o encontro objetivou discutir

⁴ Ver: <https://www.youtube.com/channel/UCXCPiBL1ZD3LtczQbTr8iig>



a formação inicial de educadores museais, tendo como locus de análise os cursos de licenciatura. As convidadas destacaram a falta de um consenso sobre a profissionalização do educador museal e a principal referência mencionada foi a Política Nacional da Educação Museal - PNEM. Torna-se importante, como lembrou a professora Marielle Costa, a definição de quais seriam os conhecimentos relevantes para a formação do educador museal - antes mesmo de discutir qual seria o curso que acolheria essa formação. Em relação aos currículos das Licenciaturas, a professora Carla Mahomed apresentou os resultados de sua pesquisa que incluiu um levantamento das disciplinas relacionadas à Educação Museal nos cursos de licenciatura da região sudeste, aprofundada com entrevistas realizadas com alguns dos professores responsáveis por tais disciplinas. Em seguida, a professora Lygia Segala narra uma interessante experiência de formação em rede de educadores museais, iniciada na Faculdade de Educação da UFF.

No dia 16 de julho foi realizado o segundo encontro, com o título "*Entre o museu e a sala de aula: educadores em formação*". Participaram desta mesa os professores Leonardo Carvalho (SEEDUC/RJ, Escola Parque, Escola Nova), Pedro Zille (SEEDUC/RJ) e Jaqueline Azambuja (SME/RJ). A mediação foi feita por Andréa Costa e Thatiana Antunes. Os convidados que atuam na Educação Básica regular, mas que tivessem também experiência como educadores museais, foram convidados a dialogar conosco sobre a interseção entre essas práticas e formações. O professor Pedro destaca a indissociabilidade entre suas experiências - no museu e na sala de aula - e a relevância das práticas no museu para suas atuais atividades docentes, incluindo uma relação mais construtiva com a produção do conhecimento. A professora Jaqueline apresentou o contexto das escolas públicas da rede municipal do Rio de Janeiro, ressaltando os distanciamentos - geográficos e sociais - entre a maior parte de seus alunos e os museus. Para enfrentar esse desafio, a professora tem dado ênfase à descoberta e discussão de que a ciência está no nosso dia a dia. O professor Leonardo afirmou que o museu o formou também como professor. De acordo com ele, os professores que tiveram a experiência na educação museal levam para sua prática em sala de aula a



vontade de popularizar a ciência, de criar uma relação positiva entre os alunos e o conhecimento científico.

O terceiro encontro ocorreu em 21 de julho de 2020 com a temática “*Gestão Educacional e Programa Educativo e Cultural*” e contou com profissionais de referência no campo da Educação Museal e da Gestão. Fernanda Castro iniciou o debate falando sobre a importância da PNEM (BRASIL, 2021), um documento referência no âmbito da política pública educacional que visa orientar instituições, poder público, prática educativa no campo da Educação Museal. Abordou que o plano museológico, apesar de importante ferramenta de gestão para os museus, é insuficiente para fomentar a constituição de propostas pedagógicas que levem em consideração as particularidades do museu. Outra importância atribuída à PNEM se refere ao debate sobre a profissionalização do educador museal, que sequer consta no Cadastro Brasileiro de Ocupações (CBO). Embora estejamos à frente de outros países e nos aprofundando nos debates, ainda há desafios a serem superados. A segunda participante, Mila Chiovatto, iniciou sua fala reforçando a batalha para consolidar uma área que, apesar de atuante e presente, ainda não recebe seu devido reconhecimento. Ressaltando os debates sobre a nova definição de museus, enfatiza a luta contra a desvalorização sistêmica da educação museal. Chiovatto compartilhou sua experiência atual na gestão, apresentando o Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em sua apresentação, destacou que o gestor deveria ser uma pessoa que compreende o processo educativo desde sua base até o fim do processo, bem como a complexidade envolvida, uma vez que não basta idealizar e realizar. A gestão deve estar em consonância com metodologias, referenciais e todo um arcabouço teórico e pressupostos educacionais dialogando com o acervo e o público, o planejamento, a avaliação (de viabilidade, acompanhamento e relatórios). Por fim, a convidada apresentou o plano de educação da Pinacoteca, documento de revisão contínua, e pontuou a importância de o plano de educação estar em consonância com o plano museológico. A terceira participante, Ana Cristina Oliveira, fez uma fala voltada para os estudantes de licenciatura e para a importância das experiências destes não se restringirem ao espaço escolar. Seu conhecimento tem relação com a gestão



educacional e de processos educativos, e reforça a necessidade de ampliação de um debate interdisciplinar, no qual o pedagogo teria importante papel na gestão dos processos educativos em espaços museais, bem como os demais licenciandos. A convidada ressaltou a necessidade de ampliação do conceito de gestão educacional, retomando seu princípio democrático e ultrapassando a ótica de participação, mas também abrangendo para além de espaços escolares formais. O encontro foi finalizado com depoimentos de estudantes de estágio em gestão nos museus, que deixaram o debate aberto para o próximo encontro.

Para o último encontro, realizado em 23 de julho, com o tema *“Estágio de licenciandos em Museus: olhar discente, olhar docente e olhar do museu”*, foram convidadas as professoras Martha Marandino (FE - USP e Coordenadora do GEENF), Fernanda Fontes (SME/RJ e graduanda em Museologia - UNIRIO) e Jonatan Silva (estudante de Pedagogia da UNIRIO, à época educador do Museu Histórico Nacional), com mediação de Andréa Costa e Ana Cristina Oliveira. Durante o debate foi destacada a relação universidade-escola-museu e a falta de reconhecimento do museu como um espaço de formação. Martha trouxe o diálogo a partir do currículo das licenciaturas, destacando as disputas existentes para incluir novos temas na formação de professores. Fernanda destacou sua experiência na graduação em pedagogia na UERJ, que a permitiu realizar um estágio em museu. Ela apresentou as atividades de estágio realizadas no Museu Nacional e afirmou que essa experiência a levou a cursar Museologia. Já Jonatan Silva promoveu uma articulação entre a sua formação e a implementação do Programa de Estágios no Museu Histórico Nacional, além de trazer os resultados prévios de sua pesquisa sobre a temática. Em ambas as falas houve um consenso em relação à falta de oferta de disciplinas que apontem os museus como espaços possíveis de atuação para um educador, além de ser pontuado que é necessário formalizar, através de programas nos museus e nas universidades, essa parceria para que não sejam apenas ações isoladas de docentes e discentes.

Em relação ao público participante, dos 150 inscritos, 68 cumpriram a carga horária mínima exigida (75%) para a emissão de certificado de ouvinte. A avaliação do Ciclo de Debates se deu por meio do envio de um formulário eletrônico (Formulário



Google®) a ser respondido anonimamente por todos os participantes da ação de extensão.

O instrumento de avaliação era composto por oito questões, entre abertas e fechadas (estas acompanhadas de espaços para comentários), divididas em quatro seções. Por meio de sua aplicação foi possível gerar dados sobre a ocupação dos respondentes, a sua opinião sobre o Ciclo, sugestões para futuras ações e, por fim, identificar o nível de interesse e as possíveis formas de participação dos respondentes em novas atividades. Ao todo, 50 pessoas responderam ao questionário e, no presente relato, nos ateremos aos resultados obtidos por meio das respostas dadas às questões fechadas.

A tabela abaixo apresenta a distribuição da ocupação exercida pelos participantes que avaliaram a ação. A soma das ocorrências é maior do que o número de respondentes (n=50), pois a mesma pessoa podia assinalar mais de uma ocupação.

Tabela 1. Distribuição da ocupação declarada pelos participantes que avaliaram a ação de acordo com o número de ocorrências

Ocupação Declarada	Nº de ocorrências
Educador Museal	27
Licenciando	15
Pós-graduando	9
Docente da Educação Básica	7
Docente do Ensino Superior	2
Outros	10

Fonte: Os autores (2020)

Destacamos a presença de estudantes de graduação e pós-graduação, apontando o impacto na formação destes, aspecto esperado de uma atividade extensionista. No caso desta proposta, organizada e registrada em parceria com dois



graduandos, este impacto traduz-se também no incentivo ao protagonismo dos estudantes nas atividades e comunicações universitárias.

Em relação ao alcance dos objetivos da atividade, os participantes manifestaram sua percepção em uma escala de 5 pontos. A tabela abaixo apresenta o total de participantes que consideraram que os objetivos propostos foram completamente alcançados.

Tabela 2. Distribuição dos objetivos da ação de acordo com o percentual de participantes que afirmaram que os mesmos foram completamente alcançados

Objetivos	Porcentagem
Apresentar o Museu como um possível espaço de atuação profissional para licenciados	86% (n=43)
Contribuir para a aproximação entre Formação Inicial de Professores/Universidade e a Educação Museal	76% (n=38)
Discutir as potencialidades da Educação Museal na formação inicial de professores	74% (n=37)
Debater os limites relacionados à formação de educadores museais no Brasil	66% (n=33)

n=número de participantes que responderam que o objetivo avaliado foi completamente alcançado. Fonte: Os autores (2020)

Usando uma escala de um a cinco, na qual um significava “muito insatisfeito/a” e cinco “muito satisfeito/a”, pedimos que os respondentes sinalizassem o seu grau de satisfação em relação aos quatro debates realizados. A indicação positiva de satisfação com a atividade, considerando a soma das respostas "muito satisfeito" e "satisfeito", é apresentada na tabela subsequente.

Tabela 3. Distribuição dos encontros de acordo com o percentual de participantes que afirmaram terem ficado “muitos satisfeitos” ou “satisfeitos” com os mesmos

Número do encontro	Porcentagem
Encontro 1	85,1% (n=40)
Encontro 2	83,3% (n=40)



Encontro 3	89,4 % (n=42)
Encontro 4	91,1% (n=41)

n=número de participantes que responderam terem ficado “muitos satisfeitos” ou “satisfeitos” com o encontro. O total de participantes do encontro 1 e 3 foi de 47 pessoas, encontro 2: 48 pessoas e encontro 4: 45 pessoas. Fonte: Os autores (2020)

A partir dos dados é possível afirmar que a maior parte dos respondentes avaliou positivamente a forma como os temas foram abordados pelos debatedores.

Pedimos, também, que os participantes avaliassem o formato do evento e as plataformas utilizadas. A tabela abaixo apresenta os resultados positivos desta avaliação ("ótimo" e "excelente"):

Tabela 4. Distribuição da avaliação do formato do evento e plataformas utilizadas de acordo com o percentual de participantes que responderam “ótimo” e “excelente”

Aspectos avaliados	Porcentagem
Plataforma de videoconferência (Google Meet) + Youtube	74% (n=37)
Número de encontros	74% (n=37)
Tempo de duração dos debates	60% (n=30)
Uso do Mentimeter ⁵	54% (n=27)
Horário dos encontros	54% (n=27)

n=número de participantes que responderam ótimo e excelente para o item avaliado.

O total de respostas avaliadas foi 50.

Fonte: Os autores (2020)

Dos respondentes, 42 (em 50), ou 84% dos participantes disseram possuir muito interesse em participar de um próximo ciclo de debates, revelando a relevância da temática abordada e a elevada demanda por parte do campo.

⁵ Plataforma online para criação e compartilhamento de apresentações de slides com interatividade



3 Considerações preliminares

A pandemia de Covid-19 demandou a reorganização do planejamento nas universidades. As atividades passaram a se realizar remotamente, objetivando garantir o necessário distanciamento social para limitar a propagação do vírus. Assim, por meio de diferentes plataformas interativas online, buscou-se dar continuidade às ações de ensino, pesquisa e extensão.

Dentre essas ações, situamos o Ciclo de Debates “*Licenciaturas e Educação Museal: diálogos possíveis*”, que por meio de uma ação extensionista veio consolidar o diálogo já iniciado entre os cursos de Pedagogia e de Museologia da UNIRIO. A proposta de aproximar as fronteiras entre os cursos para a discussão sobre o papel das licenciaturas na formação do educador museal, trazida pelos próprios alunos Jonatan Silva e Thatiana Antunes, teve uma grande adesão nos dois campos, conforme discutido anteriormente. Neste sentido, entendemos que a atividade atendeu a uma importante característica da extensão universitária: a interdisciplinaridade e interprofissionalidade, unindo campos, saberes e experiências na discussão de um tema comum. A atividade realizada de modo online contribuiu para ampliar o alcance do debate promovido pela mesma, ao possibilitar a abrangência de convidados e públicos de diferentes estados e instituições, atendendo à diretriz sobre o impacto na transformação social das atividades extensionistas. Entendemos que o Ciclo de Debates buscou alcançar este impacto atendendo diferentes públicos e espaços, multiplicadores das discussões aqui iniciadas.

Considerando os resultados apresentados e a avaliação interna, concluímos que o Ciclo de Debates atingiu seus objetivos ao: i) promover a interação dialógica entre a Universidade e a sociedade, por meio da escuta e articulação de saberes compartilhados por representantes de diferentes esferas sociais e do acolhimento de demandas de formação acadêmica, possibilitando a construção de novos conhecimento e subsídios para ação a partir dos encontros realizados; ii) iniciar uma rede de estudo e trocas de experiências que agregue diferentes cursos e espaços de formação, considerando as demandas sociais; iii) dar visibilidade ao tema, atingindo



um público diverso (regionalmente e institucionalmente); iv) criar um material de registro audiovisual aberto à consulta e interação para estudo e pesquisa e v) favorecer a formação técnica e cidadã dos estudantes envolvidos em sua concepção, implementação e avaliação.

Novas ideias, perguntas e propostas foram levantadas e serão certamente trabalhadas em novas iniciativas, com o intuito de agregar o acúmulo dos debates realizados, bem como fortalecer as discussões referentes à Educação Museal no âmbito das universidades.

Referências

BRASIL. Ministério do Turismo/Instituto Brasileiro de Museus. **Portaria IBRAM N° 605, de 10 de agosto de 2021**. Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Museal - PNEM e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n.153, p.91, 13 ago.2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-ibram-n-605-de-10-de-agosto-de-2021-338090192> . Acesso: 21 ago.2021.

COSTA, Andrea. *et al.* Educação Museal. In: IBRAM. Instituto Brasileiro de Museus. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf>>. Acesso em: 20 ago.2021.



“O corpo expressa”: Rodas de Movimento Vital Expressivo por meio da Extensão Universitária para promoção da saúde e cultura

*“The body expresses”: Expressive Vital Movement Rounds through University Extension for
health and culture promotion*

Stephanie de Carvalho Maia¹
Paula Luciene Joaquim Pereira²
Renata Flavia Abreu da Silva³
Liliana Angel Vargas³
Vanessa de Almeida Ferreira Corrêa³
Andressa Teoli Nunciaroni³

Resumo

O Movimento Vital Expressivo/Rio Aberto (MVE) é uma prática integrativa coletiva que atua na promoção da saúde de pessoas e grupos em diferentes contextos. Tem como elementos a roda, a música, a imitação, a coordenação, a expressão e o movimento do próprio corpo. Neste trabalho, pretende-se relatar a experiência extensionista das rodas online de MVE “O corpo expressa”, como parte do projeto “Integração corpo e mente: o MVE como Prática Integrativa de Promoção da Saúde na Atenção Primária (PROExC/UNIRIO)”. Trata-se de um relato de experiência em que o MVE foi realizado via plataforma Google Meet junto a um grupo de 16 participantes em cinco encontros intitulados “O corpo expressa”. O grupo relatou melhora de dores musculares, de postura, possibilidade de descanso e relaxamento, identificação de lembranças pessoais, autoconhecimento e percepção do próprio corpo. É, portanto, uma prática de promoção à saúde e de cultura do cuidado para vitalidade do sujeito.

Palavras-chave: Promoção da Saúde. Terapias Complementares. Assistência à Saúde Culturalmente Competente. Pandemia. Autocuidado.

Abstract

The Expressive Vital Movement/Open River (MVE) is a collective integrative practice that works to promote health for people and groups in different contexts. Its elements are people in round, music, imitation, coordination, expression, and body movement. In this paper we aimed to report the extension experience of the MVE online meetings

¹ Discente de Graduação em Enfermagem na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - stephaniecmaia@edu.unirio.br

² Psicóloga e pós-graduanda em Psicanálise - paula.pereira4246@gmail.com

³ Docentes da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - renata.f.silva@unirio.br; liliana.vargas@unirio.br; vanessa.correa@unirio.br; andressa.nunciaroni@unirio.br



"The body expresses", as part of the project "Body and Mind Integration: MVE as Integrative Practice of Health Promotion in Primary Health Care (PROEXC/UNIRIO)". This is an experience report in which the MVE was conducted via the Google Meet platform with a group of 16 participants in five meetings entitled "The body expresses". The group reported improvement in muscle pain, posture, possibility of rest and relax, identification of personal memories, self-knowledge, and perception of their own body. It is, therefore, a practice to promote health and culture of care for the person's vitality.

Keywords: Health Promotion. Complementary Therapies. Culturally Competent Care. Pandemic. Self-care.

1 Introdução

As práticas corporais e de atividade física passaram a integrar o Sistema Único de Saúde (SUS) por meio do Pacto em Defesa da Vida, o qual considerou como prioridades: o aprimoramento do acesso e da qualidade dos serviços prestados no SUS, com ênfase no fortalecimento da Estratégia Saúde da Família; e a promoção, informação e educação em saúde com foco em hábitos saudáveis (BRASIL, 2006a).

A partir da necessidade de se elaborar uma política transversal, integrada e intersetorial, que possibilitasse compor redes de compromisso entre profissionais de saúde e população e, ainda, potencializasse a corresponsabilidade quanto à qualidade de vida dos grupos da população, em que todos participam do cuidado com a saúde, elaborou-se a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) (BRASIL, 2006b).

Neste contexto, as ações de promoção da saúde contribuem para o rompimento da lógica pautada no tratamento médico de doenças, e buscam atuar sobre aspectos mais amplos da determinação da saúde em todas as fases do ciclo vital (BRASIL, 2006b). No que tange à prática corporal/ atividade física, enfatizada na PNPS e caracterizada como uma Prática Integrativa e Complementar em Saúde (BRASIL, 2006c), o Sistema Rio Aberto/ Movimento Vital Expressivo tem sido instituído no SUS e nos processos de cuidado.

O Sistema Rio Aberto foi fundado em 1966 pela psicóloga Maria Adela Palcos, na Argentina. Seus princípios se baseiam no desenvolvimento humano, no



experimento do corpo em movimento, nas energias e nos afetos (PALCOS, 2013). É extremamente relevante observar o momento histórico mundial quando foi criado, pois muitos países latino-americanos viviam em regime de ditadura e esse espaço possibilitou, através da voz e da dança, a manifestação dos medos, angústias e sofrimentos sem qualquer tipo de julgamento (PALCOS, 2013). Tem hoje representações em 11 países e atua principalmente nas áreas da educação, saúde e arte.

Dentre as práticas do Sistema Rio Aberto destaca-se o Movimento Vital Expressivo (MVE), cujo objetivo é despertar a vivência de novas maneiras de se mover; de perceber como o corpo se expressa e se relaciona com o outro e com o ambiente; de reconhecer limites e possibilidades; e de tomar consciência de que o corpo não é apenas delimitado pela barreira de um corpo físico, porém, constitui-se de uma unidade existencial (MELLO, 2012).

Trata-se de atividade coletiva que atua no sentido de despertar o sujeito para sua própria história e para a vida coletiva, o que possibilita o desenvolvimento da escuta sutil do corpo e estimula o potencial energético, afetivo, mental e espiritual do praticante (PALCOS, 2013; MELLO, 2012). É guiado por um instrutor formado pelo Sistema Rio Aberto e utiliza como principais elementos a roda, a música, a imitação, a coordenação, a expressão e o movimento do próprio corpo. Busca a realização de movimentos em que há experimentação de diferentes expressões, gestos e posturas, a fim de conectar a vitalidade, a alegria e o prazer de se mover (PALCOS, 2013; MELLO, 2012).

Práticas corporais como o MVE possibilitam a conexão com as diversas realidades existentes, marcadas pela forte cisão entre corpo e mente, comumente não percebidas no cotidiano, fazendo com que, por meio do movimento, se estabeleça uma sintonia entre aquilo que os praticantes pensam, sentem e fazem (PALCOS, 2013; MELLO, 2012; BARROS, 2008).

A partir do exposto, este artigo tem como objetivo relatar a experiência extensionista das rodas online de MVE “O corpo expressa”, como parte do projeto “Integração corpo e mente: o Movimento Vital Expressivo como Prática Integrativa de Promoção da Saúde na Atenção Primária (PROEXC/ UNIRIO)”.



2 Desenvolvimento

As medidas adotadas para controlar a propagação da pandemia de Covid 19 ao redor do mundo e no Brasil impuseram ações restritivas na vida, trabalho e relacionamentos na população, que geram uma sobrecarga de estresse tanto em nível físico como mental, em razão das incertezas sobre o futuro e do medo da própria morte ou de pessoas de seu convívio. Esta situação, segundo a própria ONU, deve gerar uma atenção diferenciada às demandas decorrentes do momento atual (GUTERRES,2020).

A partir de tal contexto, o projeto adaptou suas ações de extensão para o formato online com o objetivo de contribuir para a promoção da saúde física e mental da população geral, além de manter-se junto à comunidade, por meio da troca de conhecimento e saberes, em um momento de medidas restritivas na vida das pessoas.

Com isso criou-se as rodas intituladas: “O corpo expressa”, uma prática de saúde com encontros, trocas, cuidado e muito movimento! Estas, caracterizadas por encontros semanais com um grupo de participantes para a realização do MVE, desenvolveu-se durante cinco encontros, no período de novembro a dezembro de 2020, por meio da plataforma online Google Meet®, envolvendo no total 15 participantes.

2.1 Planejamento dos encontros semanais

Inicialmente divulgou-se amplamente a proposta na comunidade universitária interna da UNIRIO e para o público geral, por meio de redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas (Figura 1).



Figura 1: Convite aos participantes.



Fonte: As autoras (2021)

Cada encontro tinha limite de 15 participantes, para que as subjetividades fossem respeitadas e que todos pudessem ver os demais - ainda que pela câmera - como em uma roda, transformando aquele encontro em apenas um organismo. O número limitado de participantes foi importante também para que a instrutora - professora coordenadora do projeto de extensão - fosse capaz de identificar as limitações de cada pessoa e desenvolver melhor o MVE.

Semanalmente, a coordenadora do projeto se reuniu com a bolsista de extensão para planejamento do tema da aula e realizar a escolha das músicas que iriam compor o encontro. O grande desafio era planejar a roda para a realização do MVE de forma virtual, a fim de constituir um encontro de diversidades, em que há acolhimento de variadas pessoas, culturas e formas de vida. As músicas com diferentes ritmos, melodias e harmonias tinham que possibilitar o desenvolvimento do trabalho sobre expressão, ritmo, voz, respiração e coordenação a partir do movimento espontâneo, improvisado, de acordo com o que surgisse no momento e que fosse percebido pela instrutora.



Assim, organizaram-se as rodas, nos seguintes temas: “A vida é pra ser boa”, para energizar e integrar o grupo; “Minhas bases”, com foco em sentir o próprio corpo e sentimentos e reconhecer os eixos de sustentação; “Como eu me vejo”, para trabalhar o acolhimento e a gentileza consigo mesmo; “Espaços”, que abordou a percepção dos espaços internos e externos e suas relações com o corpo e com o novo; e “Eu sou um eixo”, para buscar a conexão entre as bases e o Universo. Salienta-se que a proposta da organização dos encontros, a partir de temas, justifica-se para a orientação do desenvolvimento da roda pela instrutora, pela bolsista e pela voluntária. Os temas não foram divulgados aos participantes, o que favoreceu a percepção e vivência de forma subjetiva e única para cada um.

A partir da divulgação e planejamento, identificou-se uma lista de interessados em participar das rodas online. Um convite particular foi enviado com as instruções para acessos ao primeiro encontro e, por fim, o grupo foi formado. Além da instrutora e da bolsista de extensão, as rodas “O corpo expressa” contaram com a participação de uma voluntária externa à Universidade, com formação em psicologia. Ao final de cada roda, os participantes foram convidados a relatar sua experiência de participação e suas percepções, e colocaram uma palavra que resumiu cada encontro.

2.2 Rodas Online de MVE - O Corpo Expressa

As rodas foram ministradas pela coordenadora do projeto de extensão, uma vez que possui formação como instrutora de MVE pelo Sistema Rio Aberto. A média de participantes por encontro foi de 12 pessoas. Apesar de todo o planejamento e preparação, a concretização das rodas “O Corpo Expressa” trouxe uma mistura de sentimentos de satisfação, com a certeza de que estávamos iniciando algo desconhecido. Isto porque o MVE traz em sua concepção:

Um corpo que não se limita a uma estrutura física, rígida, com forma definida, mas um corpo que se constrói a cada instante através da experiência e perpassado pelas percepções, simbologias, emoções e tudo o mais que pode afetá-lo (MELLO, 2012, pg 14).



No início de cada roda, após a chegada de todos na sala online, os participantes eram convidados a perceber seu corpo físico e emocional, a fim de que, naquele momento, reparassem ou observassem sua postura e seus sentimentos. A partir disso, a instrutora da roda trabalhou os centros de energia; plásticas expressivas; articulações; emoções; energia que circula por um único corpo e pelo grupo; e o olhar, por meio de diferentes movimentos que exploram o ser humano como um todo.

Destaca-se que o novo desafio de desenvolvimento do MVE online trouxe a necessidade de incentivar os participantes a utilizarem a câmera do aparelho eletrônico de uso para o Google Meet®. Assim, empregaram-se os recursos relacionados à aproximação e afastamento da câmera, olhar direto para a câmera/praticantes, movimentos em duplas por meio de combinação prévia entre os participantes, aproveitamento do espaço físico que cada um dispunha. Atividades meditativas, introspectivas ou de relaxamento *versus* atividades de estímulo à vitalidade e descontração em grupo foram exploradas, além do recurso “stop” - que consiste em parar para observar-se e sentir-se.

De forma presencial, alguns recursos materiais podem ser utilizados: bolas, lenços, chapéus e, ainda, pode-se estimular a produção de elementos artísticos como desenhos e esculturas e produções escritas durante as atividades. No entanto, no formato online, tais recursos não foram utilizados por se tratar de uma limitação. É importante ter clareza de que o instrutor faz parte da roda, não ocupa uma posição de destaque, dá forma e expressão ao que alguém do grupo esboça (BARROS, 2008). Assim, este constitui-se um dos grandes desafios das rodas no formato remoto.

A despeito dos desafios, os relatos dos participantes observados pela equipe do projeto de extensão incluíram que as rodas “O corpo expressa” trouxeram vivências positivas e percepções subjetivas. Ao final de cada roda, os participantes eram convidados a relatarem como se sentiram e quais foram as suas percepções pessoais. Para alguns, o MVE representou melhora de dores musculares e descanso. Outros relataram a percepção da dificuldade em falar “não” ou de estabelecer limites. Outros,



ainda, trouxeram à memória momentos com familiares, alegres ou tristes, mas que puderam ser acolhidos. A observação da postura ao ficar em pé mostrou, para alguns, o quanto é importante ter “os pés no chão”, mas para outros que é permitido sonhar.

Estudos realizados no município de Campinas (SP), onde a prática de MVE é institucionalizada na Atenção Primária à Saúde, revelam que as principais motivações pessoais para frequentar os grupos presenciais de MVE são inicialmente físicas, como emagrecer ou controlar doenças e dores crônicas (HALLAIS, 2016; MELLO, 2012). No entanto, destacam-se a oportunidade de ter um espaço de encontro e convivência, para a produção de novas convivialidades, e a possibilidade de superar as limitações físicas, uma vez que na roda não há exigências sobre perfeição ou conceitos de certo e errado, logo, cada um se movimenta da maneira que se sentir melhor, sendo uma das motivações a continuar no grupo (HALLAIS, 2016; MELLO, 2012).

Outras vivências relatadas pelos participantes das rodas “O corpo expressa” foram: a identificação da necessidade de relaxamento com a possibilidade de se permitir descansar ao final de cada roda; de perceber os apoios em diferentes posturas; de ver e ser visto; de atender (ou não) às expectativas externas e de terceiros; de reconhecer os limites e a liberdade. Tais vivências dialogam na forma de grupo, a partir da reciprocidade e da solidariedade.

Somando as percepções e sentimentos individuais, a pandemia perpassou de forma transversal a experiência nas rodas “O corpo expressa”. Emoções que antes estavam contidas como solidão, medo e tristeza puderam ser expressas, ao passo que alegria, ânimo e apoio foram sentidos. Um convite ao passado foi experienciado, com músicas que remetem a atitudes pueris, como brincar, girar e pular. Tais emoções também estiveram presentes em relatos de praticantes do município de Campinas (SP), reforçando sentimentos de valorização do ser humano, de se sentir parte de um todo, da integralidade do sujeito, tornando a pessoa mais hábil para enfrentar e decidir sobre aspectos da sua vida levando à maior autonomia e ao cuidado emancipador (HALLAIS, 2016; MELLO, 2012).

Destaca-se que a experiência para a equipe deste projeto de extensão foi semelhante àquela relatada pelos participantes. Ainda, compreendeu as sensações de



em especial pelas atividades remotas, produziu um espaço de autocuidado e de apoio às vivências particulares de cada um dos participantes.

3 Conclusão

A articulação das ações de extensão universitárias com o Sistema Rio Aberto/MVE, a partir de experiências relatadas por instrutores e participantes das rodas, contribuiu para o desenvolvimento humano e para a potência do corpo, o que promoveu um viver mais pleno, feliz e afetivo. Ainda que realizadas de forma remota, as rodas de MVE podem contribuir para a criação de uma nova cultura de cuidado que enfatiza a vitalidade e se contrapõe à dualidade “saúde x doença”. A continuidade dessa nova cultura de cuidado pode ser estimulada por meio de projetos de extensão, mostrando que as rodas de MVE podem ser um lugar para encontrar as pessoas, trocar informações, vivenciar momentos prazerosos, cuidar de si e, desta forma, promover a saúde.

Referências

BARROS, Laura Pozzana. **O Corpo em Conexão: Sistema Rio Aberto**. 1ª Edição. Niterói: EdUFF, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Departamento de Apoio à Descentralização. Coordenação-Geral de Apoio à Gestão Descentralizada. **Diretrizes operacionais dos Pactos pela Vida, em Defesa do SUS e de Gestão / Ministério da Saúde**, Secretaria Executiva, Departamento de Apoio à Descentralização. Coordenação-Geral de Apoio à Gestão Descentralizada. Brasília: Ministério da Saúde, 2006a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política nacional de promoção da saúde / Ministério da Saúde**, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b.

BRASIL. **Portaria nº 971**, de 3 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde, 2006c.



GUTERRES, António. Organização das Nações Unidas (ONU). ONU diz que medo não pode viralizar após pandemia de novo coronavírus [Internet]. **ONU News**. 12 de março de 2020 Disponível em <<https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707031>>. Acesso em: 10 ago 2021.

HALLAIS, Janaína Alves da Silveira. **Sociabilizando na prática:** as formas de sociabilidade nos grupos de práticas corporais na Atenção Primária em Campinas/SP. 2016. 144 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/312953>>. Acesso em: 02 de agosto de 2021.

MELLO, Claudia Vaz Pupo de. **O movimento vital expressivo-sistema Rio Abierto na atenção primária em saúde:** percepções dos usuários. 2012. 80 p. Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/308936>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

PALCOS, Maria Adela. **Del cuerpo hacia la luz**. 1ª Edição. Buenos Aires: Ed Kier. 2013.

